

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

TERÇA-FEIRA
4 DE NOVEMBRO DE 2003
GRATUITO
ANO XIII
EDIÇÃO Nº102

ESTUDANTES PROTESTAM AMANHÃ EM LISBOA

Manifestação nacional une universidades e politécnicos

Os alunos do ensino superior público de todo o país reúnem-se amanhã numa acção de protesto contra as políticas educativas adoptadas pela tutela do sector. As principais bandeiras que os estudantes querem empunhar frente à Assembleia da República prendem-se com o

pagamento de propinas, a deficitária acção social e o regime de prescrições. As associações académicas e de estudantes apostaram nas últimas semanas em campanhas de mobilização, para que esta manifestação seja um ponto alto na guerra que tem vindo a ser travada com o

Governo. Os dirigentes estudantis queixam-se das consequências negativas do novo pacote legislativo e são unânimes em afirmar o descrédito no trabalho levado a cabo por Maria da Graça Carvalho ao leme do Ministério da Ciência e do Ensino Superior. **PÁG 7**

JONAS BATISTA



ACÇÃO SOCIAL ABAIXO DA MÉDIA

O mais recente relatório da OCDE coloca a acção social portuguesa abaixo da média europeia. Numa altura de contestação estudantil pela aplicação de um controverso pacote legislativo para o ensino superior, es-

te é um tema na ordem do dia. Tanto estudantes como serviços de acção social defendem que o actual regulamento está desajustado, dado que não abrange alguns dos alunos economicamente mais carenciados. Isto

quando, de acordo com os especialistas, o aumento das propinas trará grandes dificuldades para muitos agregados familiares, podendo mesmo deixar de fora do último patamar de ensino os candidatos com menos

possibilidades financeiras. Também os aumentos verificados nos montantes da bolsa de estudo são alvo de críticas, na medida em que não acompanham a inflação prevista pelo Banco de Portugal. **PÁG. 2 e 3**

Academia

Mais um candidato para a DG/AAC

Com a aproximação das eleições para a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, mais um projecto dá um passo em frente e apresenta candidatura. Bruno Julião, estudante da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, explica no que se baseia a "Corrente Alternativa" e fala da necessidade de aproveitar o potencial da academia coimbrã.



PÁG.8

Entrevista

"O Falhado não é ninguém em particular"

"Longe de mim querer fazer um quadro deste país. Não me formei em medicina nacional". É desta forma desassombrada que J.P. Simões fala do seu novo trabalho, "A Ópera do Falhado". O projecto é uma criação do vocalista dos Belle Chase Hotel e de Sérgio Costa, em conjunto com a Academia Contemporânea do Espectáculo e o Teatro do Bolhão. Depois da estreia no Porto, a "Ópera do Falhado" passa por Coimbra, já no próximo fim-de-semana.

PÁG.21

Projecto da discórdia

Eurostadium quer revitalizar Solum

Cerca de um mês e meio depois da inauguração oficial, o Estádio Cidade de Coimbra recebeu na semana passada o primeiro grande evento desportivo. Ainda em fase de construção está o projecto Eurostadium, que pretende revitalizar a área da Solum. Envolto em polémica, o renovado Calhabé continua a dividir a população.

PÁG.18 e 19

Parque Verde do Mondego

Tiveram início na sexta-feira as obras do Programa Polis, que visam revitalizar a zona ribeirinha. **PÁG.10**

Tudo sobre a última Magna em

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

SUMÁRIO

Destaque	2	Ciência	13
Opinião	4	Reportagem	14
Academia	7	Desporto	16
Universidade	9	Cultura	20
Cidade	10	Artes Feitas	24
Nacional	11	Agenda	26
Internacional	12	Vinte&três	27

Regulamento de bolsas considerado desadequado

Nova proposta para sistema de apoio a estudantes carenciados pode ser apresentada já este mês

Estudantes e serviços de acção social consideram que o actual regulamento está desactualizado. Segundo estes, existem muitos estudantes carenciados que não são abrangidos pelo serviço de bolsas

Emanuel Graça
David Jacob

É já este mês que pode ser apresentado o novo regulamento de atribuição de bolsas para o ensino superior. Segundo declarações de fonte do Ministério da Ciência e do Ensino Superior (MCES), o novo regulamento está em período de elaboração, a cargo de um grupo de trabalho liderado pelo secretário de Estado do Ensino Superior, Jorge Moreira da Silva, pelo que foram pedidos os contributos dos administradores dos serviços de acção social dos vários estabelecimentos de ensino superior público, assim como do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas e do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos. Assim que esses contributos estejam compilados, o documento será entregue ao Conselho Nacional para a Acção Social do Ensino Superior (CNASES) e entrará em período de discussão pública.

Segundo declarações da ministra da tutela, admite-se nesta revisão aumentar o tecto do rendimento per capita máximo a partir do qual se tem acesso a bolsa de estudo, bem como os próprios valores da bolsa. No entanto, para já, Maria da Graça Carvalho prefere não adiantar muitas alterações, mostrando-se apenas contra um sistema de empréstimos apoiado pelos serviços de acção social.

O certo é que esta área continua a gerar polémica. Embora desde o início o MCES se tenha preocupado em garantir que “ninguém será excluído do ensino superior por incapacidade financeira” - o que, aliás, está consagrado na nova lei de financiamento - os estudantes alegam que este princípio está longe de ser cumprido.

Na opinião dos dirigentes associativos estudantis, o actual Regulamento de Atribuição de Bolsas de Estudo a Estudantes do Ensino Superior Público, aprovado em 1997, está desfasado da realidade. Segundo explicam, não só os apoios existentes até agora eram insuficientes como, com o aumento das propinas na ordem dos 140 por cento, fica posta em causa a frequência no ensino superior dos estudantes com rendimentos baixos. Para evitar esta questão, o MCES aumentou o valor das bolsas de forma a acompanhar a nova propina (ver página ao lado). No entanto, na opinião de Francisco Costa, presidente da Associação de



Ministra da Ciência e do Ensino Superior afirma que ninguém ficará de fora do ensino superior por falta de meios financeiros

Estudantes da Universidade de Évora e representante demissionário dos estudantes do ensino universitário público do CNASES, esta medida não salvaguarda as franjas do sistema de atribuição de bolsas. Ou seja, ficaram de fora vários estudantes e famílias que, por apresentarem um rendimento per capita que ultrapassava o cálculo em apenas cinco euros, não são elegíveis para a atribuição de bolsa.

Assim, para Francisco Costa, o actual regulamento está longe de ser “justo”. Além de colocar em causa os “estudantes-franja”, só usufruem de uma “bolsa condigna” os alunos que têm um rendimento na ordem dos 35 e 40 euros, explica. Assim, “se este sistema não for alterado, muito mais gente fica de fora”, o que torna difícil “cumprir o princípio de que ninguém é excluído do ensino superior por falta de apoio social”, remata o estudante da Universidade de Évora, concluindo que “as expectativas não são, pois, as melhores”.

“Regulamento funciona como um travão”

Quem corrobora com estas afirmações é Elisa Mota, responsável pelo serviço de bolsas dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra. Na sua opinião, a questão

do limite do ordenado mínimo nacional para a atribuição de bolsas de estudo, deixando muitas vezes de fora alunos também carenciados, é um problema que pode afastar do ensino superior bastantes alunos. Por outro lado, critica também os escalões estipulados na lei para atribuição de bolsas, que considera demasiado amplos e desadequados.

Para Elisa Mota, o principal problema da acção social é que “o actual regulamento de bolsas funciona como um travão à atribuição de apoio a outro tipo de estudantes”, ao mesmo tempo que beneficia aqueles que fogem aos impostos. Esta responsável defende uma reforma do actual regulamento que una critérios de capitação com factores correlativos, como acontecia até 1997. Neste caso, a famílias numerosas com vários filhos no ensino superior ou mini-agregados, por exemplo, eram atribuídas pontuações positivas, que se traduziam depois em aumentos no valor final da bolsa. No extremo oposto, eram também dados pontos negativos para situações que pudessem esconder situações de fuga aos impostos, como a dos trabalhadores liberais ou grandes produtores agrícolas, o que redundava em descontos no valor da bolsa final a ser atribuída.

Apoios diferenciados

Quem discorda desta sugestão é Elsa Justino, responsável pelo Fundo de Acção Social (FAS). Segundo explica, não acredita na “arbitrariedade” do sistema de pontuações, defendendo antes os sistemas de regras técnicas de cálculo de rendimentos. Nestes casos, afirma a especialista, a base de cálculo é feita sobre o IRS. Agora, “se o IRS em Portugal não é um bom instrumento, paciência, porque ele é o instrumento que está disponível e é o mais fiável que temos”, adverte a especialista.

Questionada acerca das declarações ministeriais de que nenhum estudante carenciado vai ficar de fora do sistema de acção social, Elsa Justino é contundente: “As situações de excepção estão previstas na lei. Só abaixo do salário mínimo é considerado economicamente carenciado. É necessário arranjar uma baliza ou seria um universo de todos os estudantes”, esclarece.

De resto, a directora-geral do FAS considera ainda desproporcionada a discussão em torno dos “alunos-franja”. Na sua opinião, esta não é uma situação generalizada, sendo mais necessário avançar com “medidas diferenciadas para alunos diferenciados”. Defende que os alunos que ficam na franja são cada vez

mais alunos diferenciados dos restantes que são apanhados pelas bolsas: “São alunos que não têm agregado familiar constituído, que não vivem com os pais, muitos são trabalhadores-estudantes, outros regressaram à universidade para fazer uma formação de reconversão, sendo que para esses deve haver medidas diferenciadas, pois nunca vão caber no intervalo a que são atribuídas bolsas”.

Já referindo-se às exigências estudantis, a responsável afirma que apoia a luta, mas salienta que “há formas e formas de se referir ao assunto”. Considera claramente desajustadas as afirmações dos dirigentes estudantis quando dizem que a acção social é inexistente. E ironiza: “Questiono-me onde é que eles vão comer todos os dias e porque é que não olham para o lado e vêm que existem estudantes que, se não fosse isto, nunca estariam no ensino superior”. Por outro lado, lamenta também a ligação do assunto da acção social às propinas. “Se nós ligarmos a acção social somente às propinas (e acção social tem obrigações de inserção e sucesso escolar), quando esta questão estiver resolvida, parece-me que a discussão em torno da acção social se vai afundar outra vez”, adverte Elsa Justino.



Um quinto dos estudantes do ensino superior público deve obter bolsa em 2003/2004

Estudantes bolseiros perdem poder de compra

Aumento das bolsas de estudo não se traduz em aumento real, mas sim em perda para os alunos bolseiros

Apesar do aumento do orçamento de Estado do Ministério da Ciência e do Ensino Superior para a área da acção social, os estudantes bolseiros vão perder poder de compra real. Também o número de bolseiros não deverá sofrer alterações significativas, visto que o método de atribuição de bolsas se mantém o mesmo (ver página ao lado). Assim, o aumento de 16,7 por cento previsto para 2004 para a acção

social será, sobretudo, vocacionado para colmatar as necessidades decorrentes do aumento das propinas e para a construção de residências e de cantinas.

Em relação às bolsas de estudo, o que se verifica é um aumento uniforme em todos os escalões, de forma a permitir que todos os alunos estejam em condições de pagar integralmente a propina mínima. Assim, com este aumento de 10,70 euros mensais (conhecido como factor p - propina), procura-se acompanhar um princípio que já existia anteriormente - se antes a bolsa mínima correspondia à propina, agora passa a corresponder à propina mínima. Este princípio é abandonado no caso do estabelecimento de ensino frequentado ter fixado uma propina acima do mínimo. Nessa situação, é o próprio Governo a custear a diferença entre os dois valores, transferindo-o directamente para as universidades e politécnicos em causa.

No entanto, apesar deste aumento para pagar a propina, o valor do apoio real aos alunos diminuiu. Isto porque, depois de liquidado o valor total da propina, um estudante bolseiro em 2003/2004 fica exactamente com o mesmo valor para os gastos de alimentação, alojamento e vestuário que um estudante bolseiro do mesmo escalão em 2002/2003. A única actualização verificada entre os dois anos foi de 2,5 por cento e refere-se ao aumento anual do salário mínimo, valor a que a bolsa base está indexada. O problema é que, pela primeira vez nos últimos anos, o aumento da inflação previsto pelo Banco de Portugal para 2003 está mais de um ponto percentual acima do aumento verificado este ano para o salário mínimo. Ou seja, em termos práticos, os alunos bolseiros perderam

poder de compra, apesar do aumento verificado nas bolsas.

Número de bolseiros mantém-se

Apesar de ainda não estarem totalmente atribuídas, o número de bolsas de estudo para o ensino superior público para 2003/2004 não deverá diferir muito do ano passado, segundo o Fundo de Acção Social. Assim, espera-se que quase 20 por cento dos cerca de 248 mil e quinhentos estudantes a frequentar actualmente estabelecimentos de ensino superior público seja abrangido pelo serviço de bolsas de estudo.

No entanto, destes apenas dois por cento devem estar integrados no escalão mais elevado, podendo então receber uma bolsa que oscila entre os 367,3 euros mensais e os 331,6 euros, dependendo do rendimento per capita do agregado familiar. Os restantes estudantes bolseiros encaixam-se num universo cuja bolsa pode variar entre os 331,6 euros e os 46,3 euros mensais (bolsa mínima). Isto num panorama onde a bolsa média deverá rondar os cerca de 140 euros.

Assim, segundo fonte do Ministério da Ciência e do Ensino Superior, a região centro deve mais uma vez liderar em número de alunos bolseiros - cerca de 15 mil. Destes, mais de 4000 frequentam a Universidade de Coimbra, o estabelecimento de ensino superior nacional com mais alunos carenciados, a par da Universidade do Minho.

Outros números que também deverão manter-se na acção social são o preço das refeições sociais, cujo valor é actualmente correspondente a 0,5 por cento do salário mínimo nacional - 1,8 euros, e o preço do alojamento para os estudantes bolseiros - 53,49 euros (15 por cento do salário mínimo).

Gastos podem deixar alunos de fora

A elevada participação dos agregados familiares no financiamento do ensino superior pode impossibilitar o acesso de muitos alunos a este nível de ensino, situação que é agravada com o aumento das propinas. Quem o diz é Belmiro Cabrito, professor da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa, autor de trabalhos nesta área.

Segundo as conclusões obtidas por este investigador, esta é uma situação que afecta em particular as famílias dos estudantes deslocados que, para além dos seus gastos habituais com material escolar, alimentação e vestuário, têm ainda de suportar o valor do alojamento.

Belmiro Cabrito insiste sobretudo no problema do aumento do valor das propinas, que considera bastante difícil de comportar para muitas famílias. Justificando-se, o especialista afirma que actualmente existem famílias a gastarem mais de 30 por cento do seu orçamento na educação ao nível superior dos filhos, valor este que pode atingir mesmo os 50 por cento, no caso de existirem dois filhos a frequentar o ensino superior. Por fim, relembra ainda que a fraca evolução dos salários e a precarização do emprego não ajuda em nada a situação das famílias com filhos na universidade e dos trabalhadores-estudantes que, deste modo, podem ver posta em causa a sua participação no ensino superior.

Portugal longe da média da OCDE

Segundo o mais recente relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) sobre a educação, "Education at a Glance 2003", Portugal está abaixo da média no que respeita aos apoios sociais estatais para os estudantes do ensino superior. Segundo as conclusões deste documento, a percentagem do Produto Interno Bruto (PIB) português gasta na acção social para o ensino superior situa-se abaixo da média do conjunto dos países da OCDE. Deste modo, se em Portugal esse valor se situa nos 0,07 por cento do PIB, já a média na OCDE é de 0,24 por cento, ou seja, mais do que o triplo do valor do investimento nacional previsto para esta área.

Por outro lado, Portugal está também abaixo da média da OCDE no que toca à percentagem da despesa pública gasta com o ensino superior aplicada em bolsas de estudo e alojamento estudantil. A partir deste estudo, que se baseia em valores relativos ao ano de 2000, verifica-se que, se a percentagem do orçamento nacional do ensino superior atribuída a bolsas de estudo e apoios com alojamento foi de 6,7 por cento, já na OCDE a média dessa percentagem alcançou os 11 por cento. No entanto, na maioria dos países-membros desta organização existem outros mecanismos de apoio aos estudantes carenciados para além das bolsas de estudo e apoios para alojamento, nomeadamente instituições privadas de apoio aos estudantes e sistemas de empréstimos. Por isso, a média final da OCDE para apoios sociais ao ensino superior ascende aos 16,8 por cento, enquanto Portugal se mantém nos mesmos 6,7.

Segundo este relatório, os países que mais apostam na acção social no ensino superior são a Austrália, Dinamarca, Nova Zelândia, Suécia e Reino Unido. Nestes casos, a percentagem do orçamento do ensino superior atribuída aos apoios para os estudantes mais necessitados ascende a mais de 30 por cento. No caso da Nova Zelândia, essa fatia atinge mesmo quase metade do valor total atribuído para esta área (46,3 por cento).

De resto, e segundo as conclusões do "Education at a Glance 2003", os apoios estatais à acção social para o ensino superior são mais evidentes em países onde se espera que os estudantes contribuam, pelo menos em parte, no pagamento da sua formação universitária. Por outro lado, conclui-se também que os sistemas de empréstimos são mais usuais em países com elevadas taxas de participação no ensino superior.

Quanto a estratégias de futuro, este relatório reconhece a importância do apoio social atribuído sob várias formas como meio de promover a igualdade de acesso a uma formação superior, defendendo a existência de outras ferramentas de apoio ao estudante para além da bolsa. É reconhecido ainda pela OCDE que o apoio social pode funcionar como uma forma de promover o sucesso escolar, sendo uma alternativa financeira para os trabalhadores-estudantes.



Cerca de 44 mil estudantes obtiveram bolsa

Bolseiros do ensino superior público:

Região Norte - 13 849
Região Centro - 14 668
Região Lisboa e Vale do Tejo - 10 789
Região do Alentejo - 2 733
Região do Algarve - 931
Açores e Madeira: 1 472
Total: 44 442

Total de camas disponíveis em residências estudantis: 11 978

Fonte: MCES © GRAPHIC NEWS

EDITORIAL

Porque manifestar é pensar

Na véspera de mais uma acção reivindicativa em Lisboa e na ressaca de uma Assembleia Magna da Associação Académica de Coimbra (AAC), vale a pena meditar um pouco sobre a luta estudantil.

Parece óbvio que, longe de estar a cair nas graças da opinião pública, a contestação passa por momentos difíceis. Apesar de as acções de luta terem uma relativa unanimidade no seio da comunidade estudantil, estão muito longe de conseguir o mesmo efeito no exterior.

Numa altura em que o país está de “tanga”, em que os trabalhadores por conta de outrem lutam contra o Código do Trabalho, em que o desemprego sobe e as taxas de crescimento económico decaem, o protesto estudantil é visto com desdém pela maioria e como um capricho revolucionário de uma pequena classe aburguesada. As manifestações são encaradas pela maioria

de um ponto de vista quase folclórico e ritualístico, e catalogadas no mesmo registo de imaginário que as praxes ou as bebedeiras e amores do tempo de estudante.

O problema é que, muitas vezes, são os próprios estudantes que concorrem para que a sua luta perca valor junto da comunidade. Alegadas ameaças de bomba, recusas por princípio ao diálogo ou acções judiciais contra o Governo por publicidade enganosa no que toca à acção social estão, neste ponto, longe de serem formas de contestação activa e credível. Se a irreverência estudantil sempre foi apanágio dos estudantes e, principalmente, da academia de Coimbra, o certo é que neste momento se exige uma enorme concertação de esforços em torno da luta estudantil. Por isso, as eleições para a Direcção-Geral da AAC, principalmente por se afigurarem tão concorridas (A CABRA apresenta hoje mais um candidato - o quinto), podem funcionar, a curto prazo, como um tónico às causas dos estudantes, mas a longo prazo, como um “haraquiri” da mobilização estudantil em Coimbra. É por isso que se exige já à partida que os vários candidatos e listas saibam estar e, do mesmo modo que sucedeu o ano passado após a eleição de Victor Hugo Salgado, saibam continuar o seu papel como agentes promotores da discussão e do debate acerca do ensino superior.

Noutro ângulo, é também necessário convencer os docentes para que, de uma forma activa, venham à praça pública afirmar as suas opiniões, sejam elas quais forem. Fecharem-se nas elevadas torres das suas cátedras pouco pode contribuir para elevar o debate. A esse respeito, saudam-se docentes como Paquete de Oliveira, que publicamente e agora

nas páginas do nosso jornal, não têm receio em falar do tema. Porque a temática do debate e reforma do ensino superior diz tanto respeito aos reitores como aos docentes, diz tanto respeito aos dirigentes associativos como ao comum estudante.

E então, como estudante, o que fazer para credibilizar a luta? Para já, participar civicamente e em consciência neste debate. E, para tal, há que ir, logo à partida, às Assembleias Magnas e expressar opinião. Positiva ou contrária ao “mainstream” estudantil, só assim ela poderá ser ouvida. No entanto, há também que expressá-la como alguma honestidade: são ridículas as coisas que, muitas vezes, se propõem em Magna, mas, muitas vezes mais, são ridículas as moções aprovadas, contradizendo-se claramente umas às outras de forma infantil.

Numa altura em que, no estranho mundo do Ministério da Ciência e do Ensino Superior, a nova ministra Maria da Graça Carvalho não reconhece o corte no orçamento de funcionamento denunciado pelos reitores e alega que as verbas das propinas vão servir para aumentar a qualidade, cabe aos estudantes serem o farol deste mar de discordâncias e contradições. No entanto, para tal têm de elevar-se acima dos actuais “corriqueirismos” e serem sérios nos métodos para, desta forma, atingirem a credibilidade que lhes dará acesso aos seus objectivos. **Emanuel Graça**

“Numa altura em que a nova ministra da Ciência e do Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho não reconhece o corte no orçamento de funcionamento denunciado pelos reitores e alega que as verbas das propinas vão servir para aumentar a qualidade, cabe aos estudantes serem o farol deste mar de discordâncias e contradições”

Propinas - gato com rabo escondido

J. M. Paquete de Oliveira *

Recuso a ideia preconcebida, e sobretudo mais difundida, de ver a actual discussão do ensino superior reduzida à simples contestação das propinas. É uma ideia redutora. Desfocaliza o âmago da questão, ilude os problemas da verdadeira situação do sistema de ensino superior e concorre para colocar sobre os estudantes um «odioso» de responsabilidades que deveriam ser repartidas pelo Estado (Governo), pelas autoridades académicas, famílias e alunos.

Evidentemente que a implementação do pagamento das propinas, agora com um significativo aumento na maior parte dos estabelecimentos de ensino, é o «leit-motiv» que traz para as ruas os estudantes, determina esta onda grevista e outras acções menos aceites, como seja o caso das portas fechadas a cadeado. Mas, a situação de crise que domina o país e o afecta em todas as suas dimensões estende-se também ao ensino. Em todos os seus níveis e com particular incidência no ensino superior.

O ensino superior universitário, neste país, era um nível de ensino elitista, em duplo sentido: em relação aos seus agentes e em relação aos seus frequentadores. Não estava ainda instaurada esta nova ordem que subdivide o sistema de ensino superior (SES) em ensino universitário (público e privado) e ensino politécnico (público e privado). Chegavam à universidade meia dúzia de «eleitos». Os professores formavam uma «casta» muito escolhida, muito corporativista, (cuos resquícios permanecem), preponderante na plataforma política. É já no final do regime salazarista-marcelista que surgem as reformas que começam a alterar esta situação. Com o despertar da democracia em 25 de Abril de 1974, consolidam-se as condições que vão provocar uma verdadeira «explosão» da população estudantil em todo o universo escolar.

Desde esta explosão nunca mais ninguém se entendeu totalmente no e com o ensino superior. A «explosão» desarticulou o sistema, e sobretudo a «elite» no plano professoral e no plano clientelar. Entretanto, na envolvente externa, no país e no mundo, a «face da terra» modificou-se profundamente, produzindo alterações sociais, económicas e culturais, tão acentuadas, algumas das quais, que nem a universidade, que deveria ser «pivot» dessa mudança, ainda deu conta.

Uma linha de força condutora desta «explosão» foi aquela assumida politicamente, e consagrada na Constituição Portuguesa, que estipulava o princípio do ensino gratuito para todos, fosse qual fosse a sua condição social e económica. Provavelmente, entendendo-se que ensinar é criar riqueza humana, e que formar cidadãos o mais aptos possíveis é um investimento para o Estado. Por outro lado, reconhecia-se o nosso atraso endémico neste sector, face aos ditos países mais desenvolvidos, e só medidas revolucionárias ou radicais, como a gratuidade, poderiam fazer o país saltar da «mendicidade» escolar, a que estava, (e ainda está) reduzido. Como sempre, sem a coragem política de modificar a «Lei-mãe», introduziram-se alterações, entre as quais o aumento das propinas que, desde Salazar, eram uma módica taxa simbólica e nem sequer «moderadora». Por ironia do destino, a ambas as fases - o primeiro aumento decretado (anos 90) e agora, o segundo aumento - está ligado o nome de Manuela Ferreira Leite. Antes com o ministério da tutela, no presente com a aflição de ter de governar (a casa) o país, sem dinheiro. Há portanto aqui, na perspectiva da contestação às propinas, um problema político e de discordância na óptica de política de investimento para o desenvolvimento do país, escamoteado ou ardilosamente resolvido. É o ensino, mesmo o superior, uma missão do Estado ou não?

E como politicamente, a coragem é pouca, mas a astúcia é muita, a decisão de passar, para as autoridades escolares, o dilema de aumentar ou não o preço das propinas foi um

excelente «presente envenenado»: colocou um drama a quem está com falta de dinheiro para fazer face às despesas sempre crescentes e um financiamento estatal a minuar, e distribuiu por todo o território nacional as manifestações de contestação, que nunca caberiam na exiguidade de uma Estrada das Laranjeiras, onde está situado o ministério.

Obviamente, que outros dirão que duplicado o preço das propinas, face ao actual cenário do preço das coisas mais fúteis ou até indispensáveis, o valor das propinas é suportável, continua a não pagar o custo real do «produto» adquirido - um curso superior- e que este é um «bem» de valorização pessoal que vale muito mais. Importa porém ter presente que estudar tem muito mais custos do que a taxa das propinas, derivados da alimentação, da habitação, (são muitos os estudantes deslocados), dos livros e materiais necessários.

Por outro lado, dizem ainda alguns, que face à situação crítica do estado das finanças do país, é um comportamento de solidariedade nacional, as famílias ou os próprios alunos contribuírem para aliviar o malfadado déficit. Este princípio que parece altruístico e de elevado patriotismo,

está muito ferido de desigualdades, pois é pública e notória a arbitrariedade que domina o nosso sistema fiscal e de retribuições salariais. Assim sendo, as correcções que o sistema de Acção Social escolar será alvo, pretendendo garantir bolsas àqueles que não têm meios para estudar, terão de reconhecer-se que estão igualmente defraudadas. E sendo assim, os comentários jocosos que se ouvem quanto aos alunos que povoam desordenadamente os parques dos estabelecimentos de ensino com os seus automóveis e gastam o seu dinheiro em discotecas noite fora, talvez não tenham tanto sentido. A mim, parecem-me ridículos e sem ter em conta que a vida social de todos nós se modificou nos seus hábitos e costumes. É talvez interessante perceber que a geração que quer impor o pagamento das propinas não as pagou para adquirir as posições e estatuto profissional e social que hoje tem.

Mas, com estas propinas ou não, os problemas do ensino superior, universitário ou politécnico, são e continuarão graves. O sistema terá de ter apoios e coragem para «revolucionar-se», mudando os objectivos, a missão, saindo do seu «casulo» e virar-se para o século que é o XXI, longe da Idade Média em que nasceu. É preciso racionalizar e modernizar a gestão, compatibilizar e definir bem os objectivos e finalidades dos dois subsistemas, e sem menosprezos ou regimens de protectorado viabilizar o público e o privado. É necessário alterar o restritivo sistema de acesso, distorcido quanto às entradas nos cursos e nas regiões e quanto às saídas para o mercado. Torna-se inadiável corrigir as manigâncias do mercado escolar, quebrar as lógicas e os tabús corporativos, incentivar a investigação sem desproteger a valência pedagógica. Fala-se tanto da revolução que as novas tecnologias da informação e da comunicação vieram introduzir para o desenvolvimento; contudo, na lógica da divisão dos cursos, para o ministério, continua a haver cursos de papel e lápis. Num mundo onde se recebe tanta informação e se aprende através de tantas mediações, o ensino superior tem de revolucionar os seus métodos e conteúdos.

Em nome da «qualidade do ensino» o governo alterou as leis do enquadramento e do financiamento do ensino superior. Mas, na verdade, caiu no mesmo gesto porque verbera o comportamento contestatário dos estudantes. Pegou apenas nas propinas e deixou o resto. E o grande problema do ensino superior é o resto.

*Sociólogo e professor no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

Carta aberta do Conselho de Repúblicas

Conselho de Repúblicas *

O Conselho de Repúblicas vem exprimir a toda a população o seu desagrado face às políticas levadas a cabo pelo actual Governo em várias áreas da sua competência.

Assistimos ao maior ataque efectuado pelo poder político à sociedade, desde o 25 de Abril, que vai no sentido de uma crescente visão economicista e retrocesso na forma como são tratados os direitos fundamentais dos cidadãos.

Da progressiva privatização dos serviços de administração pública e segurança social, passando por congelamentos de salários em todos os sectores, até ao arrepiante conceito de “hospital-empresa”, sofremos duros golpes que violam a Constituição da República Portuguesa.

A publicação da Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior é feita em Agosto para que a discussão e a resistência estudantil sejam menores, típico de um Governo autoritário em ambiente democrático que não se preocupa com a lei fundamental.

O querer doentio deste Governo é tão grande que viola a lei constitucional por não conseguir mudar. Subvertem-se as conquistas de Abril que afastaram o país de um regime feito por poucos e imposto a todos.

Na Lei 37/2003 de 22 Agosto, logo no artigo 1º, intitulado “âmbito”, o Governo viola o princípio da igualdade, na qualidade do ensino. As “melhores” universidades têm direito a um maior financiamento do Estado. Nós já o sabíamos, as propinas serão o prémio para as “melhores”. Este financiamento não visa o aumento da qualidade de ensino.

Na alínea e) do art. 2º, intitulado “objectivos”, o Governo afirma “promover o direito à igualdade de oportunidades de acesso, frequência e sucesso escolar, pela superação de desigualdades económicas, sociais e culturais”. Aparentemente o mesmo que a Constituição (art. 73º, nº 2). Mas o que o Estado pretende é fazer-nos pagar por uma responsabilidade que é só sua e limitar o direito à educação permanente, contrariando o que diz a Constituição (art. 74º, nº 2, c)). Esta retórica do acesso, da frequência e do êxito é claramente fraudulenta!

O art. 3º, nº 2, b) estabelece o princípio da responsabilização dos estudantes que se consubstancia nas prescrições, caso não tenham sucesso escolar. Este princípio desobriga o Estado de garantir a educação permanente e o ensino acessível a todos os cidadãos, segundo as suas capacidades.

Este art. 3º subverte ainda, em várias alíneas, os princípios da responsabilização das instituições de ensino no que toca à qualidade, da democraticidade no acesso ao ensino, da universalidade, da não exclusão e o da responsabilização financeira do Estado. Subverte ainda os preceitos da autonomia, da equidade, do equilíbrio social, do compromisso, da contratualização entre as instituições e o Estado e, imagine-se, o da justi-

ça. Justiça no sentido em que o Estado e os estudantes devem, segundo esta lei, dividir os custos. A participação do estudante nos custos é cada vez maior e este ano o aumento é insuportável. Contudo, a Constituição diz que ao Estado “incumbe estabelecer progressivamente a gratuitidade de todos os graus de ensino” (art. 74º). Um ensino gratuito para quem? Para o Estado ou para quem frequenta o ensino? É obvio que a gratuitidade não se refere a mais ninguém que não ao estudante.

Continuando a análise da lei, o Título “da relação entre o Estado e as instituições de ensino superior” só pode ser irónico. O que na verdade o Governo pretende é acabar com essa relação.

No nº 1 do art. 4º, diz-se que o Estado financia o orçamento de funcionamento base das actividades de ensino. Ahamos bem que o Estado financia o ensino, mas só ele. O nº 2 estabelece que esse financiamento é feito com base em critérios “objectivos” (!) de “qualidade” e “excelência”. Mais uma vez o prémio.

O art. 5º expõe o “regime de prescrições”. Já sabemos que o intuito é a expulsão dos alunos que têm insucesso escolar, seja ele de que natureza for, violando assim os princípios consagrados na Constituição (art. 74º) que visam “garantir a todos os cidadãos, segundo as suas capacidades, o acesso aos graus mais elevados de ensino”, assim como “educação permanente”. Como podem estas garantias prevalecer com um regime de prescrições?!

O nº 1 do art. 5º diz que o “financiamento às instituições de ensino superior público tem em conta o aproveitamento escolar dos seus estudantes”. Aparentemente o Estado obriga as instituições a ensinar “melhor” para que o financiamento aumente. Mas não. Trata-se de mais uma trapaça deste Governo. Porquê? Porque logo no nº 2 impõe, como condição, o fixar de um “regime de prescrições adequado à promoção do mérito

dos estudantes”, o que é inconstitucional.

E mais, este Governo, além de mentiroso, não tem coragem, é medroso porque empurra para as instituições a definição do regime de prescrições. Se não o fizerem é-lhes imposta uma tenebrosa tabela que, se não respeitada, implica a diminuição do financiamento (art. 5º, nº 5).

O cúmulo do cinismo e cobardia surge em todo o seu esplendor no nº 6: em instituições privadas, cujo regime seja menos restritivo, o Estado retira aos alunos o apoio a que têm direito.

Na secção II, “da relação entre o estudante e a instituição de ensino superior”, logo no art. 15º, intitulado “conteúdo da relação”, fala-se em mérito e em “comparticipação” nos custos. Já sabíamos, o Governo repete-se porque está obcecado em nos fazer pagar e expulsar do ensino superior se não correspondermos aos seus designios. Como poderemos ter mérito se objectivamente não existem condições para estudar?

Para haver mérito é preciso suprir necessidades básicas que, ainda hoje, enfraquecem a sociedade portuguesa e a todos afectam. Esta falta contribui para a pobreza da educação em Portugal, semente do analfabetismo e do insucesso escolar.

No art. 15º aparece a propina sob a designação de “comparticipação”, já não como prémio para as universidades mas como factor de acréscimo da qualidade no sistema. Não se percebe.

No art. 16º o Governo perde a vergonha por completo. É aqui que surge, pela primeira vez, completamente nua, a palavra propina. Mas ainda lhe chama “taxa de frequência”. Esta deve ser a segunda alcinha depois daquela primeira “comparticipação”. Aqui são balizados os valores mínimo e máximo da propina. O valor máximo actualiza um Decreto-Lei de tempos salazarentos, exemplo de uma realidade histórico-social

a que ninguém querará voltar.

A responsabilidade da fixação do valor das propinas é atirada para os senados das universidades (art. 17º). Ora, nós sabemos que os estudantes irão perder peso nos senados e que nem sequer poderão contribuir para o controlo da fixação do valor das propinas. O Governo, mais uma vez traioeiradamente, tenta passar a responsabilidade, e com ela a contestação, para o campus universitário. Não conseguirá dividir a comunidade estudantil. Não conseguirá quebrar o laço histórico que une os estudantes, os professores e os funcionários das instituições de ensino superior em Portugal.

A Secção III “da relação do Estado com o estudante” afiança manter um sistema de acção social que garanta ao estudante não ser excluído do ensino superior por incapacidade financeira.

O art. 19º é obtuso logo no nº. 1 porque é contra a lei fundamental. Afirma que o “Estado garante o direito à educação”, mas depois diz, “nos limites das disponibilidades orçamentais”. E se não houver disponibilidade orçamental? A Constituição não deixa dúvidas: não há condições que limitem o direito à educação. No nº. 2, o Governo volta a prometer apoio aos estudantes através da acção social mas, mais à frente, no art. 28º, a lei prevê: “empréstimos para autonomização do estudante”. É este o tipo de ajuda que o Governo nos quer dar?! Mais dívidas?! Autonomia é endividamento?!

Ao instalar a ideia pessimista de uma “crise económica nacional”, o Governo apela à contenção e cria a imagem de um Estado empobrecido por uma excessiva acção social. No entanto, existe disponibilidade orçamental para novos submarinos e tanques, novos estádios de futebol, Expos disto e Euros daquilo. Continua-se a subir os impostos dos agregados familiares e a baixá-los às empresas, tornando maiores as desigualdades económicas.

A actual Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior vai no mesmo sentido. É aberrante, anti-democrática, mentirosa, cínica desde os preliminares ao consumo do acto. Está em desacordo com a Constituição da República Portuguesa, quando assume a existência de uma propina, um regime de prescrições ou o desejo futuro de um sistema de bolsas por empréstimos.

Queremos a reposição da mais elementar justiça, dos princípios constitucionais que regem este Estado, pretensamente Estado de direito.

Por esta lei representar uma violação clara dos direitos fundamentais, insistimos na sua revogação. Enquanto isso não acontecer não há diálogo possível com o Governo, apenas e só Resistência e Luta!

* Coimbra, 17 de Outubro de 2003

**“O querer doentio
deste Governo é tão
grande que viola a lei
constitucional por não
conseguir mudar.
Subvertem-se as
conquistas de Abril
que afastaram o país
de um regime feito
por poucos e imposto
a todos”**

**Última sessão de esclarecimento para o recrutamento de novos voluntários
para a linha SOS Estudante**

SOS-ESTUDANTE



**Hoje, pelas 21h00
no Edifício da AAC**

808 200 204

das 20h às 01h - preço de chamado local

PUBLICIDADE

SANTUÁRIO



O Rock invade a cidade

Rua Almeida Garrett 7-9 Coimbra
www.santuariobar.com

ACADEMIA 7

Manifestação nacional amanhã

Estudantes unem-se em acção de protesto

A questão das propinas e da acção social são algumas das principais frentes da batalha dos estudantes contra o Governo

João Pedro Pereira

Os estudantes do ensino superior público desfilam amanhã pelas ruas de Lisboa como forma de protesto às políticas do Ministério da Ciência e do Ensino Superior. As diferentes associações académicas e de estudantes juntam-se na Cidade Universitária pelas 15h00 e seguem rumo à Assembleia da República. Em Coimbra, a concentração está marcada para as 10h00, no Largo D. Dinis.

A academia coimbrã “coloca a fagulha da participação bastante elevada”. É assim que Victor Hugo Salgado, presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, descreve as expectativas para a manifestação de amanhã. Sem adiantar números, fala da grande mobilização estudantil que se tem feito sentir nas últimas semanas e aponta como exemplos o aparecimento de cerca de duzentas pessoas à porta da última reunião do Senado Universitário (onde estava em causa a fixação do valor da propina) e a manifestação do dia 16 de Outubro, “uma das maiores em Coimbra nos últimos anos”.

Victor Hugo Salgado considera que este é um “período conturbado”, com medidas no novo pacote legislativo que “prejudicam o desenvolvimento do ensino superior público”, razão pela qual “é necessário tomar medidas de fundo”.

Também o presidente da Federação Académica do Porto (FAP), Nuno



A Associação Académica de Coimbra mostra-se confiante na adesão aos protestos de amanhã

Mendes, se recusa a fazer estimativas para o número de participantes e alega que o sucesso de uma iniciativa deste tipo depende de muitos factores: “Se estiver a chover torrencialmente, podem-se perder centenas de pessoas”, exemplifica. De qualquer forma, garante que a FAP tem estado activa no que diz respeito à mobilização estudantil, apostando numa campanha de sensibilização que vai desde os carros de som até aos toalhetes dos tabuleiros nas cantinas. Nuno Mendes não deixa, contudo, de realçar que a realidade da FAP é diferente da que se vive em Coimbra e que cabe a cada elemento da federação a tarefa de mo-

bilizar os estudantes recorrendo aos seus próprios meios.

Já o presidente da Associação Académica da Universidade de Aveiro, José Ricardo Alves, adianta que ficaria “contente com a participação de duas ou três centenas de estudantes” desta academia. Um número que tem em conta o facto “se estar já em época de exames e frequências” e de “não haver em Aveiro uma grande tradição neste tipo de manifestações”. Já a nível nacional, o dirigente diz ter esperanças de que seja possível chegar a “vários milhares”. No entanto, destaca que o mais importante não é o número de participantes, “mas sim que a

iniciativa tenha lugar”.

Miguel Coelho, Presidente da Federação Nacional do Ensino Superior Politécnico, afirma ter “expectativas altas” para a acção de protesto de amanhã e revela o desejo de que esta seja “uma manifestação como há muito não se vê”. A mobilização estudantil tem tido lugar em diversos institutos politécnicos que integram a federação, assegura Miguel Coelho, e aponta como eventos “mais mediáticos” a cobertura das escolas com faixas negras, na passada terça-feira, e, na quarta-feira, uma manifestação na Guarda, que reuniu institutos de todo o país.

Diálogo com a tutela

O ensino particular e cooperativo vai estar ausente na manifestação de amanhã. O anúncio havia já sido feito a 20 de Outubro por José Alberto Rodrigues, presidente da Federação Nacional das Associações de Estudantes do Ensino Superior Particular e Cooperativo. Na base desta decisão está a vontade de “optar pela via do diálogo”. O dirigente declara não ter “razões concretas” para que o particular e cooperativo adira à manifestação ou enverede por acções de contestação em que “a desobediência civil seja o principal argumento”. Daí que a linha de acção passe “pela moderação e pelo trabalho de gabinete”, explica. José Alberto Rodrigues relembra ainda que teve já uma reunião com o secretário de Estado do Ensino Superior, onde foi apresentada uma lista de “pretensões” que os alunos deste subsistema de ensino pretendem ver atendidas a curto ou médio prazo. Entre estas estão o tratamento igualitário entre o público e o privado, em especial no que diz respeito ao acesso à acção social do Estado.

Uma posição mais radical é assumida pelo presidente da FAP. Quando confrontado com as declarações recentes da ministra Maria da Graça Carvalho (dadas em entrevista ao “Diário Económico”), em que esta afirmava que as propinas poderiam ser usadas para o aumento da qualidade de ensino, Nuno Mendes é peremptório: “É mentira e demonstra que [a ministra] não sabe rigorosamente nada do ensino superior”. Também Victor Hugo Salgado, da Associação Académica de Coimbra, afirma não perceber as afirmações de Graça Carvalho: “Se as propinas foram usadas durante o ano passado para cobrir despesas correntes, gostaria de saber como podem este ano ser usadas para um acréscimo de qualidade”.

“Mês do Fado” positivo

Iniciativa demonstrou o trabalho feito pelos grupos da Secção de Fado

José Manuel Camacho

Decorreu entre os dias 3 e 28 de Outubro o “VII Mês do Fado”, organizado pela Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra (SF/AAC) e que incluiu homenagens a António Nogueira e Luís Goes. Um evento que de acordo com o presidente da SF/AAC, Gonçalo Oliveira, foi “excepcionalmente bom”.

O “Mês do Fado” é uma iniciativa que surgiu para homenagear os grandes nomes do fado de Coimbra e que pretende divulgá-los não só na comunidade estudantil mas também na própria cidade e aos turistas. Para Gonçalo Oliveira, a canção Coimbrã “revela, cada vez

mais, a propriedade musical da cidade”.

As homenagens deste ano foram ao recentemente falecido António Nogueira, presidente da junta de freguesia de Santa Cruz e um dos fundadores da secção, e a Luis Goes, que pertenceu ao Orfeon Académico e ao Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra.

Durante oito noites, os grupos da academia - Toada Coimbrã, Alma Mater, Romance (Saudades de Coimbra), Coimbra de Sempre, Aeminium, Grupos de Fados da Estudantina Universitária de Coimbra, Grupo de Fado Renascer e músicos formados na SF/AAC - mostraram os clássicos e os novos temas, num evento que incluiu também uma serenata nacional e a tradicional serenata da Festa das Latas e Imposição de Insígnias.

O balanço feito pelo presidente da SF/AAC não deixa margem para dúvidas: “O mês do fado foi satisfatório tanto ao nível da participação do público

como da realização do evento em si”. Gonçalo Oliveira acrescenta que este ano houve a mais-valia do espaço. Os concertos foram dados no à Capela, café que funciona na antiga capela de Nossa Senhora da Vitória e que esteve “sempre cheio”. “Isto mostra que cada vez mais as pessoas começam a distinguir o que é qualidade”, remata.

Já quanto à realização da serenata nacional, as coisas não foram tão conseguidas. Pretendia-se tocar o fado em 14 capitais distritais, simultaneamente, às 23h00 do dia 4 de Outubro, mas apenas foi possível fazê-lo em nove. A iniciativa contava não só com os grupos de Coimbra, mas também com outros de diferentes zonas do país. Relativamente a esta questão, Gonçalo Oliveira adianta que este foi um projecto da autoria do Museu Académico de Coimbra, inicialmente para a Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC). Face ao impasse da Coimbra 2003, a SF/AAC de-

cidiu aceitar a organização, mas “não no timing mais correcto”. Por isso “foi difícil arranjar grupos de Coimbra disponíveis” para colmatar as lacunas, justifica.

Questionado sobre se a SF/AAC se sentia ressentida por não participar numa mostra cultural mais abrangente como a CCNC, Gonçalo Oliveira responde que, embora não desfazendo o trabalho desta, “a iniciativa não ficou nada atrás” do I Festival da Guitarra de Coimbra e que foi “muito conseguida, mesmo em termos promocionais”. Recorde-se que em Março do ano passado a Associação Académica de Coimbra foi excluída da CCNC pela “grande pobreza de ideias” das propostas apresentadas pelas secções culturais, segundo alegou na altura Abílio Hernandez, presidente da capital da cultura. As propostas da SF/AAC para este evento eram a realização do “FESTUNA - Festival Internacional de Tunas de Coimbra” e o “VI Mês do Fado”.

Serenata sem balada

Uma questão que levantou desentendimento entre a Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra e a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) foi a omissão da Balada de Coimbra, na serenata da Latada 2003, que estava a cargo dos Coimbra de Sempre. O grupo demonstrou assim o seu desacordo pelos cinco minutos de silêncio decididos na última Assembleia Magna, por acharem que não se devia envolver a serenata com a luta estudantil. Esta medida foi “inédita em toda a história da academia”, diz Gonçalo Oliveira e deixou-os reticentes. Victor Hugo Salgado, presidente da DG/AAC, afirma que se limitou a “cumprir o que tinha sido decidido em Assembleia Magna”.

“Somos um projecto de alternativa”

Com o nome “Corrente Alternativa”, o projecto encabeçado por Bruno Julião, aluno da faculdade de Letras, apresenta-se como uma iniciativa independente que procura apresentar soluções diferentes

Tiago Azevedo

“Marcar a diferença pela visão que temos do alcance da actuação da Associação Académica de Coimbra”. É deste modo que Bruno Julião, presidente do Núcleo de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (NE-FLUC), define o projecto que encabeça para as próximas eleições para a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (AAC). Assumindo a iniciativa como um fórum de discussão, o estudante defende “um ensino para todos, feito por todos” contrariando a “elitização preconizada pelas reformas no pacote legislativo do ensino superior”. Para tal, assume desde já a informação como uma das bases essenciais do projecto. No entanto, ressalva que a informação deve ser “constante e dinâmica”, dirigida para dentro da academia através de “mecanismos novos e de uma linguagem diferente” e, também para fora da AAC, de forma a “esbater o preconceito e a visão redutora que existe em relação aos estudantes”.

Para além de uma informação actualizada, Bruno Julião comenta que existem outros “campos de intervenção que são fundamentais”. Destacando a acção social e a pedagogia como duas áreas de interesse, o candidato realça também que é importante “abusar do rico património cultural” da AAC e apresentar a academia “como uma janela



“Corrente Alternativa” é um projecto que pretende “marcar a diferença” pela visão da AAC

para a cidade”. A nível interno, afirma ser importante realizar “um trabalho com transparência”, uma questão fundamental para a “imagem institucional externa”.

A aposta na interacção com o Conselho Cultural e com o Conselho Desportivo é uma forma de “apresentar as secções e organismos autónomos da academia às faculdades”. Deste modo, garante-se um incremento de “energia à academia, visto que se iria divulgar muito próximo dos estudantes”. Esta medida é apresentada através de mecanismos constantes, ainda por definir, que “não se esgotam numa actividade pontual”.

Rejeitando qualquer ligação partidária, a lista apresenta-se como um “conjunto de diferentes sensibilidades que garantem a indepen-

dência do projecto”. Quanto à diferença para com os restantes projectos, Bruno Julião refere: “Para além sermos e representarmos estudantes, também somos todos cidadãos”. De acordo com o estudante de Português/Inglês, a abertura do projecto manifesta-se nos “grupos de trabalho que se debruçam sobre as mais diversas áreas”, entre as quais destaca a percepção da existência de uma “academia lusófona e multicultural”.

Referindo-se às eleições que se aproximam, Bruno Julião considera profícuo o surgimento de muitos projectos que “permitam o aprofundamento da discussão”. No entanto, refere o “potencial ganhador” do projecto que encabeça, dado que existe capacidade de “criar empatia” com a maior parte

dos estudantes: “Somos uma verdadeira alternativa”, defende. No presente, o candidato fala da “necessidade de haver um movimento associativo nacional empenhado numa posição única”, revelando que o importante é “garantir uma grande mobilização para a manifestação de 5 de Novembro”.

Quanto à especulação sobre o facto de este ser um projecto do Muda_AAC, é Daniel Martins, ex-candidato pelo movimento às eleições do ano passado e elemento da lista de Bruno Julião, a explicar que os elementos do movimento “têm liberdade de estar presentes em listas e participarem activamente nesses projectos”. Daniel Martins salienta ainda que, “a seu tempo o projecto Muda_AAC tomará posição acerca das próximas eleições”.

RUC com nova grelha

Carla Pinto
Ana Maria Oliveira

A nova grelha da Rádio Universidade de Coimbra (RUC) entrou em funcionamento na passada quinta-feira, mas só será oficialmente apresentada dia 13, com um concerto no Teatro Académico de Gil Vicente.

“Esta nova grelha aposta mais na informação, com flashes noticiosos às 15h00, 17h00 e 21h00”, refere João Vaz, director de programação da RUC. Das 21h00 às 23h00 podemos contar com programas variados de informação. Desde desporto, com “Prognósticos”, ao ensino superior, com “1ª Frequência”, passando pela política internacional, com “Mundividências”, pelas entrevistas “Off the Record” e pelo debate, em “Assim Vai o Mundo”.

As principais diferenças da nova grelha são a mudança de horário do programa “Trapézio”, que agora passa entre as 18h às 19h, e o regresso de “Metro”, a partir das 23h00, de segunda a quinta-feira. Este já conhecido programa retomará as novidades da música que se faz um pouco por todo o mundo. Também de regresso está “Sex Files”, todas as quintas-feiras, pela uma da manhã.

Quanto a “Cassiopeia”, mudará apenas de nome, passando agora a chamar-se “Origami”. Entre os programas que se mantêm, destaque para “Cantina Turner”, que está a ser pensado para ser emitido em directo nas cantinas da Universidade de Coimbra, e para o já mítico “Santos da Casa”, o programa mais antigo da RUC. Também o “Ruc&Roll” terá continuidade este ano, com o horário entre as duas e quatro da tarde.

Eleição para a Comissão Central da Queima

Estão abertas as inscrições para os candidatos à Comissão Central da Queima das Fitas/2004. Os candidatos têm de ser quartanistas grelados no corrente ano lectivo e as eleições realizam-se no dia 19 de Novembro, entre as 11h00 e as 20h00. Os eleitores devem comparecer de capa e batina e com o respectivo “grelo” na pasta académica.

A Sala do Conselho de Veteranos, no segundo piso do edifício da Associação Académica de Coimbra, é o local onde se pode recolher informação, entre as 16h00 e as 19h00 e as 22h30 e a meia noite, do dia 30 de Outubro até 11 de Novembro.

Novos espaços na academia de Coimbra

A Associação Académica de Coimbra comemorou ontem 116 anos de existência

Tiago Azevedo

Foram inaugurados, no passado domingo, o Centro de Informática da Associação Académica de Coimbra (AAC) e a Loja do Cidadão Estudante. Inseridas no aniversário da academia de Coimbra, que fez ontem 116 anos, as inaugurações des-

tes espaços pretendem garantir novas valências para os estudantes da Universidade de Coimbra (UC).

O Centro de Informática, equipado com 12 computadores, é uma parceria entre a AAC e o site Universia.pt, um portal dirigido aos universitários. Garantir uma informação constante e variada aos estudantes é um dos principais objectivos desta iniciativa conjunta. Como refere Victor Hugo Salgado, presidente da Direcção-Geral da AAC, esta é uma forma de “maximizar recursos e tornar a academia mais

apelativa aos estudantes”.

A Loja do Cidadão Estudante é uma iniciativa conjunta da AAC, da Reitoria da UC e dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra e insere-se numa campanha de promoção das mais valias da universidade.

O espaço, localizado no piso térreo do edifício da AAC, vai prestar serviços relativos à universidade e à própria academia. Deste modo, os estudantes, vão poder inscrever-se e matricular-se na universidade, pedir certificados de habilitação e

recolher informação sobre bolsas, tudo no mesmo espaço. Seabra Santos, reitor da UC, revelou também que, a curto prazo, “será inaugurado um espaço idêntico no Pólo II”.

Ainda ontem, decorreu no Foyer do Teatro Académico de Gil Vicente o lançamento do Livro dos 115 anos da AAC, bem como um debate sobre a praxe académica, organizado pelo Conselho de Veteranos, e uma mesa redonda subordinada ao tema da sexualidade, da responsabilidade do SOS Estudante.

Campanha de Apoio Humano a Moçambique

Procuramos voluntários

tel: 966432474
e-mail: malice@letras.up.pt

Financiamento tripartido entre Estado, instituições e estudantes

Lei de Financiamento para o ensino superior em análise

Aprovada pela Assembleia da República, a lei nº 37/2003, de 22 de Agosto, estabelece importantes alterações no financiamento do ensino superior. O regime de prescrições e o aumento das propinas são as principais mudanças

**Bruno Fernandes
Liliana Gonçalves**

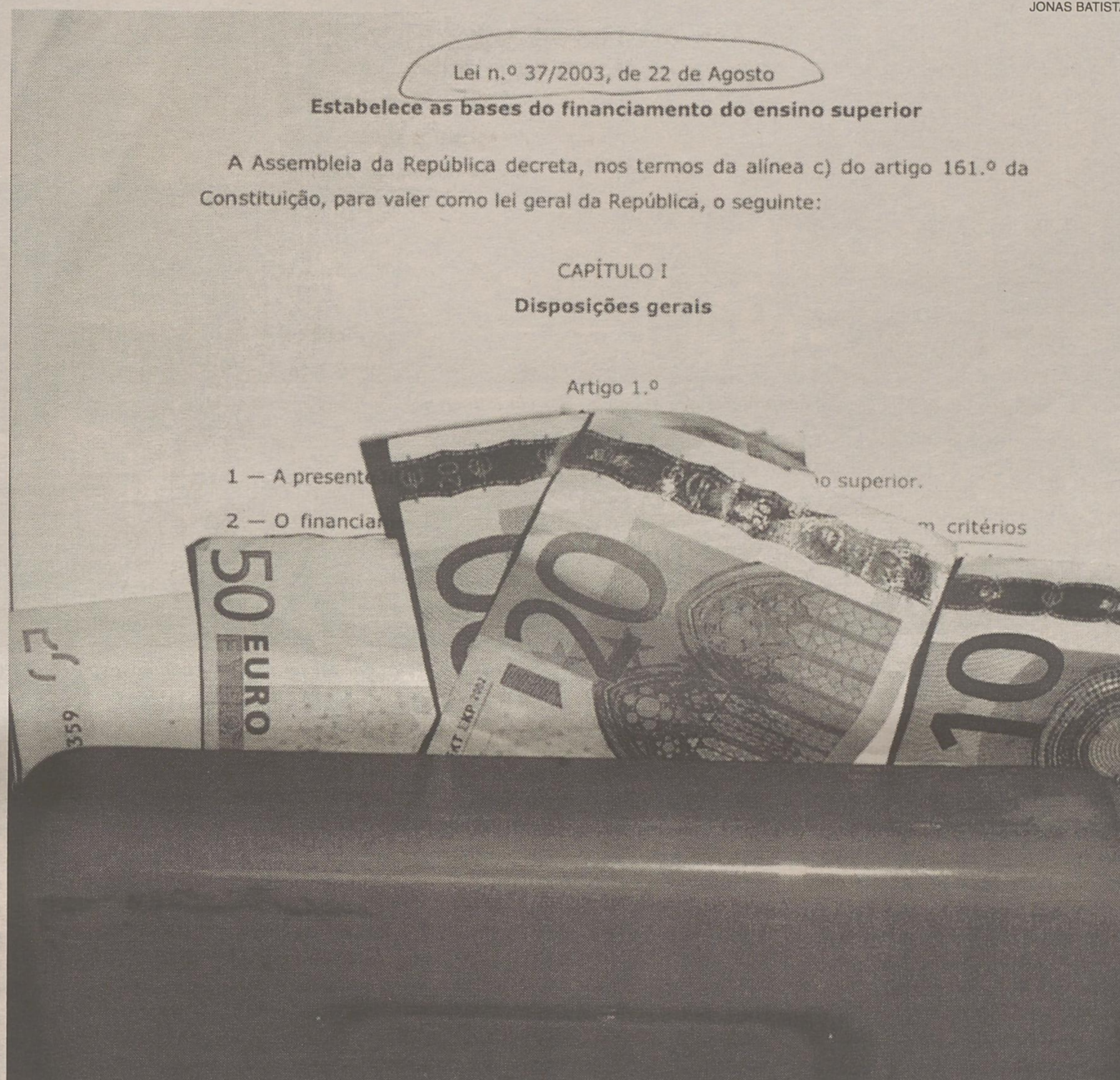
A nova Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior define que os custos relativos aos estudos são da responsabilidade do Estado, das instituições e dos próprios estudantes. É uma “relação tripartida”, na qual estes três agentes devem ter um papel activo no financiamento dos cursos, que são considerados como benefícios sociais e também individuais para o aluno.

Os objectivos do financiamento referem-se ao apoio para um ensino superior “qualitativamente exigente”, adequando a ajuda financeira ao desenvolvimento das instituições, que “devem assegurar um serviço de qualidade, sujeito a avaliações regulares”, e garantir uma utilização correcta dos recursos. Sendo assim, todos os anos, as instituições são obrigadas a prestar contas ao Estado das suas despesas, através de balanços, resultados, mapas de orçamento e relatórios de gestão.

Apesar disso, as instituições dispõem de autonomia financeira, que lhes confere responsabilidade na gestão administrativa e permite a procura de “formas adicionais de financiamento”, não afectando as receitas que o Estado lhes atribui. A autonomia institucional também é assegurada através de um contrato estabelecido entre o Governo e as instituições, que define uma responsabilidade mútua nas formas de financiamento do ensino público.

A nova lei cria ainda o regime de prescrições, que se relaciona com o aproveitamento escolar dos alunos e entrará em vigor apenas no próximo ano lectivo, “não sendo consideradas as inscrições relativas aos anos lectivos anteriores”. Segundo o artigo 5º, cada instituição deve definir um regime de prescrições para promover o “mérito dos estudantes” e, se não for respeitada esta condição, o seu financiamento por parte do Estado poderá ser afectado.

Este processo estabelece o nú-



Nova lei de financiamento prevê agravar da comparticipação estudantil através da propina

mero máximo de inscrições que cada estudante pode efectuar durante o curso frequentado. Um curso de quatro terá de ser terminado em seis, ao passo que um curso de cinco anos pode-se estender apenas por mais três. Já para os traba-

lhadores-estudantes os cursos de quatro anos podem-se prolongar até sete e os de cinco anos até nove anos e meio. No caso de incumprimento desta regra, considera-se “prescrito o direito à matrícula e inscrição” nesse ou em outro curso

durante o ano seguinte.

O regime de prescrições será aplicado aos alunos que não mostrarem um “adequado aproveitamento escolar, justificando o acesso ao bem social de que beneficiam”. Isto relaciona-se

Perceber as propinas

O artigo 16º da Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior trata das propinas. De acordo com o documento, os estudantes devem pagar uma “taxa de frequência” anual à instituição onde estão matriculados, como forma de participação nos custos relativos ao curso.

O valor é fixado em função da “natureza dos cursos e da sua qualidade” e, na nova lei, a quantia mais baixa a pagar deve corresponder a um salário mínimo mais 30 por cento. Sendo assim, neste ano lectivo, o valor mínimo das propinas é de 463,58 euros, visto que o ordenado mínimo para 2003 corresponde a 356,60 euros.

Já o valor máximo da taxa “não poderá ser superior ao valor fixado no Decreto-Lei nº 31658, de 21 de Novembro de 1941, através da aplicação do índice de preços no consumidor do Instituto Nacional de Estatística”. Na prática, corresponde a uma actualização do valor definido em 1941 (1200 escudos) em função da inflação, o que significa o pagamento máximo de 852 euros para este ano. Até ao ano passado, as propinas tinham apenas um único valor, equivalente ao salário

mínimo nacional, que, para 2002/2003, era de 348,01 euros. Portanto, as propinas para este ano lectivo sofreram um aumento entre os 30 e os 145 por cento.

Segundo a nova lei, quem deve fixar o valor da propina são as reitorias e os senados, no caso das universidades, os conselhos gerais e o presidente, para os politécnicos, e os órgãos directivos nos estabelecimentos de ensino superior não integrados. No caso das instituições que não chegarem a um acordo quanto ao valor das propinas, será cobrada a quantia mínima. Em relação aos cursos de pós-graduação, são também as próprias instituições que determinam as propinas a pagar, sendo este um valor arbitrário.

Outra alteração importante na nova lei diz respeito ao não pagamento das propinas. De acordo com o artigo 29º, a partir deste ano lectivo, o estudante que não pagar as propinas não poderá fazer uma nova inscrição para o ano seguinte e as disciplinas frequentadas durante esse período serão anuladas. Para além disso, o aluno boicotante é privado “do direito de acesso aos apoios sociais” até ao pagamento do valor da propina, devidamente acrescido de juros.

Apoio aos particulares

As instituições de ensino superior não público são referidas nos artigos 32º e 33º da nova Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior. De acordo com o documento, o Estado poderá assinar determinados contratos que apoiem a investigação, a formação dos professores e projectos considerados de relevância social. As bolsas de mérito também são mencionadas como outra forma de incentivo à qualidade do desempenho escolar.

Para além disso, o Governo também se dispõe a financiar apoios de acção social aos estudantes, assegurando “o direito à igualdade de oportunidade de acesso, pela superação de desigualdades económicas, sociais e culturais”. Os apoios sociais para o ensino superior privado são efectuados por decreto-lei e dizem respeito a bolsas de estudo, alimentação, alojamento, serviços de saúde, actividades culturais e desportivas, entre outros apoios educativos.

No entanto, a ajuda que o Estado cede às instituições de ensino particulares só poderá ser realizada se estas cumprirem determinados “critérios objectivos de qualidade e excelência”, iguais aos definidos para o ensino superior público.

com o direito de acesso ao ensino superior a qualquer tipo de estudante, independentemente das suas capacidades económicas. Para tal, o Governo deve garantir um sistema de apoio social adequado, ajudando financeiramente os alunos mais carenciados.

Compete aos estudantes agirem de forma legal, prestando declarações verdadeiras quando concorrer às bolsas de estudo, às residências universitárias ou a qualquer outro tipo de apoio por parte do Estado. Outra obrigação dos estudantes diz respeito ao pagamento das propinas, como participação nos custos do próprio curso (ver caixa).

Quanto ao Governo, cabe satisfazer “os encargos públicos exigíveis para garantir o funcionamento de uma rede pública de estabelecimentos de ensino de qualidade”. Sendo assim, em cada ano económico o Estado deve fixar um valor, dentro do orçamento geral, que garanta as actividades e a formação das instituições. Esta verba tem em conta determinados critérios, como a qualidade dos professores, a eficiência pedagógica dos cursos e a gestão das instituições.

10 CIDADE

Parque Verde em construção

Zona ribeirinha de Coimbra vai sofrer transformações

As obras de requalificação da zona ribeirinha do Mondego arrancaram na passada semana e avançam dentro dos prazos previamente estabelecidos

Gustavo Sampaio

As obras relativas à edificação do Parque Verde do Mondego, integradas na terceira fase de construção do Programa Polis para a cidade de Coimbra, devem estar terminadas no final deste ano ou em Janeiro de 2004. A garantia foi dada por João Rebelo, vereador da Câmara Municipal de Coimbra responsável pelo pelouro das obras públicas, em declarações públicas no contexto de uma visita guiada ao longo da área em construção.

O Parque Verde do Mondego, projecto incluído no Programa Polis - cujas principais directivas consistem em aproximar a população de Coimbra às margens do rio Mondego, preservar a paisagem natural e animar a margem direita da cidade -, estende-se desde o Parque Manuel Braga ao recentemente instalado Pavilhão Centro de Portugal. Entre os diversos empreendimentos previstos para aquela zona ribeirinha, contam-se dois parques de estacionamento (já concluídos), o nivelamento da Avenida da Lousã com a linha férrea, a construção de uma escadaria e de uma fonte na entrada para o parque Manuel Braga, a canalização de uma linha de água ao longo do parque ou a junção das duas margens do rio através de uma ponte pedonal e de ciclovia. Esta ponte será repartida em duas partes independentes, a primeira a partir da Rua do Brasil (zona da ladeira do Baptista) até à futura zona das estufas (que serão posteriormente construídas entre os dois parques de estacionamento), e a segunda desde as estufas até à margem contrária do rio.



Zona do Parque Manuel Braga ao Pavilhão Centro de Portugal vai ser requalificada no âmbito do Programa Polis

Contactado pelo Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA, o vereador João Rebelo salienta como principal virtude do projecto o facto de “aumentar de forma significativa a zona ribeirinha, e a utilização dessa mesma zona ribeirinha pela população em geral”. Rebelo confere destaque ao projecto da ponte pedonal, referindo os benefícios inerentes à “integração das duas margens do rio Mondego e articulação das mesmas”, assim como ao “aumento significativo da capacidade de estacionamento”. E enaltece o processo de “abertura do parque Manuel Braga” que estaria a ser “gradualmente abandonado pelos cidadãos”. Em relação ao cumprimento dos prazos previstos para as diversas obras, o vereador é lacónico: “Mantemos todas as expectativas iniciais de terminar a empreitada no final deste ano ou em Janeiro de 2004”. Uma convicção que não é perturbada

por alguns atrasos registados noutras obras do Programa Polis em Coimbra, como “a construção da Ponte Europa ou o projecto de desnivelamento da Avenida João das Regras”, conforme o próprio João Rebelo referiu.

Estimativas da obra

Segundo dados fornecidos pela CoimbraPolis - Sociedade para o Desenvolvimento do Programa Polis em Coimbra -, o valor total da empreitada relativamente à terceira fase de construção do Parque Verde do Mondego ronda os três milhões e 700 mil euros, ao que se acrescenta um valor desconhecido de IVA. O projecto abrange uma área total de 8,2 hectares, dos quais cerca de 3,7 serão preenchidos por espaços verdes (o plano inclui a futura plantação de cerca de 490 árvores), e prevê uma frente de rio com cerca de 600 metros de extensão (espaço onde anteriormente existia um

laranjal). Os dois novos parques de estacionamento possuem capacidade para albergar cerca de 460 veículos, estando igualmente prevista a instalação de equipamentos de restauração, de espaços de lazer (como uma esplanada junto ao rio, por exemplo), de um parque infantil, de diversos percursos pedonais e da anteriormente referida ponte pedonal e de ciclovia.

Durante o período de construção, a CoimbraPolis prevê a ocorrência de algumas incidências negativas naquela zona, tais como o aumento dos níveis de ruído, o aumento de poeiras, eventuais perturbações do tráfego e o encerramento temporário do antigo parque de estacionamento.

Impacto ambiental

Em nota enviada à comunicação social através de Rui Fonseca, responsável pela Comunicação e Marketing da CoimbraPolis, é dado a conhecer um

Plano de Gestão Ambiental (PGA) da empreitada relativa ao Parque Verde do Mondego. Segundo o comunicado, os principais objectivos do PGA consistem em garantir o cumprimento dos requisitos legais aplicáveis, minimizar os impactos ambientais decorrentes da fase de obra, promover a redução e reutilização dos resíduos gerados, prevenir situações de risco ambiental e atribuir responsabilidades às várias entidades intervenientes no processo através da definição de procedimentos de gestão ambiental.

As medidas de minimização dos danos ambientais previstas no PGA incidem essencialmente sobre a qualidade do ar, a fauna e flora, a ocupação e uso do solo e a gestão de resíduos. A um nível socio-económico, assegura-se a preservação dos pavimentos nos acessos localizados na zona de obras, bem como a boa iluminação nas zonas envolventes.

Centro histórico tem reabilitação tardia

Declaração do centro histórico como “área crítica” implica novas verbas e uma tão desejada reabilitação da Alta de Coimbra

João Baía

O actual estado de degradação do centro histórico de Coimbra conduziu o Governo a emitir um decreto que o considera “área crítica”. A classificação trará benefícios para esta zona da cidade em relação aos programas existentes que intervêm nesta área e em

relação à própria intervenção da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), incentivando o processo de reabilitação.

A Associação para o Desenvolvimento e Defesa da Alta de Coimbra (ADDAC) e a CMC, elaboraram um inquérito que demonstra que em 70 por cento dos prédios entra humidade. O presidente da ADDAC, Augusto Alfaiate alerta ainda para a falta de segurança, visto que, caso haja um incêndio, este facilmente atingiria grandes proporções, podendo lesar vários edifícios. Augusto Alfaiate chama também a atenção para o facto de “alguns prédios estarem abandonados e imensos em estado de ruína”. Dos 422 edifícios desta zona, 21 estão em perigo de ruir.

Contudo, Carlos Encarnação, presidente da CMC, sublinha que “o decreto do Governo reconheceu apenas o centro histórico entre muralhas como área crítica”, excluindo assim a zona da Baixa de Coimbra que também faz parte do centro histórico. O autarca frisa que este decreto impulsiona uma melhoria das intervenções em projectos de recuperação. Programas como o REHABITA (Regime de Apoio à Recuperação Habitacional em Áreas Urbanas Antigas) “passam a ter uma percentagem de comparticipação pública maior do que existia antes”. A autarquia tem previsto no seu orçamento os fundos necessários para poder “comparticipar os projectos na parte pública” e para dinamizar iniciativas conjuntas com os particu-

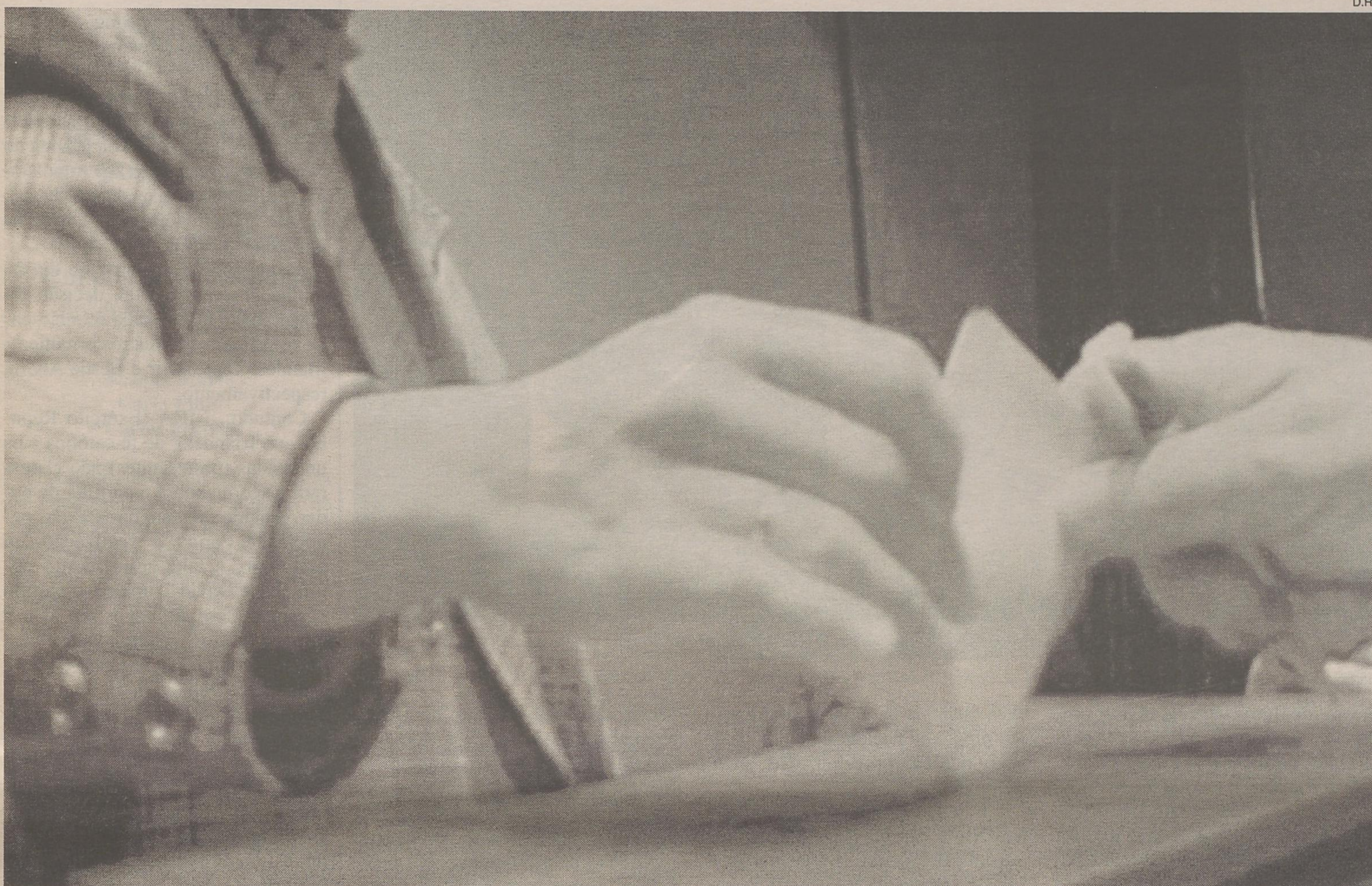
lares, para que a recuperação dos edifícios seja feita em menos tempo.

Ao ser questionado sobre a demora desta intervenção no centro histórico, Encarnação responde que o problema “não constituiu prioridade” até agora. Augusto Alfaiate considera que este decreto veio “com um atraso de 20 anos”, mas não culpa o presidente da câmara, visto ele ocupar o cargo há apenas dois anos.

O centro histórico ideal para o presidente da ADDAC “seria a convivência entre estudantes e moradores, mas restaurando o tecido social dos moradores”, de forma a promover a fixação de casais jovens nesta zona, o que iria rejuvenescer a população de uma área que está bastante envelhecida.

Referendo agita partidos

Governo quer data simultânea com as eleições europeias



Oposição está toda contra a possibilidade do referendo para a Constituição Europeia se realizar no mesmo dia das eleições para o Parlamento Europeu

A coligação PSD-CDS insiste na realização do referendo da Constituição Europeia na mesma data das eleições para o Parlamento Europeu, contrariando toda a oposição parlamentar

Marília Frias

Dia 13 de Junho de 2004 é a data prevista para as eleições para o Parlamento Europeu, representando também para o Governo a melhor data para o referendo à constituição europeia. Como resultado, a data para as eleições europeias e para a realização do referendo do tratado para uma constituição europeia seria a mesma.

Sobre este tema, o primeiro-ministro Durão Barroso já afirmou não ver qualquer razão para se mudar a data, pois o Governo de coligação detém a maioria parlamentar e a proposta de data é positiva. “A minoria é que tem de vir ao encontro da maioria”, declarou Durão Barroso, reiterando a posição do Governo, na quinta-feira passada, durante uma conferência de imprensa com o seu homólogo polaco Leszek Miller, de visita a Portugal.

Por seu lado, Augusto Santos Silva, deputado do PS, considera que “a constituição portuguesa proíbe

formalmente que referendos e eleições ocorram no mesmo dia e, portanto, qualquer marcação de um referendo para o dia das eleições europeias seria inconstitucional”. O deputado socialista acredita que “a constituição não se muda ao sabor dos nossos interesses de momento” e por isso o maior partido da oposição não deve dar o apoio necessário ao Governo para atingir a maioria de dois terços necessária para aprovar uma alteração à constituição. Este deputado denomina de “objectivo político tático do Governo” a desejada alteração da constituição, uma vez que “seria de todo o interesse para o executivo” que as eleições europeias se realizassem envoltas numa “ambiguidade” resultante do facto de PS e Governo se pronunciar em igual acordo pelo “sim” ao referendo.

Para Santos Silva, “não é possível realizar-se [o referendo] antes de estar concluído o trabalho da conferência intergovernamental” e como não pode ter lugar ao mesmo tempo que qualquer outra eleição, “só a partir do próximo ano é que se poderia marcar” a sua data.

Jaime Ramos, do PSD, salientando a sua concordância com o referendo, não deixa de ressaltar que referendo e eleições europeias são assuntos distintos e vai ao encontro da posição de Miguel Portas em relação ao facto de se tratarem de assuntos distintos que devem ser tratados separadamente. Acrescenta que “dentro de cada um dos partidos podem existir pessoas com posições

diferentes na matéria, no que diz respeito à constituição europeia”, sublinhando que a “democracia exige transparência e clareza”.

No entanto, admite o risco de no referendo da CE, tal como aconteceu noutros referendos (da regionalização e do aborto) “haver uma pequena adesão”. E salienta que compete à “elite dirigente motivar as pessoas para que participem em decisões desta importância”.

PCP e BE também contra proposta do Governo

Jerónimo de Sousa, deputado do PCP, lembra que a constituição portuguesa, no seu artigo 115, proíbe a coincidência de datas do referendo e de eleições europeias. Para o deputado comunista, “quando alguém propõe a simultaneidade está a tentar claramente violar a Constituição da República”. Jerónimo de Sousa defende a necessidade de um “grande debate nacional sobre os conteúdos da constituição” europeia.

Ainda à esquerda, Miguel Portas, candidato ao Parlamento Europeu pelo Bloco de Esquerda (BE), defende que as datas não devem coincidir porque isso implica “uma alteração da constituição por conveniência político-partidária”. Além disso, as eleições para o Parlamento Europeu correspondem “a uma apreciação política de ordem geral, enquanto o referendo incide sobre um tema. Juntando os dois assuntos existe o risco de contaminação de um por outro”. Por fim, o dirigente bloquista argumenta que o

referendo deve ser entendido como o “momento em que cidadãos, independentemente dos seus partidos, se podem expressar em liberdade sobre a matéria em causa. Ao fundirem-se os dois, o que se pretende é calar vozes discordantes que possam existir nas diferentes forças partidárias”.

Miguel Portas recusa ainda o argumento do Governo do favorecimento da participação no escrutínio com a junção das duas datas, contrapondo com o facto das eleições europeias terem em média 65 por cento de abstenções e o facto de não ser reconhecido pelos cidadãos como uma votação útil, uma vez que a 13 de Junho o Governo já terá assinado o documento. O referendo deveria, por isso, ser marcado para antes de 4 de Maio, e discutido entre Março e o início de Abril. O BE pretende ver consagradas três perguntas no referendo, relacionadas com uma eventual primazia da constituição europeia sobre a portuguesa, com a criação do cargo de presidente do Conselho Europeu e com a questão do aumento dos poderes da UE no domínio da defesa. O partido agendou para 3 de Dezembro um debate na AR sobre esta questão.

O PCP e o BE partilham da opinião do reputado constitucionalista, Jorge Miranda que defende a realização do referendo antes da ratificação do documento da Constituição Europeia. Contudo, o calendário eleitoral para 2004 é extremamente apertado, devido aos prazos consagrados na Constituição da República Portuguesa.

Economia menos competitiva

Mário Guerreiro

O mais recente relatório do Fórum Económico Mundial (FEM) sobre a competitividade das várias nações mundiais para 2003 e 2004 (divulgado na passada semana) penaliza a economia nacional em relação às demais economias globais.

Este relatório utiliza dois parâmetros complementares para analisar a competitividade das economias mundiais. O primeiro desses índices debruça-se sobre o potencial de cada economia para conseguir um desenvolvimento sustentado, apoiando-se para isso no ambiente macroeconómico, onde se inclui a qualidade das instituições públicas e a tecnologia existente. O outro índice refere-se à competitividade nos negócios, analisando para tal a produtividade e o seu crescimento.

Portugal caiu seis lugares, para a 25ª posição, num dos índices, embora tenha mantido o 36º lugar no outro. No primeiro, a economia nacional constituiu-se como a décima melhor da União Europeia, à frente da França e Itália, por exemplo. Por sua vez, no segundo índice está apenas à frente da Grécia, se tivermos em conta os restantes colegas europeus.

A Finlândia é a economia mais competitiva, seguida dos EUA, sendo que as dez primeiras posições são ocupadas por economias europeias. Este estudo é divulgado desde 1979.

Clima económico melhora

Mário Guerreiro

Os últimos dados divulgados pela Direcção-Geral para os Assuntos Económicos e Financeiros (DGECFIN) da União Europeia afirmam que o clima económico em Portugal melhorou no passado mês, o que se verifica pelo terceiro mês consecutivo. Apesar do teor positivo, trata-se de uma melhoria de apenas 96,1 pontos, ou seja, 3,9 por cento inferior à média de 2000.

De acordo com a DGECFIN, houve uma melhoria da confiança dos consumidores, mas também dos empresários da construção e dos serviços nacionais. A este factor é importante acrescentar a maior estabilidade da confiança dos industriais nacionais e do próprio comércio a retalho.

Se esta melhoria do clima económico em Portugal se continuar a verificar num futuro próximo, é provável que a actividade exportadora (de influência notória no crescimento económico) sofra um positivo incremento. Este aumento está em concordância com os mesmos indicadores aplicados à Zona Euro (subiu para 95,6 pontos) e à União Europeia (subiu para 95,9 pontos).

12 INTERNACIONAL

Irão cede a pretensões de EUA

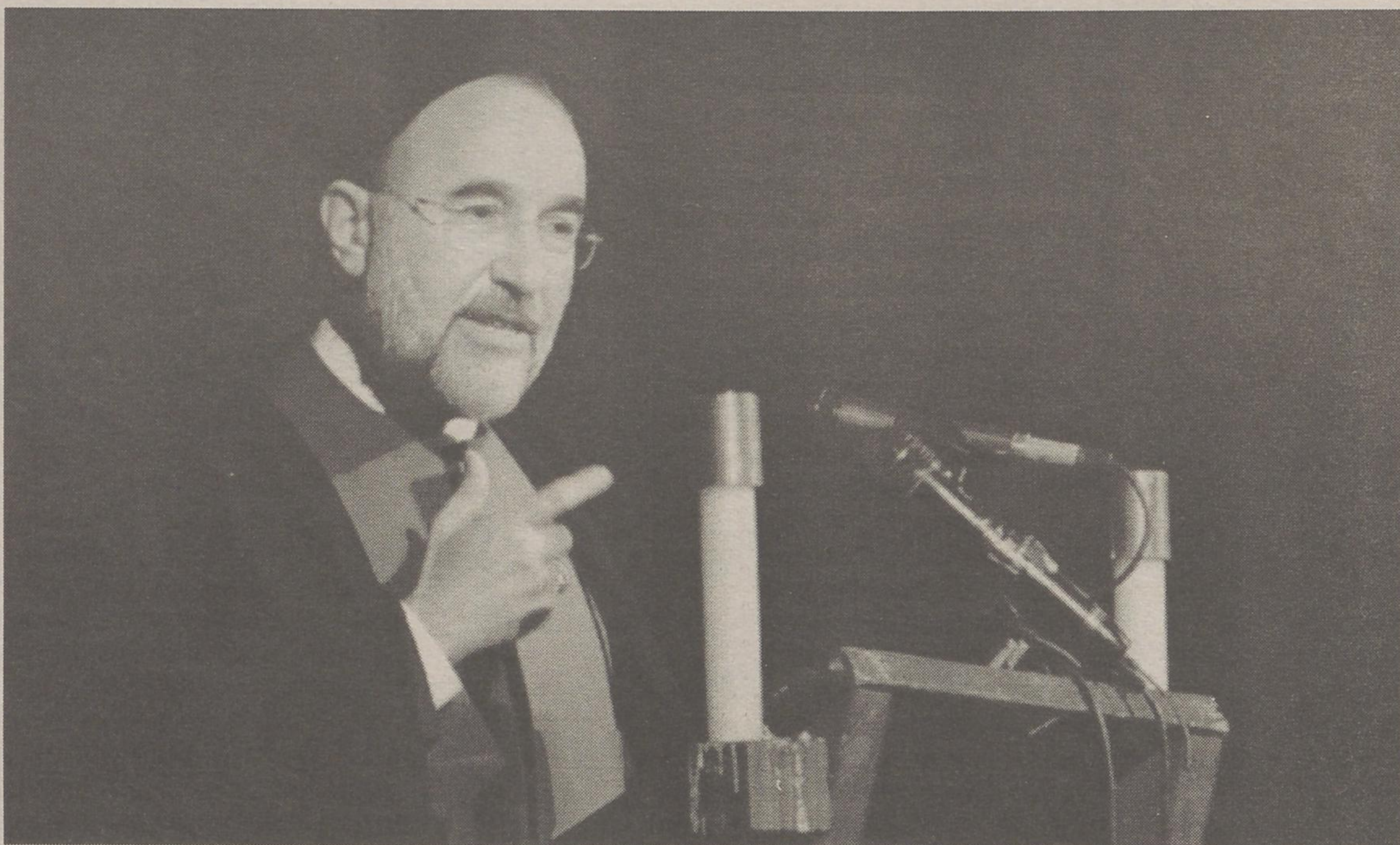
Comunidade internacional confiante no acordo

Irão nega enriquecimento de urânio para fins militares, mas EUA insistem na campanha anti-nuclear no "eixo do mal"

Ana Rita
Bruno Vicente

No decorrer do encontro desta semana entre Hassan Rohami, chefe do Conselho Nacional de Segurança do Irão, e os chefes de estados russo e norte-americano, é provável que o Irão anuncie o dia em que vai assinar o protocolo que permitirá à Agência Internacional de Energia Atómica (AIEA) iniciar as inspecções nucleares. A medida referida vai ao encontro das exigências americanas, que um dia antes da declaração iraniana acusavam o país de "não respeitar as suas obrigações internacionais em termos de não proliferação" apoiando o terrorismo e acolhendo membros da Al-Qaeda.

Não obstante algum cepticismo americano, os iranianos procuraram transmitir à opinião internacional uma total transparência e colaboração com a AIEA ao revelarem num documento aquilo que "podem ser consideradas falhas" no Tratado de Não-Proliferação Nuclear. Segundo Ali Akbar Salehi as falhas "são certos testes de laboratório e não são significativas nem importantes". Consequentemente, a AIEA enviou inspectores ao Irão de modo a verificar as declarações, cujos resultados vão ser enviados aos vários estados que a constituem até 20 de Novembro. Em simultâneo, as relações entre Irão e EUA têm sido de alguma instabilidade desde o início do conflito no Iraque, altura em que o



Irão de Khatami deve assinar esta semana o protocolo que permitirá a entrada no país dos técnicos da AIEA

presidente Bush chegou a afirmar uma possível intervenção no Irão: "Agora o Iraque, depois o Irão e a Síria".

Não é recente o conflito entre o Irão e os EUA, evidente em Janeiro de 2002 quando Bush declara o Irão como pertencente ao "eixo do mal". Porém, é após a guerra no Iraque que a pressão de Washington ao Irão aumenta com a Casa Branca a acusar Teerão de desenvolver armas de destruição maciça, através do enriquecimento de urânio.

Por iniciativa dos países ocidentais e, especialmente, pela forte diplomacia dos EUA, o conselho dos governadores da AIEA adoptou por unanimidade, a 12 de Setembro em Viena, uma resolução bem definida em relação ao Irão. O órgão executivo da AIEA deu até 31 de Outubro à Repú-

blica Islâmica para dar a conhecer o seu programa nuclear e provar desse modo que não procurou obter armamento proibido.

A 8 de Outubro, Shirin Ebadi, prémio Nobel da Paz, declara o Irão como um país "que se opõe a uma intervenção estrangeira e Kamal Kharazi, responsável da diplomacia iraniana, afirma que "o programa de enriquecimento de urânio para fins pacíficos vai continuar, apesar da intervenção da AIEA no terreno". Há longos meses que o Irão nega querer dotar-se de armas de destruição em massa e defende o seu direito de desenvolver um programa nuclear civil para satisfazer necessidades energéticas.

A colaboração do Irão com a AIEA revelou-se lenta. No entanto, a 21 de Outubro, o Irão viria a aceitar a sus-

pensão do enriquecimento de urânio, prometendo assinar o Protocolo Adicional do Tratado de Não Proliferação Nuclear e rejeitando as acusações dos EUA no que concerne a um eventual programa clandestino de armamento camuflado pelo programa civil energético. Mohammad Khatami, presidente do Irão, considerou a assinatura do documento um acto que demonstra "boa vontade" do Irão, de modo a criar uma "relação de confiança" com os EUA. Contudo, salientou o carácter temporário da medida.

Na origem desta mudança esteve, entre outros factores, a acusação do Conselho Nacional da Resistência Iraniana que, difamando o poder oficial do Irão, declara à comunicação social a existência de instalações nucleares secretas em território iraniano.

Eleições na Irlanda do Norte

Liliana Carona
Filipa Oliveira

No dia 21 de Outubro, em Belfast, foi confirmada a realização das eleições para a Assembleia da Irlanda do Norte, cuja resolução irá impulsionar o processo de paz, depois da suspensão da autonomia do Ulster há um ano.

As eleições terão lugar no dia 26 de Novembro de 2003, decisão tomada após uma ansiada reunião entre os primeiros ministros britânico e irlandês, Tony Blair e Bertie Ahern, respectivamente.

Contudo, o IRA (Exército Republicano Irlandês), de fé católica e os unionistas (protestantes) não chegaram a acordo sobre a partilha de poder, estando previsto o reatar das negociações após a realização do escrutínio. A falta deste acordo significa que David Trimble e o partido unionista não vão dar o seu aval à criação de um Governo que inclua nas suas fileiras um ministro do Sinn Féin (braço político do IRA). Isto inviabiliza de imediato o anúncio de um Governo semi-autónomo após as eleições deste mês. Este diferendo na partilha do poder entre os unionistas e o Sinn Féin levou a que o Governo e a assembleia da Irlanda do Norte, conhecida como assembleia de Stormont, fossem suspensos pelas autoridades londrinas há um ano. A única diferença actual é que o IRA se pronunciou favoravelmente em relação a um terceiro desarmamento.

A história do conflito irlandês está repleta de actos bárbaros e sangrentos entre unionistas (protestantes da Irlanda do Norte) e republicanos (católicos da República da Irlanda). Tendo em conta que os católicos são amplamente maioritários na ilha e face a um passado de perseguições, os unionistas, temendo a absorção da Irlanda do Norte pela República da Irlanda, pretendem continuar unidos ao Governo britânico.

As eleições de 26 de Novembro já foram canceladas duas vezes pela falta de confiança entre os partidos norte-irlandeses. Assim que o Governo britânico entendeu organizar as últimas eleições locais, o chefe dos unionistas protestantes, David Trimble, julgou insuficiente o desarmamento anunciado pelo IRA. John Reid (ministro britânico para a Irlanda), por sua vez, também fez um apelo às organizações paramilitares protestantes para que seguissem o exemplo do IRA.

Protagonistas de uma longa história de ataques bombistas e assassinatos de políticos, mais uma vez a situação torna a repetir-se e as divergências continuam, salientando-se os dois últimos atentados: o assassinato do sobrinho do líder católico Gerry Adams, reivindicado pelo grupo protestante LVF (Força de Voluntários Unionistas) e ainda o assassinato pelo INLA (Exército Nacional de Libertação da Irlanda) do fanático unionista Billy Wright, que se encontrava preso.

Bolívia recupera lentamente da turbulência

O país viveu recentemente uma das mais graves crises da sua história, que culminou com o exílio do presidente e a morte de perto de 80 pessoas

Paulo Alexandre Teixeira
Tiago Pimentel

Depois de um período atribulado, a vida na Bolívia começa a retomar o ritmo normal. Os serviços voltaram a funcionar e o país iniciou a recuperação com uma reforma governamental. O novo executivo, escolhido por Carlos Mesa, é composto por políticos sem ligações a qualquer partido.

Uma das novidades preconizadas pelo novo presidente boliviano é a

criação de um alto responsável contra a corrupção, mas também de um ministério para os Assuntos Indígenas e Povos Originários, no que foi entendido como forma de apaziguar de imediato a população.

A crise começou em Setembro, quando os sindicatos decidiram efectuar uma greve geral por tempo indeterminado, em protesto contra um acordo de livre câmbio assinado com o Chile. O documento contemplava a passagem pelo norte do Chile de um gasoduto proveniente das jazidas de Tarija, situadas no sul da Bolívia, com destino aos EUA. No tratado de paz, o território de Arica, único acesso ao mar, foi transferido para jurisdição chilena. Outra razão é o facto de os sindicatos afirmarem que os lucros não iriam ser canalizados para melhorar a situação do país, um dos mais pobres da América do Sul.

Os confrontos resultaram em mais

de 80 mortos, tendo a maioria dos incidentes ocorrido em El Alto, um bairro pobre situado nos arredores de La Paz. Como consequência, o Governo declarou o estado de sítio, tendo os militares isolado a capital do resto do país. Organizações de direitos humanos acusaram o exército de brutalidade e massacre de civis, incluindo crianças. Com o país perto da guerra civil, o presidente Gonzalo Sanchez de Lozada tentou um compromisso, com a proposta de um referendo. Mas a solução já veio tarde e, a 17 de Outubro, Sanchez demitiu-se, estando agora exilado nos EUA. O então vice-presidente Carlos Mesa substituiu-o nas suas funções.

A Bolívia é um dos países da América do Sul com maior número de indígenas. Estes constituem as classes mais desfavorecidas do país, as que mais se sublevaram nas passadas semanas.

Apesar de a crise ter chegado ao fim, as tensões sociais continuam latentes devido à miséria social do território. Para piorar a situação, nos últimos anos o Governo, com ajuda americana, tem destruído milhares de hectares, sem compensar devidamente os agricultores.

Kofi Annan, secretário-geral da ONU, já garantiu que as Nações Unidas estão empenhadas em ajudar os bolivianos na construção de "uma sociedade mais justa, na qual os cidadãos podem exigir as suas reivindicações sociais e na qual os direitos do homem sejam inteiramente respeitados".

A história da Bolívia é turbulenta, detendo o triste recorde do país com mais golpes de estado (cerca de centena e meia ao longo da sua história). Desde 1982 que existe um regime democrático, e as últimas eleições ocorreram em Junho de 2002.

Procura de medicamento para o cancro

Terapia fotodinâmica: uma nova alternativa

Cientistas da Universidade de Coimbra estão a desenvolver uma investigação com o fim de criar um medicamento eficaz e sem efeitos secundários na cura do cancro

Suzana Marto
Carla Pinto
Carlos Portela

Os estudos desenvolvem-se na área da fotodinâmica, que é utilizada no tratamento deste tipo de doença e traz várias vantagens em relação aos métodos mais conhecidos, como a quimioterapia ou a cirurgia.

As principais contrapartidas dos métodos normalmente utilizados no tratamento dos vários tipos de cancro são os efeitos secundários. A queda de cabelo é um dos efeitos indesejados da quimioterapia. A cirurgia é muito eficaz em determinados casos, como no cancro da mama, mas causa problemas posteriores a nível estético.

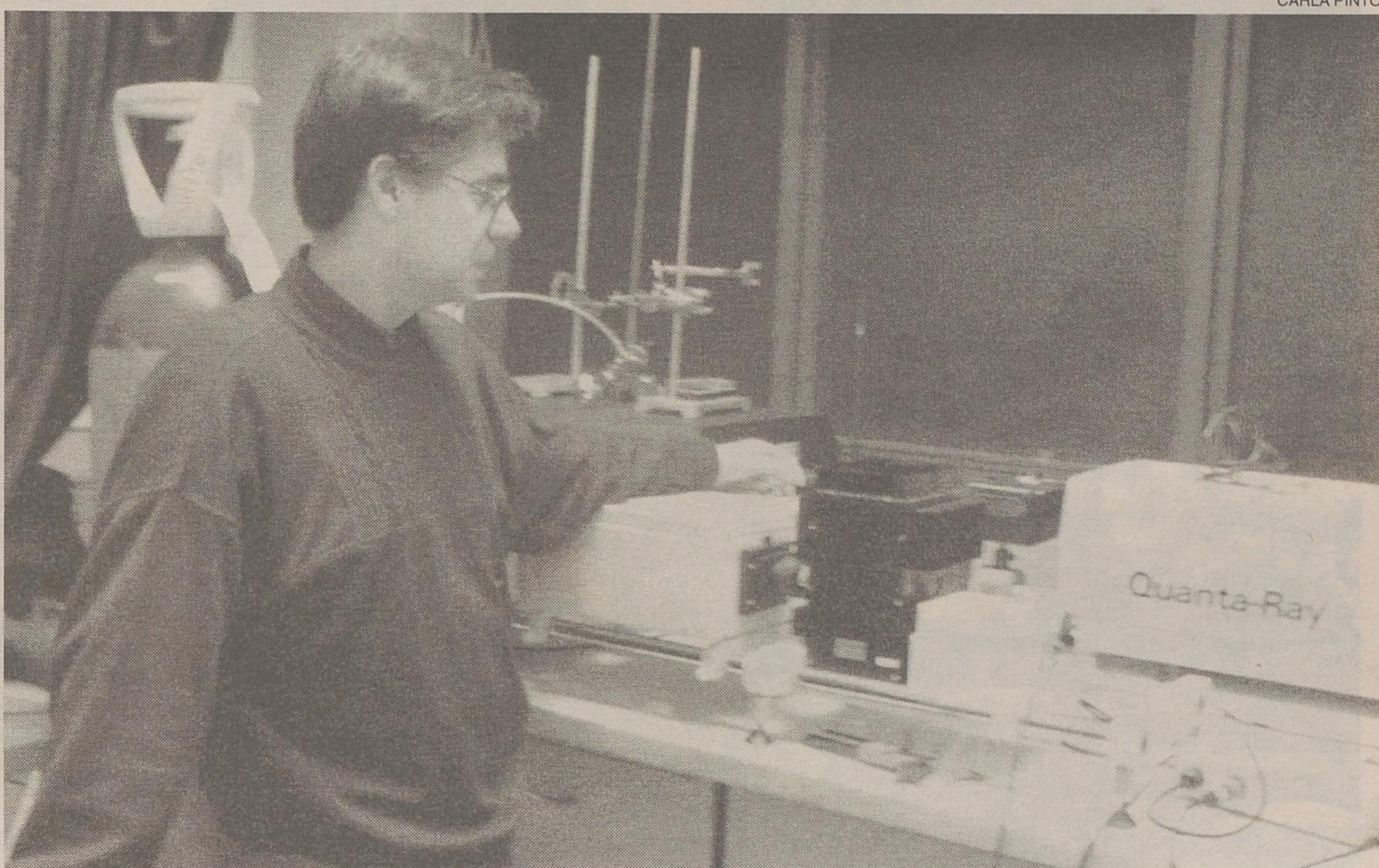
Há determinados tipos de cancro para os quais não é possível realizar a cirurgia, como o cancro cerebral. Por esta razão, surgiu a necessidade de estudar um novo método terapêutico, a

terapia fotodinâmica. Para além de quase não originar efeitos secundários, esta terapia tem também vantagens a nível estético. No tratamento do cancro da pele, por exemplo, não provoca cicatrizes.

Luis Arnaut Moreira, professor do Departamento de Química da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e investigador responsável pelo projecto, explica que o processo consiste, basicamente, em administrar um fármaco (denominado fotossensibilizador) ao paciente. Este é depois exposto a um raio laser, de modo a que se possa fazer o tratamento numa zona específica do corpo, queimando as células cancerígenas.

A única contrapartida reside no facto de o paciente não se poder expor a qualquer tipo de luz durante um determinado período de tempo, isto porque o fármaco se espalha pelo organismo do paciente e a exposição à luz poderia queimar algumas células não cancerígenas. Assim, Luis Arnaut Moreira explica que “basta a sujeição da pessoa à luz de uma lâmpada para prejudicar a terapia”.

Neste momento, os investigadores estão empenhados em desenvolver um fármaco com efeitos mais duradouros e portanto mais eficaz que a fotofrina (nome comercial do primeiro medicamento autorizado a ser administrado nos seres humanos no uso deste tipo de terapia). Como 90 por cento do cérebro humano é composto por subs-



Investigadores da Universidade de Coimbra empenhados em desenvolver fármaco mais eficaz para combater o cancro

tância líquida, assim como grande parte do corpo, a equipa tenta que o fármaco se torne mais solúvel de modo a expandir-se mais facilmente. Um outro objectivo é torná-lo mais acessível, economicamente, ao público.

O apoio financeiro atribuído a este projecto, pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, ronda os 86 mil euros, o que, segundo o investigador res-

ponsável, “não é o que se deseja, mas tem sido suficiente”. As fragilidades do meio científico português, a falta de pessoal especializado e de material técnico, que possibilite uma maior pesquisa, são alguns entraves ao sucesso deste estudo. O custo elevado da quantidade de fotofrina e de outros fármacos necessários para o tratamento de cancro num ser humano é outro

facto que dificulta o desenvolvimento da investigação. Luis Arnaut Moreira afirma que “um grama de fotofrina, ou seja o peso de meia dúzia de cabelos, custa cerca de 5000 euros.”

Apesar de alguns países já possuírem a terapia fotodinâmica, como é o caso da Inglaterra, EUA e Canadá, em Portugal este tratamento ainda não é uma realidade.

Descobrir o elo entre genes e alimentação

Coimbra acolhe exposição internacional que faz a ponte entre a agricultura da Idade da Pedra e a engenharia genética

Inês Saraiva

“Os Genes e a Alimentação” é o tema de uma mostra científica patente no Convento de São Francisco, em Santa Clara. A exposição foi inicialmente desenvolvida pela Fundação Alimentarium, da Nestlé, e inaugurada no Museu da Alimentação, em Zurique, em 1998. O sucesso obtido justificou a viagem para fora das fronteiras suíças, nomeadamente para França, Alemanha e Espanha. Acolhida pela capital nacional da cultura 2003, é agora em Coimbra que se encontra a edição portuguesa, aberta ao público até 18 de Dezembro.

Os cerca de 700 metros quadrados da mostra foram preparados por uma equipa de profissionais de várias áreas. Desta forma, o visitante mergulha no universo da genética envolvido por um conjunto de jogos de luz com um fundo musical. Paulo Trincão, responsável pela programação para a área científica da Coimbra 2003, destaca o “carácter educativo” da exposição. Alguns dos vários meios usados destinam-se a quem se inicia no tema. Exemplo disso são um livro falante e um filme que faz a viagem até ao centro da célula. Para os visitantes mais esclarecidos,

como alunos do secundário da área científico-natural, foi preparado um sistema de painéis interactivos que permitem abordar temas mais concretos da genética. Toda esta informação está também compilada num livro editado pela organização.

Nesta exposição, os aspectos históricos não ficaram esquecidos. Além do ambiente místico do convento, que se encontra actualmente em trabalhos de recuperação, foi recriada parte da história da genética. Um exemplo disto é o jardim de plantas construído no claustro, que recorda as primeiras experiências de Mendel sobre as leis da hereditariedade feitas com ervilhas, no século XIX. A exposição possui também um modelo da estrutura da molécula de ADN, apresentado em 1953 na Universidade de Cambridge, quando os investigadores Watson e Crick sugeriram pela primeira vez a estrutura em forma de dupla hélice.

No ano em que se comemoram os 50 anos da descoberta do ADN, a exposição faz também um convite à reflexão e discussão sobre temas que marcam a actualidade de forma controversa. Um exemplo é o debate em torno dos alimentos geneticamente modificados, que surge no cruzamento entre a biotecnologia, a ética e a ecologia. Bjorn Lomborg, autor do polémico livro “O Ambientalista Céptico”, afirmou que a disparidade de opiniões que se constata nestes assuntos “deve-se, sem dúvida, à falta de informação”. “Os Genes e a Alimentação” é uma oportunidade tanto para obter informação como para reflectir.

PUBLICIDADE

UM PORTAL PARA QUEM É DOUTOR,
QUER SER DOUTOR, CONHECE UM DOUTOR,
OU AINDA TEM UMA VAGA ESPERANÇA
DE PASSAR A ÁLGEBRA LINEAR III.

www.cup.cgd.pt.
O portal dos universitários

Caixa Geral de Depósitos
Um Banco de verdade.

Chegou o portal de todos os universitários. Em www.cup.cgd.pt encontra facilmente o que precisa para dar outra vida à sua vida académica: agenda pessoal, chats, programas de curriculum, informação sobre cursos, comunidades académicas, bolsas de estudo e programas de intercâmbio, notícias e classificados, enfim, uma enorme quantidade de informação. O www.cup.cgd.pt tem até uma secção de informações financeiras, e um serviço de internet banking da Caixa Geral de Depósitos. E é tão fácil de consultar, que nem precisa de ter a licenciatura.



Nos últimos sábados de cada mês, a Praça Velha enche-se de objectos que povoam as memórias de tempos idos

Os respigadores de memórias

Uma odisseia por um tempo em suspensão através de recordações

No último sábado de cada mês, a Praça do Comércio em Coimbra enche-se de vendedores, compradores, colecionadores ou meros curiosos numa apaixonada procura de objectos com histórias para contar

Gustavo Sampaio

Começam a chegar logo pela madrugada, imunes a uma chuva miudinha que insiste em cair sobre a calçada escurecida. Descarregam as malas repletas de objectos, montam as bancas, fumam um primeiro cigarro e vão conversando para aquecer os lábios enrugados com o frio que se faz sentir. A grande maioria é da região de Coimbra, mas alguns vêm de fora especialmente para a feira. São vendedores de memórias antigas, de objectos com histórias para contar, procurados essencialmente por nostálgicos de um tempo que não voltará a acontecer, mas também por visitantes de circunstância.

É sempre assim no último sábado de cada mês, dia reservado para a feira de velharias

e antiguidades na Praça do Comércio, em plena Baixa da cidade de Coimbra. Hoje, porém, extraordinariamente, a feira decorre no início do mês, dia 1 de Novembro, pois a praça esteve ocupada no fim-de-semana passado pela feira profissional "Ser Pro". Nada que tenha afectado a habitual grande afluência de visitantes à feira.

Pela manhã, com o nascer do dia, surgem os primeiros compradores, geralmente colecionadores em busca dos objectos mais atractivos da feira. É por esta altura que se fazem os melhores negócios. Alguns vendedores chegam a abandonar a feira logo a meio da manhã, satisfeitos com os

dividendos obtidos. Mas a maioria permanece pelo dia fora e apenas começa a arrumar o material ao fim da tarde, quando a luz solar começa a escassear.

Subsiste um ambiente de grande camaradagem entre muitos dos vendedores. Conversam entre eles, compram coisas uns aos outros, ajudam-se mutuamente nos trocos

com notas ou moedas e por vezes ficam a tomar conta da banca do colega do lado, enquanto este vai dar uma volta pela feira ou faz um intervalo para ir almoçar ou lanchar. São relações de amizade que se estendem a alguns compradores habituais que aparecem em todas as feiras. Velhos conhecidos que

mesmo que não queiram comprar nada ficam por ali a conversar jovialmente durante alguns minutos.

A diversidade

Uma volta pela feira representa uma viagem por um mundo inteiro de coisas diferentes, por vezes mesmo algo improváveis. A infinidade de objectos antigos perfilados nas mais variadas bancas ou sobre tapetes esticados no chão de pedra impressiona os mais incautos. Desde candelabros com um brilho especial a centenas de talheres de prata e louça diversa, vende-se de tudo ao longo do espaço ocupado pela feira.

Encontram-se provetas e outro material antigo de laboratório, lamparinas, molduras de madeira, espelhos, velhos discos em vinil de música que já não se ouve muitas vezes, milhares de selos, conjuntos de chá, brinquedos, modelos de carros e comboios em lata, balanças, telefones que já não se fabricam, inúmeros relógios antigos de corda, um velho acordeão, baús, moedas e medalhões, figuras de santos e a mais variada arte sacra, bengalas, cachimbos, carabinas enferrujadas, sinos dourados, raquetes de ténis, entre muitos outros objectos que caíram em desuso e mudaram bastantes vezes de dono com o passar dos tempos.

Cuidadosamente arrumados e expostos, ou algo amontoados uns sobre os outros, os objectos vão sendo vendidos aos visitantes, não sem antes se regatear de uma forma



FRANCISCA MOREIRA

A diversidade dos objectos é uma das características da feira

mais ou menos empolgada o preço de venda. Porque é raro encontrar um preço referenciado. Tudo é negociável, tudo é flexível. Não há preços fixos. Como se não fosse possível calcular o valor exacto de nenhum destes objectos que encerram em si uma história muito própria para contar. Um valor sentimental incalculável em números. Além disso, o acto de regatear também faz parte integrante e activa do ambiente de magia que abrilhanta este tipo de feiras.

Leituras usadas

“Parecia-me que o cortejo ia um pouco mais depressa. Em volta de mim, era sempre a mesma paisagem luminosa, inundada de sol. O brilho do céu era insustentável. Em dado momento, passámos por um troço de estrada que havia sido arranjado há pouco. O sol derretia o alcatrão. Os pés enterravam-se, deixando aberta a carne luzidia do alcatrão. (...) Sentia-me um pouco perdido entre o céu azul e branco e a monotonia destas cores, negro-pegajoso do alcatrão aberto, negro-baço dos fatos, negro-lacado do carro. Tudo isto (...) me perturbava o olhar e as ideias”. Assim se lê de uma página amarelecida aberta ao acaso, a página número 53, de um exemplar antigo da obra “O Estrangeiro”, de Albert Camus. Um livro colocado na ponta de uma banca repleta com centenas de outros livros e revistas usados, sob o olhar curioso de alguns transeuntes.

A variedade de temas disponíveis é imensa. Ao lado de um livro com o título “Sexo/Espionagem: a exploração do sexo pelos serviços secretos soviéticos”, encontra-se a compilação “As Receitas da TV”, com detalhadas instruções para a confecção de pratos como sopa de peixe ou pato com ananás. Mais abaixo, com uma capa branca algo envelhecida, um exemplar do romance “A Viagem”, de Virgínia Woolf, juntamente com diversos outros livros, em melhor ou pior estado de conservação, de variadíssimos autores como Italo Calvino (“Palomar”), Pablo Neruda (“Confesso que Vivi”), George Orwell (“Homenagem à Catalunha”), F. Scott Fitzgerald (“O Grande Gatsby”), Antonio Tabucchi (“Nocturno Indiano”) ou mesmo o improvável Karl Marx (“O Capital”). Livros usados que querem ser pegados por outras mãos para serem lidos uma vez mais.

“O que mais se vende são romances, sobretudo de autores que ganharam o Prémio Nobel”, informa o vendedor dos livros, José Nascimento. “Mas também se vendem muitos livros sobre a região de Coimbra e a

Universidade de Coimbra”, acrescenta, enquanto vai empacotando um molhe de livros numa caixa de papelão. Questionado sobre quem são os seus principais compradores, José Nascimento indica com alguma naturalidade professores e estudantes. Porém, refere que há muitos coleccionadores que procuram livros raros na sua banca, sobretudo obras “sobre os anos 20 e 30 em Coimbra” ou “sobre a praxe académica”.

José Nascimento vive apenas deste ofício, ao contrário da maioria dos vendedores que durante a semana têm outro tipo de profissões. No entanto, refere que está a tirar simultaneamente um curso de encadernação para melhorar e preservar os livros que tem para vender. Aparece em todas as edições da feira de Coimbra e fica quase sempre no mesmo local (numa das extremidades da praça).

Sons perdidos

Noutro ponto da feira, escutam-se músicas de outros tempos que geram um sentimento de nostalgia a quem vai passando na praça. O som vem de uma velhinha caixa verde de gramofone que funciona com uma manivela. O vendedor vai mudando o disco e roda a manivela para que as pessoas possam ouvir um pouco o som proveniente daquele verdadeiro pedaço de História, por entre gira-discos antigos e aparelhos de rádio que já não se fabricam há muito tempo.

“Hoje ainda não me estreei”, confessa o vendedor Victor Taveiras, queixando-se do facto de não ter vendido nada durante o dia inteiro. “Isto são sobretudo peças de colecionador e é raro vender alguma coisa”, refere este residente da cidade de Coimbra. Victor Taveiras informa que possui rádios e gira-discos muito antigos, fabricados entre os anos de 1932 e 1955, de marcas como a Optal, a Schaub, a Lorenz ou a Philips. “De entre estes aparelhos todos, a única marca que ainda fabrica é a Philips”, sublinha.

Entretanto aproxima-se um senhor de uma certa idade, com cabelo grisalho e farta barba branca, calças de fazenda e sapatos de pele castanha. É um coleccionador e está interessado num dos aparelhos de rádio. “Ofereço-lhe 15 contos por ele”, diz com uma voz rouca, enquanto segura numa cigarrilha com a mão esquerda. O vendedor diz que não baixa dos 20 contos. Mas pouco tempo depois já só está a pedir 18. Nunca se saberá se o acabou por vender ou não.



Trabalho e arte misturam-se na Praça do Comércio



Busca de afectos antigos ou mera curiosidade, a Feira de Velharias serve para ambos

16 DESPORTO

Boa exibição garante pontos

Académica obtém a primeira vitória no Estádio Cidade de Coimbra

Delmer marcou por duas vezes. A equipa criou muitas oportunidades, mas a incerteza reinou até ao fim

Tiago Pimentel

Depois da derrota no jogo de inauguração do Estádio Cidade de Coimbra, com o Benfica, era grande a expectativa para o confronto com o Gil Vicente. A Académica somava por derrotas os quatro jogos na condição de visitada, sendo importante a conquista dos primeiros três pontos em casa.

Frente ao Gil Vicente, Vítor Oliveira decidiu operar algumas mudanças na estrutura da equipa, imprimindo-lhe um cariz mais ofensivo do que o evidenciado no jogo de inauguração, tendo chamado Marcelo, Delmer e Fábio Felício à titularidade. Assim, a equipa alinhou do seguinte modo: Pedro Roma esteve na baliza, tendo à sua frente Nuno Luís (na direita), Pedro Henriques (à esquerda) e Tonel e José António no eixo da linha defensiva. No meio campo, Tixier e Rocha repartiam as tarefas defensivas, estando Marinescu mais solto no apoio às iniciativas do ataque. A frente atacante contava com o tridente Delmer (à direita), Fábio Felício (na esquerda) e Marcelo (ao centro).

A Académica entrou melhor na partida, conseguindo chegar com perigo à baliza defendida por Paulo Jorge. A primeira oportunidade flagrante de golo pertenceu à Briosos, tendo Delmer, a passe de Fábio Felício, falhado em frente ao guarda-redes Paulo Jorge. Após um período de domínio da Académica, o Gil Vicente conseguiu, a partir dos 30 minutos de jogo, sacudir a pressão e equilibrar as operações, tendo criado algum perigo para a baliza de Pedro Roma.

O intervalo chegava sem golos, facto que começava a impacientar o



Délmer bisa na primeira vitória caseira da Académica

público nas bancadas, ainda mais face às oportunidades de golo flagrantes de que a Académica dispôs. Na verdade, já não faltava muito para haver motivos para festejar. Passados apenas quatro minutos desde o reatamento da partida, o Gil Vicente ficou reduzido a dez unidades, em consequência da expulsão de Luís Loureiro, por acumulação de cartões amarelos. A Briosos aproveitou bem este facto, já que conseguiu inaugurar o marcador dois minutos depois. Delmer tira proveito da confusão gerada na grande área gilesta na sequência de um canto e empurra para o fundo da baliza. Estava feito o 1-0.

A superioridade numérica e a tranquilidade que o golo trouxe permitiram à Académica gizar belas jogadas de futebol, levando sempre perigo à baliza contrária. No entanto, e com as alterações efectuadas pelo técnico Mário Reis, o Gil Vicente nunca deu o jogo por perdido e tentou sempre alvejar a baliza da Académica. As

oportunidades de golo sucediam-se, cada qual mais flagrante, e foi Delmer quem bisou, aos 89 minutos, num golo de belo efeito.

Imediatamente a seguir, uma queda na área da Académica é entendida pe-

lo árbitro da partida como passível de castigo máximo. Paulo Alves, chamado à conversão, não perdoa e reduz o resultado para o final 2-1. Com este resultado, a Briosos soma 11 pontos, os mesmos que o Gil Vicente.

Nas cabines...



Vítor Oliveira

- "Estamos contentes. É uma vitória inteiramente justa."
- "Entrámos com confiança e fomos melhores durante os 90 minutos."
- "O resultado não espelha o que se passou em campo."
- "As nossas forças foram superiores às nossas fraquezas."
- "O apoio do público foi brilhante, foram de facto o 12.º jogador."



Mário Reis

- "Não entrámos bem no jogo. Quando acertámos as marcações criámos oportunidades."
- "A jogar com mais um jogador, a Académica obrigou-nos a correr atrás do prejuízo."
- "O Luís Loureiro é expulso injustamente."
- "Arriscámos, já que não tínhamos nada a perder."
- "A Académica é um justo vencedor por aquilo que fez."

Confronto de "velhos conhecidos"

A Secção de Futebol da AAC venceu o Pereira por três bolas a uma

Naquele que podia ser um jogo recuperado da época passada, o Pereira recebeu a equipa dos estudantes, plantel que conhece bem, uma vez que ambas as equipas conseguiram a subida na época passada. Depois de vários jogos muito complicados, em que a Secção de Futebol defrontou as equipas que neste momento se encontram no topo do campeonato, "este foi talvez o primeiro jogo com

uma equipa de nível distrital, que também subiu na época passada". Nuno Cardoso, jogador da Académica, esperava as dificuldades que acabaram por se verificar, uma vez que as equipas pequenas se galvanizam sempre que estão perante um clube como nós".

Neste encontro, a equipa dos estudantes conseguiu controlar sempre o rumo dos acontecimentos, muito devido à boa forma física dos jogadores e ao bom momento que o conjunto atravessa. No final do encontro, o resultado podia ainda ter sido dilatado em várias jogadas de contra-ataque rápido por parte da

equipa visitante. Em relação à época passada, o facto de jogar em relvado deixou de ser um trunfo tão evidente: "Todas as equipas estão bem preparadas fisicamente. No ano passado, a nossa condição física era muito superior à dos outros clubes, factor que era muito mais óbvio quando jogávamos em relvado".

Nesta partida, o jovem Pissarra esteve em evidência ao marcar dois golos. O primeiro surge de um livre em que o guarda-redes adversário não segura a bola e o segundo de uma assistência de Pita que, dentro da área, deixa a bola para o remate forte daquele que é um dos jogado-

res mais jovens deste plantel. O terceiro golo da Académica foi marcado por Vasco que, depois de um desentendimento na defesa do Pereira, cabeceia para o fundo das redes.

Para Nuno Cardoso este resultado nasce como consequência natural da "mentalidade ganhadora" que existe neste momento. O jogador defende ainda que, este ano, a equipa "está num patamar competitivo muito superior em relação ao ano passado sobretudo devido ao novo treinador, que trouxe uma nova maneira de ver os jogos e também de estar na equipa, que agora é mais responsável e aplicada".

Orabolas!

António Gil Leão

Opinião

"Contos velhos, rumos novos?"

"É dever de quem manda lembrar-se sempre do que, em última instância, está ali a fazer"

Estádio novo, contas antigas. Este também podia ser o título desta crónica. Com efeito, por estes dias a Briosos jogou duas vezes para a Superliga no novo Estádio Cidade de Coimbra e nos entretantos aprovou as contas de 2001 e 2002.

Quanto ao estádio não cabem aqui apreciações estéticas, por não interessar isso a quem escreve. Passadas todas as polémicas, fica o estádio. E é com essa realidade que temos de viver.

Quanto à Assembleia Geral de apresentação do relatório e contas de 2002, a sua aprovação acabou com a polémica que vinha desde 2001.

Tudo selado e metido numa qualquer gaveta da história? Vamos com calma...

Voltámos a assistir a uma direcção (excluindo o presidente) que continua a ser oposição à direcção que já cessou funções (mas onde é que eu já ouvi isto?) e não sendo o tempo indicado para falar dos projectos futuros, a atitude de remeter as explicações da saída de Dário para a reunião magna em que se irão apresentar as contas de 2003 não deixa de ser uma atitude criticável.

Falência técnica, "horror" económico, tudo isso pode ser cruelmente verdade. Mas temos que saber quais são as soluções que esta direcção tem para combater a difícil situação do clube e qual o rumo que esta instituição, no seu entender, deve adoptar.

Para quando o retomar da discussão em torno da forma de gestão? Deve a Briosos aproximar-se da "casa mãe", reunir-se com o reitor da Universidade de Coimbra para "forçar" a aprovação em senado do estatuto do atleta de alta competição? Qual a política a adoptar em torno da formação? Como integrar a AAC/OAF-B nessa formação? Deve a Briosos "viver", prioritariamente, de jogadores emprestados?

A direcção tem méritos inquestionáveis. Por vezes, os problemas do dia-a-dia ocupam o tempo quase todo dos dirigentes (que, lembre-se, continuam amadores).

Mas é dever de quem manda lembrar-se sempre do que, em última instância, está "ali a fazer". Orientar a instituição rumo a um destino que se enquadre no tempo e no modo de ser da instituição.

Porque senão "ouvimos" sempre "contos velhos" mas esquecemos, continuamente, os "rumos novos".

Arranque fulgurante da Académica

Académica mantém invencibilidade após derrotar Física de Torres Vedras, assegurando assim a liderança na classificação

**Dinarte Melim Velosa
Bruno Vicente**

O início de época da Académica na Proliga conta já com seis triunfos (Santarém Basket, Maia Basket, Braga Bolacesto, Sampaense, Atlético e Física de Torres Vedras) em outros tantos jogos. Depois de terem subido da II divisão A ao segundo maior escalão do basquetebol português, os estudantes parecem estar no bom caminho para uma nova promoção, liderando a tabela classificativa.

Constituída essencialmente por jogadores formados nas escolas do clube e por atletas sem experiência neste escalão, a equipa revela um rendimento que excede as expectativas quer de adeptos, quer de dirigentes. Um exemplo do bom momento de forma da Académica foi a vitória diante do Atlético, equipa que até então estava invicta.

Segundo Cassiano Afonso, delegado da equipa, “apesar de não haver experiência na Proliga, tem havido trabalho e empenho e é daí que surgem os bons resultados”. Para o dirigente, “o desejo da secção é ir o mais longe possível, mas a manutenção é aquilo que está em primeiro lugar. A ida aos play-offs já é assegurar uma boa prestação e o que vier por acréscimo é bem vindo”. No final da época, a intenção da secção é ter uma equipa com uma base sustentada na Proliga para evitar futuros dissabores. Por sua vez, o treinador Norberto Alves é da opinião que “a equipa tem que preparar todos os jogos como se fossem finais, pois até conseguirmos ter um número de vitórias que nos garantam a manutenção, esse vai ser o nosso objectivo.”



O basquetebol da Académica continua a somar vitórias, tendo em vista a manutenção

Apesar de tudo, a secção não entra em euforias e garante que a aposta na prata da casa é para se manter, tendo em vista valorizar os atletas, dos quais se destacam o base Hugo Loureiro (observado pelo seleccionador nacional Valentyn Melnychuk) e o jovem extremo Bruno Costa. Para além destes jogadores, uma outra mais valia tem sido o reforço americano Greg Morgan, melhor marcador da equipa, que veio dar maior agressividade na luta das tabelas e eficácia no jogo interior, dando maior consistência ao jogo da equipa.

É convicção dos dirigentes da

Académica que a boa prestação do plantel vai estimular o apoio de empresas e de instituições públicas, nomeadamente a Câmara Municipal de Coimbra. Para Cassiano Afonso, esses apoios “podem ajudar a reforçar a equipa com um novo jogador estrangeiro, que dará maior experiência à equipa e então aí poderemos sonhar com outros voos”. Também o treinador corrobora esta opinião, afirmando que “se eventualmente a equipa quiser subir de divisão terá de ser mais consistente e terá de contratar mais um americano, para lutar de igual para igual com os candidatos à pro-

moção. Porém é com estes jogadores que vamos enfrentar a época.”

A época ainda agora começou, sendo o campeonato difícil e longo, mas o bom início dos estudantes (cuja juventude poderia constituir um “handicap”) é por um lado uma fonte moralizadora para o restante campeonato e, por outro, confere um certo estatuto perante as restantes equipas da Proliga.

Apesar de tudo, os dirigentes e apoiantes da AAC têm consciência de que um dia vão perder e afirmam-se receosos das consequências anímicas que daí poderão advir para a equipa.

Só vitórias

Em jogo da sexta jornada da Proliga, a Académica recebeu e venceu o Física de Torres Vedras por 88-77. Na primeira parte entraram melhor os estudantes, que aos três minutos do primeiro período já venciam por 15-5, alcançando um parcial de 13-0, a maior vantagem alcançada ao longo da partida. No entanto, a equipa adversária reagiu no segundo período, registando-se ao intervalo uma igualdade a 44 pontos, devido ao eficaz jogo exterior da turma torreense.

No segundo tempo, a equipa da casa entrou algo nervosa, estando até aos dois minutos e 55 segundos sem pontuar. Foi então que surgiu em plano de destaque o base Rui Rochete, que averbou 14 pontos no terceiro período, desbravando o caminho para a vitória.

Em desvantagem, o Física tentou de todas as formas recuperar, excedendo-se no contacto físico. O acumular de faltas, por parte dos forasteiros, permitiu que a Académica confirmasse o triunfo que a dado momento pareceu estar comprometido.

No final do encontro, o treinador visitante, José Tavares da Silva, considerou a Académica “a equipa mais forte que já vi jogar esta época na Proliga”. Já Norberto Alves destacou o facto de a sua equipa ter revelado alguma falta de maturidade, mas congratula-se por terem conseguido “parar o jogo exterior adversário e a partir daí para a vitória”.

Em declarações ao jornal A CABRA, Hugo Loureiro revelou desconhecer o facto de estar a ser observado pelo seleccionador, no entanto manifestou a sua satisfação pelo interesse. O base salientou ainda a importância do jogo defensivo da sua equipa que possibilitou a nova vitória. Por sua vez, Rui Rochete afirmou já esperar o jogo físico apresentado pelo adversário, não estranhando também a eficácia no jogo exterior deste.

Xadrez cumpre metas

Secção de Xadrez faz um balanço positivo da época

A Secção de Xadrez da Associação Académica de Coimbra mostra-se contente com a prestação da época passada. Para além de ter conseguido a manutenção na I divisão nacional, composta maioritariamente por jogadores semi-profissionais, a equipa dos estudantes obteve ainda o sexto lugar por equipas no nacional de rápidas.

A competitividade acrescida que se fez sentir no nacional deste ano, realizado em Lisboa durante o mês de Agosto, deu ainda mais valor a uma vitória que, segundo Dominic Cross, membro da secção, vem “premiar o trabalho que é realizado pela secção ao longo de todo o ano”. Este jogador obteve também o terceiro lugar individual nacional do torneio organizado pela Federação Académica do Desporto Universitário.

O GX da Guarda foi o grande vencedor do nacional da I divisão deste ano, enquanto que o CAC Pontinha e o SMD Caneças não conseguiram

evitar a despromoção. A equipa da AAC ficou-se pela sétima posição, fugindo assim aos lugares de descida à II divisão.

No passado mês tiveram lugar eleições para a direcção desta secção desportiva, com a subida ao cargo de presidente de Luís Rodrigues. Quanto aos elementos, a secção pretende ter apenas estudantes universitários, apesar de admitir que essa situação ideal ainda poderá estar longe.

Neste momento, está a decorrer o torneio Coimbra Classics II no espaço do Ateneu de Coimbra, organizado pela secção de xadrez. Mais informações em www.aac.uc.pt/~xadrez.

De recordar que a Secção de Xadrez tem conseguido garantir manutenção na I divisão nacional desde 2000 (ano em que subiram à I divisão). Os atletas da Académica tinham atravessado um período bastante irregular em que chegaram a estar na III divisão nacional. Devido à desistência de uma equipa da II divisão, conseguiram subir até à segundo escalão nacional e, no ano seguinte, à I divisão, depois de terem obtido o segundo lugar no campeonato.

Hóquei perde em Aveiro

Hóquei em Patins da Académica perde frente ao anti-jogo do FC Bonsucesso

Em mais um jogo do campeonato nacional da III divisão - zona norte, a equipa da Secção de Patinagem da Associação Académica de Coimbra perdeu no difícil terreno do FC Bonsucesso.

No terreno de uma equipa que é conhecida pela dureza e pelo modo como impede os adversários de desenvolver o seu jogo, a equipa dos estudantes deslocou-se a Aveiro consciente das dificuldades.

A partida começou com um golo da Académica logo aos quinze segundos. Pouco depois, num lance fortuito, o Bonsucesso consegue chegar ao golo. Aos doze minutos, numa jogada de contra-ataque, a equipa local passa para a frente do marcador tendo a Académica empatado o encontro apenas em cima do intervalo.

No segundo tempo, a arbitragem acabou por prejudicar a Briosas e ditar o resultado final a favor da equipa aveirense que venceu este encontro sem mérito. O próximo jogo do campeonato tem lugar a 15 de Novembro, com a Académica a receber o Vila Boa do Bispo. Já no próximo sábado, os estudantes deslocam-se a Oliveira de Azeméis, para defrontar a equipa local, em jogo a contar para a segunda eliminatória da Taça de Portugal.

Mário Nogueira, dirigente da Secção de Patinagem, referiu que “com este resultado nada se perde mas é importante que a Académica aprenda com estas situações”. Para o dirigente esse cenário apenas será possível se a equipa de Coimbra conseguir obter uma margem de golos confortável que lhe permita gerir o resultado e controlar a equipa adversária.

Por sua vez, a equipa feminina viu o seu fim de semana marcado por um empate (para a Taça de Portugal) e por uma vitória expressiva a contar para o Torneio de Abertura da competição que disputa.

Um projecto de ambições e controvérsias

Eurostadium nasce com o novo Calhabé e pretende revitalizar a zona da Solum

Depois da inauguração ao público e do espectáculo dos Rolling Stones, o Estádio Cidade de Coimbra acolheu a primeira competição desportiva

**Cristina Bastos
Vítor Rodrigues e Oliveira
Marco Pereira**

O projecto Eurostadium e o novo estádio de Coimbra são realidades autónomas, mas indissociáveis. Apesar de ambos pretenderem cativar a região através de eventos desportivos e culturais, os dois processos são alvo de várias críticas. Entretanto, as inaugurações do estádio sucedem-se. Na semana passada, a Académica recebeu o Benfica para a Superliga.

O Eurostadium integra um complexo desportivo, com várias piscinas e um pavilhão multi-desportos, mas também um parque de campismo e áreas comerciais e de habitação. Do projecto, que envolve um conjunto de contrapartidas para a autarquia de Coimbra (decorrentes da cedência de terrenos), apenas algumas das suas componentes vão estar localizadas no Calhabé. É o caso do pavilhão, com capacidade para 3 mil pessoas, e de duas piscinas,

uma delas olímpica.

Tudo o resto ficará fora da cidade: na Pedrulha estão em construção duas piscinas, tal como em São Martinho do Bispo, e no Areeiro um parque de campismo de quatro estrelas. Uma obra que o vereador do desporto da Câmara Municipal de Coimbra considera vital para a cidade. Nuno Freitas acredita que "Coimbra pode usar a sua centralidade para tentar rapidamente ganhar importância" e tanto o estádio como as restantes polivalências são, no seu entender, um trunfo para alcançar essa meta.

No entanto, alguns aspectos do projecto são postos em causa por várias figuras da cidade. Má localização, fracas acessibilidades, desequilíbrio estético, são algumas das críticas frequentemente apontadas.

O ex-presidente da autarquia, Manuel Machado, entende que, apesar da importância da obra, há lacunas por colmatar. Responsável pela candidatura de Coimbra ao Euro2004, Manuel Machado queixa-se da "falta de andamento de alguns dos projectos que se encontram contratualizados pelo governo central", tal como as intervenções nas estações de comboio, no Convento de São Francisco e na polémica Ponte Europa.

Há também "um problema grave de circulação automóvel no centro da cidade" e uma falta de visão do actual executivo camarário no que



Em 2004, os equipamentos desportivos do projecto EuroStadium vão juntar-se ao Estádio Cidade de Coimbra

Inauguração (s)em festa

Ao som de "A Portuguesa", entoado pelos antigos orfeonistas de Coimbra, começou a inauguração do estádio. De pé, os 25 mil espectadores prestaram homenagem ao hino de Portugal. O fogo de artifício que se seguiu deu à festa uma outra cor.

Depois foi dado o pontapé de saída, num jogo que valeu pela primeira parte. A partida, a contar para a terceira jornada em atraso da Superliga, saldou-se pela vitória do Benfica por três a um.

Apesar da festa e do fogo de artifício na inauguração desportiva do novo Estádio Cidade de Coimbra, o resultado sorriu aos visitantes: os golos de Sokota, Simão Sabrosa e Roger deram ao Benfica superioridade no marcador. Tonel marcou primeiro para a Académica, mas as comemorações duraram pouco.

Para a história fica a lembrança de uma noite de espectáculo, mas também da primeira derrota da Académica no renovado Calhabé. Há trinta anos que a equipa da Briosa não ganha aos encarnados. O que significa que, se a Académica tivesse vencido, a comemoração teria tido outro encanto.

Na noite de 29 de Outubro quis bater-se um recorde: o da maior capa negra do mundo. Um manto com 50 metros de altura e outros tantos de largura, que a empresa responsável pela iniciativa pretende ver reconhecido pelo Guinness.

concerne às obras da Praça Heróis do Ultramar. O antigo parque de estacionamento foi removido e está em construção uma área comercial que não agrada a Manuel Machado: "A edilidade decidiu alienar uma parte do domínio público da praça. Em abono da verdade, esse acréscimo ao projecto não é do meu tempo de mandato, aliás foi-me proposto e eu não o acolhi. Respeito a decisão tomada, mas não aprecio".

O aproveitamento da praça junto ao estádio tem sido alvo de polémica, mas Nuno Freitas diz que a área "não era nenhuma estrutura verde, era um parque de alcatrão" servindo apenas como "um desafogo no meio de um bairro que já está sobrepovoado". Para o vereador, a partir do momento em que o estacionamento passa a ser subterrâneo - por baixo do estádio - a zona pode ser melhor aproveitada, com a construção de um centro comercial que traz contrapartidas financeiras (ver texto na página ao lado).

O local vai ter ainda, segundo Nu-

no Freitas, "um ganho de 1000 por cento em termos de área verde". A edificação de um jardim naquela zona era uma necessidade sentida pelos habitantes do bairro, mas algumas vozes pretendiam um jardim maior. Estas críticas motivam uma pergunta do vereador: "Não podíamos ter ficado também sem a piscina e o pavilhão e ser tudo verde? Sim, só que o nosso compromisso era conseguir encontrar estruturas desportivas que complementassem as do estádio".

As obras nesta área, tal como as outras componentes do projecto, deverão estar prontas no próximo ano, à excepção do centro comercial e das habitações, que têm o seu final previsto para 2005.

As múltiplas faces de um estádio

Concluído está unicamente o estádio, apto a abrir ao público as suas diversas funcionalidades. Nas últimas semanas, o recinto acolheu várias inaugurações que, segundo Nu-

no Freitas, pretendem dar a conhecer diferentes características do estádio: "A estrutura também pode ser vivida pelas pessoas que não gostam de futebol. Foi por isso que fizemos estas diferentes inaugurações".

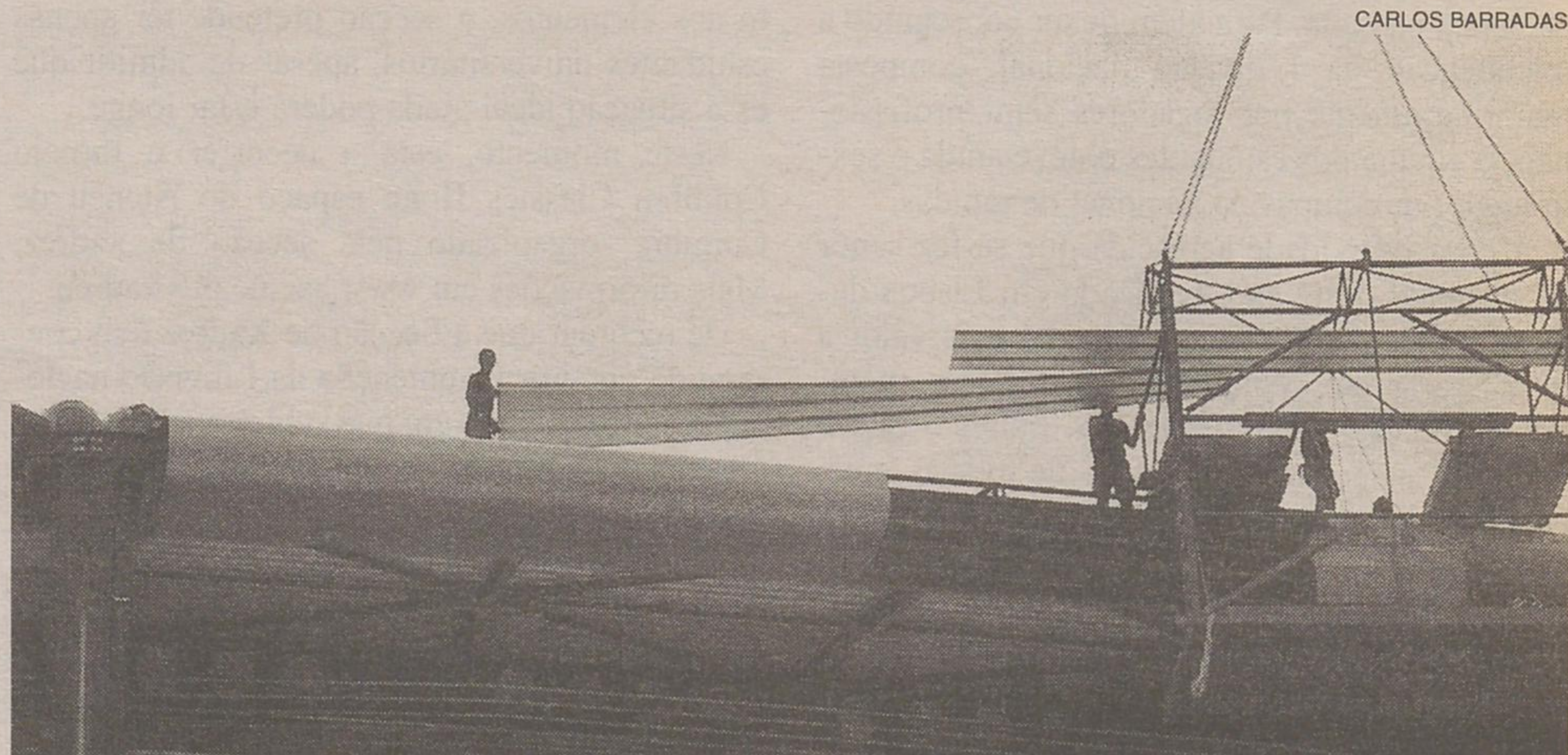
Primeiro, abriram-se as portas ao público com pompa e circunstância, a 12 de Setembro, numa cerimónia oficial em que estiveram presentes o ministro adjunto do primeiro-ministro, José Luís Arnaut, e o presidente da Liga de Futebol, Valentim Loureiro.

No mesmo mês, os Rolling Stones puseram à prova a segurança do recinto e as acessibilidades. O dia 27 ficou marcado por dificuldades no trânsito devido à "invasão" de 58 mil entusiastas do grupo americano.

Já no mês de Outubro a exposição de saídas profissionais - SerPRO trouxe ao estádio cerca de 30 mil jovens ao longo de uma semana. Por fim, o jogo entre a Académica e o Benfica, a 29 de Outubro, estreou a principal função do remodelado estádio municipal.



HUGO RASCÃO



CARLOS BARRADAS

Um estádio para além do Euro

O turismo de Coimbra pode ser um dos principais vencedores do Europeu de 2004, mas boa parte dos comerciantes está receosa

Após a designação da cidade dos estudantes como um dos dez palcos do Europeu de futebol, o alvo centrou-se na concepção do novo estádio. Depois de um processo polémico, a obra foi erguida a pensar no maior evento desportivo alguma vez realizado em Portugal. Por isso, construíram-se 30 mil lugares que, para alguns críticos, raramente vão ser preenchidos na sua totalidade. No entanto, a organização do Euro2004 e a autarquia destacam a polivalência do recinto.

No jogo entre a Académica e o Benfica, cerca de 25 mil pessoas sentaram-se nas novas cadeiras do Estádio Cidade de Coimbra. A lotação não esgotou porque uma das bancadas esteve encerrada por motivos de segurança. No entanto, segundo João Bandeira, vice-presidente da Académica para o futebol, esta situação dificilmente se voltará a repetir: "A perspectiva do estádio como campo de futebol é claramente irreal, é um investimento para cinco ou seis jogos por ano" - os jogos que envolvem os grandes do futebol nacional e os jogos do Europeu.

De resto, o excesso de lugares representa uma das principais críticas ao estádio. Mas João Bandeira sublinha que "se o estádio não tivesse 30 mil lugares, dificilmente Coimbra estaria integrada no Euro-

peu de 2004. Acaba por ser uma cedência para estar no campeonato, mas cabe-nos agora a tarefa de trazer um maior número de adeptos". Deste modo, "o estádio não foi feito só a pensar no Euro. Dos estádios novos nenhum tem as condições que este tem para fazer concertos".

A organização do Europeu também partilha desta opinião. António Silva, coordenador da Comissão do Euro2004, defende que "o mais importante é rentabilizar as infra-estruturas ao máximo, tornando-as não só num espaço para espectáculos desportivos, mas também para outros eventos".

O Europeu é um "desafio que Portugal decidiu abraçar", mas António Silva considera que "não era imprescindível que o país tivesse dez novos estádios para que o campeonato se realizasse". Nuno Freitas alinha pelo mesmo diapasão. O vereador do desporto da Câmara Municipal de Coimbra afirma que houve uma aposta demasiado forte na região centro: "Dez estádios é demais. Este torneio fazia-se com cinco ou seis", mas também acredita ser legítimo "que tanto em Lisboa como no Porto se construam dois campos".

Para além de Coimbra, Aveiro e Leiria, que garantiram alguns jogos do Europeu, também a Figueira da Foz e Viseu concorreram na região centro, mas sem obter uma resposta satisfatória da organização.

Um dos aliciados para tantas candidaturas é o desenvolvimento do turismo, que se apresenta como a maior vantagem de servir de palco para o Europeu de futebol. Todavia, alguns comerciantes de Coimbra estão cépticos quanto aos



Novo estádio veio dotar cidade de melhores condições desportivas

benefícios que possam advir do projecto Eurostadium. Teresa Dias, proprietária de uma loja na Praça da República, acredita que "quem irá lucrar mais são os comerciantes que se encontram na zona do estádio e nas futuras zonas comerciais que lá estarão".

Por sua vez, alguns lojistas da zona envolvente do estádio também estão receosos, porque acreditam que a construção da estrutura comercial - adjacente à parte norte - vai "roubar" um grande número

de clientes.

O cepticismo dos comerciantes de Coimbra é tanto maior dada a escassez de jogos que se vão realizar na cidade. Contudo, Nuno Freitas está confiante em que todos lucrem bastante entre 17 e 21 de Junho do próximo ano (as datas das duas partidas da primeira fase do Europeu disputadas na cidade). O vereador espera que muitos turistas "se instalem em Coimbra ou nas imediações pelo menos durante essa semana".

O estádio em números

Custo global: 50 milhões de euros

Entradas: 14 + 2 para VIP + entrada principal + imprensa + porta da maratona

Torniquetes: 68

Lotação

Total de lugares: 30.812

Total de lugares para o público: 29.900

Lugares de visibilidade reduzida: 164

Lugares para mobilidade reduzida: 125

Número de camarotes: 31

Lotação do camarote presidencial: 206 pessoas

Número de tribunas: 7

Lugares para a comunicação social: 912

Segurança

Câmaras: 60

Sanitários

Homens: 24

Mulheres: 25

Mobilidade reduzida: 8

Construção

Betão: 45.500 m3

Aço: 7200 toneladas

Escadarias: 6000 metros

Tijolos: 930 mil

Estrutura metálica: 3,8 toneladas

Vidro: 10 mil m2

Inaugurações:

Rolling Stones: 58 mil pessoas

SerPRO: 30 mil pessoas

Académica-Benfica: 25 mil pessoas

Contrapartidas diminuem custos

Investimento no estádio só é conseguido através de empréstimos, mas a autarquia de Coimbra recebe 37 milhões de euros pela cedência de terrenos

Ao longo do processo de construção do novo estádio municipal, os custos da obra foram criticados por alguns conimbricenses, que não acolheram de bom grado as derrapagens no orçamento inicialmente previsto. Mas a autarquia defende-se com as contrapartidas recebidas no âmbito do Projecto Eurostadium.

Em Junho deste ano, o deslizamento encontrado na construção do novo estádio de Coimbra, por

uma empresa fiscalizadora contratada pela Sociedade Portugal 2004, SA, rondava os 16 milhões de euros. Isto numa altura em que a esmagadora maioria dos estádios para o Euro2004 tinha desvios em relação às contas iniciais.

No final, a obra (com estacionamento subterrâneo incluído) cifra-se pelos 50 milhões de euros, dos quais apenas sete milhões e meio de euros foram patrocinados pelo Estado, tendo os restantes sido obtidos pela autarquia mediante a contracção de empréstimos. A amortização do empréstimo e a manutenção do estádio vão custar à câmara municipal, segundo Nuno Freitas, cerca de oito milhões de euros por mês.

Para o vereador do desporto da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), este valor representa "muito dinheiro de impostos, pago por todos. Portanto, qualquer derrapagem de cinco por

cento significa centenas de milhares de contos", pelo que a autarquia quis "desde cedo controlar muito bem o processo".

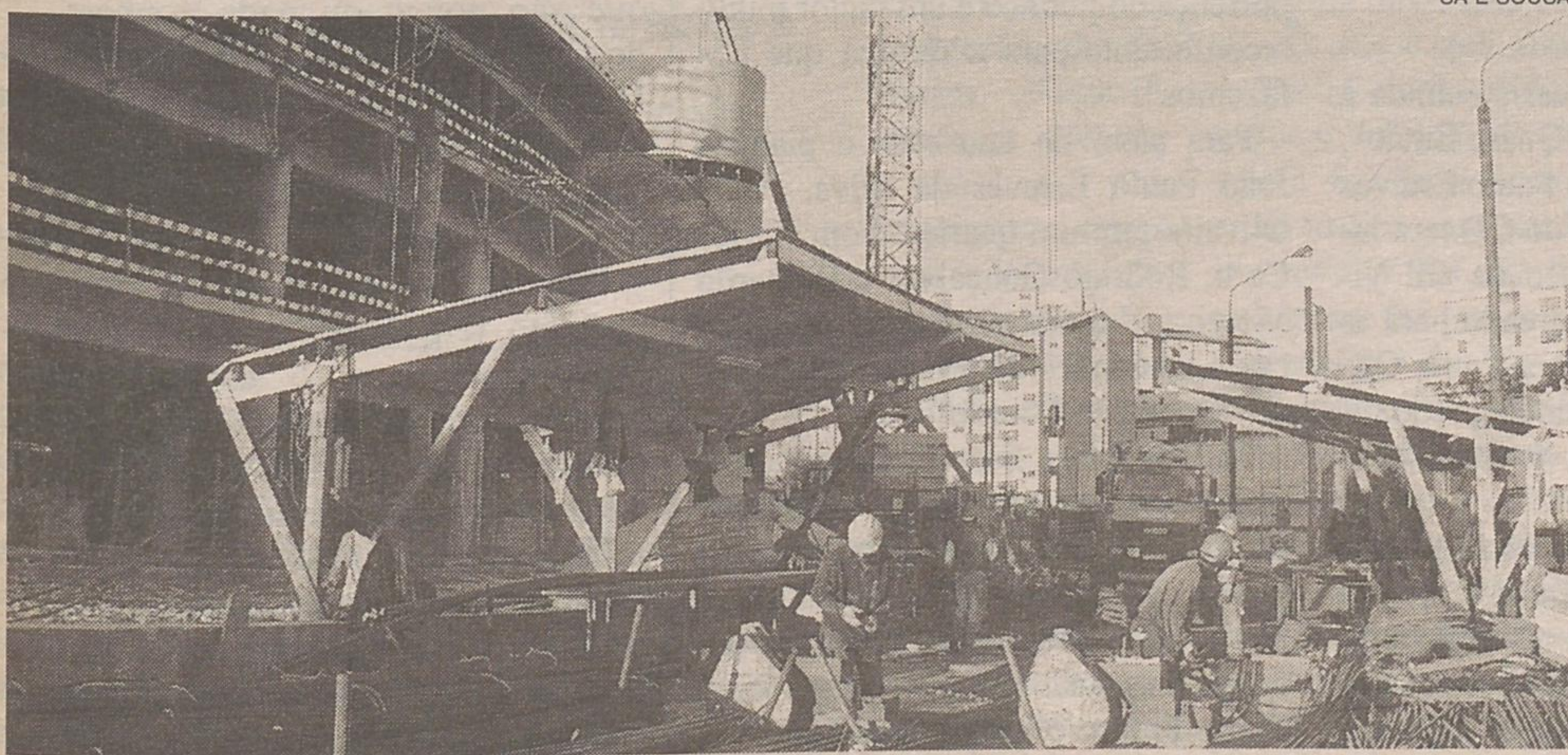
O vereador acrescenta ainda que o Projecto Eurostadium trouxe muitas contrapartidas. Isto significa que, apesar dos 50 milhões de euros gastos só no estádio, a câmara municipal recebe do grupo Amorim cerca de 37 milhões de euros pela concessão de terrenos por 65 anos, que são investidos na construção dos diferentes complexos de piscinas, do pavilhão multiusos, do parque de campismo e das áreas comerciais e residenciais.

Nuno Freitas salienta, no entanto, que "a autarquia poderia ter recebido este dinheiro e com isso equilibrava as contas". Porém, o executivo camarário "preferiu receber só parte do dinheiro [dois milhões e quinhentos mil euros] e aplicar

o resto em equipamentos desportivos na cidade de Coimbra. Equipamentos descentralizados que faziam falta".

É no centro comercial e na zona habitacional que o grupo Amorim, vencedor do concurso público internacional lançado pela câmara em Abril de 2002, vai fazer valer o investimento feito.

Todas estas contas não incluem o dinheiro investido nos acessos para o estádio, que implicam um gasto acrescido de 20 milhões de euros, suportado em cerca de 70 por cento por fundos comunitários. O Projecto Eurostadium foi "um bom negócio para a câmara", segundo Nuno Freitas, pois permitiu compensar o investimento no "novo Calhábé". O vereador salienta que "foi investido num ano o que habitualmente se gastaria em quatro".



SÁ E SOUSA



ANA MARIA

20 CULTURA

Jogar com palavras e notas

“Ou isto ou aquilo”, novo espectáculo da Quinta Pareda

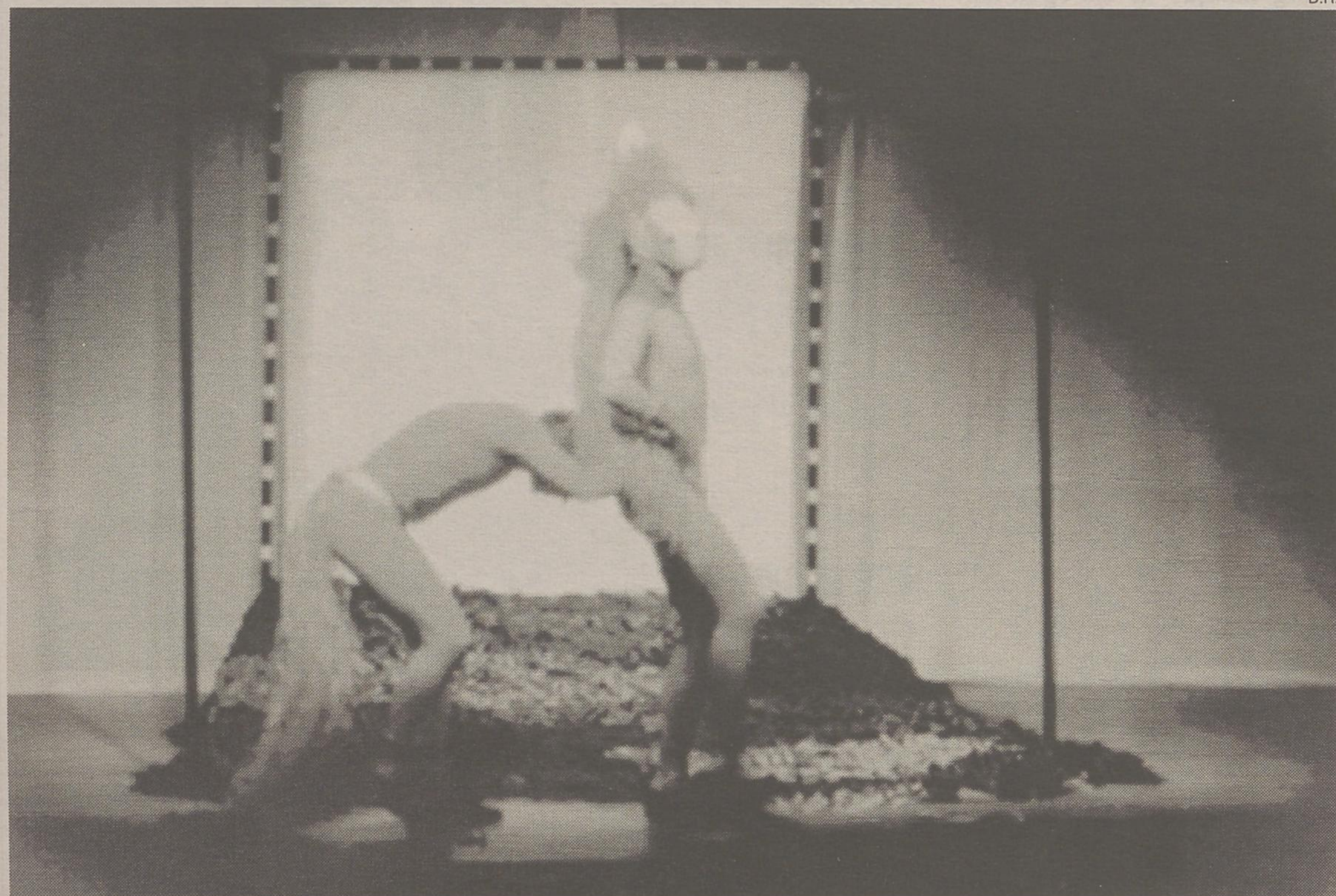
20 anos após a primeira representação de “Ou isto ou aquilo”, a companhia de teatro Quinta Pareda volta a surpreender. Um espectáculo “para miúdos e graúdos”

Rita Gouvêia
Luis Miguel Silva

Três personagens: um homem, um menino e uma rapariga, os seus encontros e desencontros. É a partir deste cenário que a Quinta Pareda, articulando a poesia e a música, resultante do jogo de palavras característico dos poemas de Cecília Meireles, apresenta a peça “Ou isto ou aquilo”.

Uma vez “seduzido pela particularidade rítmica” da obra e pelo “incrível jogo de palavras”, numa espécie de “vai atrás, volta à frente”, os poemas tornam-se passíveis de serem explorados numa “brincadeira constante”, diz José Caldas, encenador da peça.

Há 20 anos a Quinta Pareda levava à cena este mesmo espectáculo, mas num outro registo. Por isso, para quem pensa que vai assistir a uma simples reposição da peça de 1979 está enganado. Para além das próprias marcas dos novos actores, “eu também envelheci, estou diferente”, afirma José Caldas, acrescentando ainda que “o espectáculo tem a marca desse envelhecimento e uma outra poética, um outro sabor”. Assim, o encenador, continuando “emaranhado” nas palavras e nas notas dos poemas de Cecília Meireles, e desejando partilhar este seu encanto com uma geração de actores mais jovens, convida ao diver-



“Ou isto ou aquilo” pode ser visto no Museu dos Transportes entre os dias 10 e 15 deste mês

timento: “É uma hora sempre a abrir. Cantamos e dançamos juntos. Há uma interligação e o público sente isso”, diz entusiasmado José Caldas.

Reviravolta no teatro infantil

O descontentamento perante as tendências do teatro infantil da época do pós-25 de Abril, que ou se mostravam “demasiado densas e com objectivos exclusivamente didácticos” ou se revelavam “extremamente ‘infantilóides’, menosprezavam a inteligência das crianças”. Por isso, já em 1979, José Caldas e a Quinta Pareda decidiram apostar numa forma mais lúdica e aprazível de fazer teatro para os mais pequenos.

Consequentemente, “Ou isto ou aquilo” marcou, na altura, uma revolução no teatro português e em 1979 recebeu mesmo o prémio de melhor espectáculo para a infância e juventude, pela Associação Portuguesa de Críticos Teatrais.

Uma parede a mais

A quarta parede é o termo que, em teatro, define o lado do palco virado para o público, sendo a linha de demarcação que separa o lugar da representação do espaço reservado aos espectadores.

Quinta Pareda é um projecto que pretende atravessar essa metafórica zona de fronteira colocada entre o pal-

co e a plateia, criando uma eficaz relação teatral com as novas gerações. Para isso, a companhia recorre à exploração do vasto campo de caminhos artísticos, desde as artes plásticas, passando pela música e poesia.

Para melhor comprovar a maneira de pensar e de agir do grupo, está a sua mais recente aposta - o lançamento de um livro de histórias infantis. Por agora, a companhia reinterpreta “Ou isto ou aquilo”, que vai estar em cena até dia 15. Inserida no programa da Coimbra 2003, a peça destina-se a todo o público a partir dos seis anos, podendo os bilhetes ser adquiridos pela quantia de oito euros, nas bilheteiras do TAGV ou no próprio local.

O fado e as artes

Marco Pereira

A Secção de Fado, uma das mais antigas secções da Associação Académica de Coimbra (AAC), lançou no passado dia 30 de Outubro o “I Workshop de Música de Coimbra”, um projecto que visa dar uma nova fisionomia à tradicional música da cidade.

Numa iniciativa da Secção de Fado, em conjunto com a produtora “Cantigas da Rua”, serão levadas a cabo várias actividades que vão dar uma maior visibilidade e destacar a importância das sonoridades de Coimbra. A principal forma de conseguir este objectivo passa por associar a tradição do fado a outras formas de arte.

Em conferência de imprensa realizada no dia 29 de Outubro no bar “àCapella”, a Secção de Fado da AAC divulgou o seu novo projecto, que se estende até 25 de Novembro, data em que terá lugar o espectáculo comemorativo da “Tomada da Bastilha”, que encerra o ciclo de workshops.

Segundo Gonçalo Oliveira, presidente da Secção de Fado, esta ideia surgiu com a preocupação de que o fado de Coimbra poderia estar consignado à tradição, preso aos instrumentos que o compõem - a guitarra, a viola e o canto. Esta nova iniciativa, além de publicitar um tipo de música já muito conhecido mas actualmente pouco praticado, pretende dar uma nova versatilidade ao fado de Coimbra, pondo-o em articulação com outras formas de arte, nomeadamente, a poesia, a pintura, a escultura e a dança.

O projecto, além de mostrar as diversas faces de um tipo de música aparentemente adormecida, terá o objectivo de levar até às escolas um pouco de expressão e educação musicais. O Grupo de Fados Renascer fica responsável por esta iniciativa, designada “Fado nas Escolas”, a realizar nos dias 18 e 19 de Novembro. Integrado no projecto estará incluída a apresentação do primeiro trabalho discográfico do grupo de Cordas da Secção de Fado.

Com estes acontecimentos pretende-se “desestruturar” as fórmulas rígidas dos eventos solenes e pomposos, propondo a transversalidade da arte e divulgando estruturas que se prendem com o universo da música de Coimbra e que são pouco ou nada conhecidos”, explica Gonçalo Oliveira. Desta forma, vai ser possível o desenvolvimento de outras actividades relacionadas com a tradição musical coimbrã.

Um dos pontos altos de todo projecto terá lugar no dia 15 de Novembro, com o espectáculo “Passos da Noite”, no Teatro Académico de Gil Vicente. Inês Santos e Vitorino, em conjunto com a guitarra e as violas do Quinteto de Coimbra, darão voz à poesia de Manuel Alegre e Fernando Pessoa, bem como de autores da canção portuguesa.

Novembro em ritmos de jazz

Concerto do Frode Gjerstad Trio e apresentação do disco “Quase Então” marcam a agenda cultural de Coimbra 2003

Sofia Carvalho

O ciclo de concertos dos “Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra - Jazz ao Centro” prossegue com mais um espectáculo. No próximo sábado, é a vez do Frode Gjerstad Trio subir ao palco do Centro Norton de Matos. O festival é apoiado pela Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC).

O trio, exclusivamente norueguês, é composto por Frode Gjerstad, no saxofone alto e clarinete, Oyvind Stor-

sund, no contrabaixo, e Paal Nilsen-Love, na bateria. João Pedro Viegas, director artístico do “Jazz ao Centro”, explica que Frode Gjerstad “é companheiro habitual dos grandes nomes do jazz europeu e mundial”. William Parker e Hamid Drake, que já marcaram presença no festival de Coimbra, são dois dos mais reputados músicos da cena jazz actual com os quais chegou a tocar.

Embora o estilo do saxofonista se insira no “free jazz” dos anos 60, mantém ligações com a escola britânica da improvisação livre. Como o director explica, “este é um trio de música sem estrutura pré-definida”.

Entre outras iniciativas, Frode Gjerstad fundou, juntamente com o baterista e percussionista inglês John Stevens, o emblemático trio Detail e a Circulacione Totale Orchestra, uma espécie de workshop permanente composto por jovens improvisadores

noruegueses.

Já na recta final, os encontros de jazz de Coimbra contam apenas com mais um espectáculo até ao final do ano. O festival encerra com Mujician, uma das mais antigas bandas de referência do jazz europeu.

O disco

No dia 11, Coimbra assiste ainda à apresentação do disco “Quase Então”, de Paula Oliveira e João Paulo Esteves da Silva. O lançamento do CD terá lugar no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) e está marcado para as 21h30. Segundo a cantora Paula Oliveira, o disco, de “influência predominantemente jazzística”, é uma “conversa entre voz e piano”.

A gravação aproxima dois mundos musicais distintos: o jazz e a música tradicional portuguesa. O repertório inclui temas originais, da autoria dos dois músicos, e composições de temas

tradicionais da música nacional. Paula Oliveira esclarece que o disco é maioritariamente cantado em português, à excepção do último tema, em inglês.

Relativamente à gravação com público, a cantora sublinha a importância do mesmo na concepção do disco: “A presença do público é um factor muito reconfortante para a música que nós fazemos”.

Para além do duo com o pianista João Paulo Esteves da Silva, Paula Oliveira tem um quarteto com Carlos Carlí, Rodrigo Gonçalves e Bernardo Moreira. É ainda professora de voz e estilo no conhecido programa televisivo “Operação Triunfo”.

Já João Paulo Esteves da Silva distingue-se pela sua longa actividade musical. O pianista colabora regularmente com nomes como Mário Laginha e Pedro Burmester e forma actualmente um quarteto com Jorge Reis, Mário Franco e José Salgueiro.



“Quem me dera saber um milésimo de música que sabia o digníssimo Kurt Weill”, confessa J. P. Simões

“O Falhado é o sistema”

J.P. Simões sentou-se à mesa do café “Garça Real”, perto do Rivoli, onde decorriam os ensaios do seu último projecto: “A Ópera do Falhado”. E conversou: um esboço do país, o lado mais musical de uma crise. Em vernáculo.

André Jegundo
Maria João Lopes

J.P. Simões e Sérgio Costa, ambos do conhecido projecto Belle Chase Hotel, juntaram-se à Academia Contemporânea do Espectáculo/Teatro do Bolhão para fundir duas formas de arte: o teatro e a música. Desta fusão nasceu a “Ópera do Falhado”. Nos próximos dias 7 e 8 de Novembro, o palco do Teatro Académico de Gil Vicente vai ser povoado por personagens estranhamente nossas.

Como nasceu a “Ópera do Falhado”?

A “Ópera do Falhado” nasceu em Portugal. Depois desenvolveu-se a partir da inspiração em óperas antigas como a “Ópera dos Três Vinténs” de Bertolt Brecht e Kurt Weill e a “Ópera do Malandro” de Chico Buarque. Além do mais, precisava de um pretexto mais imaginativo para continuar a fazer música. Nasceu também de ideias fermentadas em muitos livros

de autores portugueses, daqueles que fazem a autoconsciência do país, nomeadamente o maravilhoso professor Eduardo Lourenço: a ideia de um certo traço psicológico português que apontava para uma fórmula de parecer ser, mais importante do que ser, e daí até ao falhanço. Ou seja, se uma pessoa vive na expectativa de parecer alguma coisa, está numa expectativa errada, porque nunca vai essencialmente identificar-se consigo. O falhado parte dessa disposição psicológica. Depois, isto transformou-se tudo numa grande paródia...

O que representam Ácaro e Ícaro na ópera?

Por oposição e metáfora, Ícaro é o falhado mais famoso da História, aquele que quis dar passos maiores do que as pernas, quis voar até ao Sol com asas de cera. É uma personagem que tem qualquer coisa de meu, embora me tenha querido afastar. O Ácaro, pelo contrário, sempre foi um rapaz que funcionou dentro dos trâmites dos meninos bem e quis ser alguém no sentido mais fetichista do termo: o fetiche da bem pareença social, do brasão, do dinheiro. Naturalmente, é um engenho e o financeiro cujas aspirações são absolutamente contrárias às do Ícaro.

Depois de um reencontro de vários anos, estes dois colegas de liceu vão chegar à conclusão de que não se podem ver à frente. É o começo do acontecimento da ópera. Uma vez disse pomposamente que aquilo poderia ser um encontro entre o Fausto de Goethe e o Werther:

o lirismo absoluto encontra-se com a metáfora do homem que entrega a alma a todo o custo pelo poder. Na ópera não há este desenho clássico, é um pouco mais vernáculo e asneirada por aí fora...

O falhado é uma personagem colectiva?

Sim, o falhado não é ninguém em particular, mas um sistema, uma fórmula que se alimenta de si própria, da sua desistência. Alimentar-se disso para ter uma boa razão de queixa de todas as coisas que não está a conseguir fazer. A maneira de resolver isto, muito “portuguesmente”, foi arranjar um daqueles finais de sortilégio shakesperianos ou tipo filme português dos anos 40 (que, de repente, no final, ‘não há problema, vamos todos agora a uma festa, trailailai’). Só com magia é que se resolve uma coisa assim bastante complexa, que eu não tive nem a intenção nem a arrogância de dizer que queria resolver. Portanto, o falhado acaba por ser mais um sistema, um sistema que prende as pessoas e que as tem mantido dentro de uma estrutura que continua a ter muito de feudal e hierárquica.

Portugal no divã

“Ópera do Falhado”, retrato de um país onde não está tudo perdido. O que é que ainda nos resta?

Tenho muita dificuldade em me colocar na posição de profeta. Esta ópera foi feita com uma intenção mais lúdica, mas também com alguma revolta. Eu não fui em busca de soluções, fui tentar conjugar personalizações de alguns problemas. Longe de mim querer fazer um quadro deste país. Seria pôr-me numa posição idiota e redutora. Um país é essencialmente um devir. Nós não somos esta coisa aqui parada, somos a cara chapada das nossas intenções, desejos... E como, em princípio, ainda há futuro, estou muito

satisfeito com esta fase de crise absoluta, de ruptura institucional. O fundamental, apesar de isto parecer contraditório, é isolar algumas características que às vezes nos têm feito sentir vergonha e olhar para elas de frente. Neste caso, a ideia será aproveitá-las para rir. Isso é o começo de qualquer processo de cura, chama-se a isto o diagnóstico. Mas não me rogo a pretensão de ter feito um diagnóstico perfeito, não me formei em medicina nacional.

Em Portugal, há mais Ícaros ou Ácaros?

Acho que estranhamente existe uma boa dosagem dos dois em cada português. Por um lado, penso que existe alguma delicadeza involuntária ou escondida, algum lirismo dentro de todos estes nossos protagonistas mais pragmáticos da existência do país. Por outro lado, os muito líricos e românticos têm um discurso de isolamento estético relativamente a toda essa gente ligada às coisas supostamente banais, que acaba por ser igual por oposição. No fundo, muitos desses artistas também não querem mais do que ganhar um montão de dinheiro...

“Kurt Weill Time”

O primeiro nome que vem à cabeça de muitas pessoas quando pensam em ti é Kurt Weill. Porquê?

Suponho que não há coincidências. Fico todo contente com essa comparação, se bem que ele fosse careca e tenha morrido aos cinquenta... A primeira música do primeiro álbum dos Belle Chase Hotel era

uma espécie de homenagem, chamava-se “Kurt Weill Time”. Era uma espécie de revisitação às noites existencialistas, à fuga pelo delírio, pelos copos, a vontade desregrada de buscar emoções. Dentro desse comportamento, procurava-se uma centelha de mudança social, viver em permanente estado de agitação interior e possibilidade revolucionária, embora no meu caso fosse muito lúdica... Só para aí há um ano é que tenho consciência política. Até lá divertia-me a pensar noutras coisas. Mas quem me dera saber um milésimo de música que sabia o digníssimo Kurt

Weill.

Podemos contar com projectos futuros dos Belle Chase Hotel?

É difícil estar a trabalhar com pessoas que vivem a quilómetros de distância. Aos poucos, as afinidades também morrem... Fiz um disco com uma outra banda, agora de Lisboa. Tenho esse álbum feito, que compus juntamente com o Sérgio Costa. O Sérgio mudou-se para Lisboa e começámos a trabalhar, tanto na “Ópera [do Falhado]” como em outros projectos. O disco está feito e vai sair. Ainda não sei bem é o nome da banda, não me lembrei de um nome decente para aquilo... os indiferentes, os coitadinhos? Era para ser o Quinteto Tati, mas houve uns contratempos... O disco vai chamar-se “Democracia Melancólica” e é um disco de música portuguesa.

Entrevista integral disponível em www.acabra.net

“O lirismo absoluto encontra-se com a metáfora do homem que entrega a alma a todo o custo pelo poder.”

Carl Hancock Rux na nova grelha da RUC

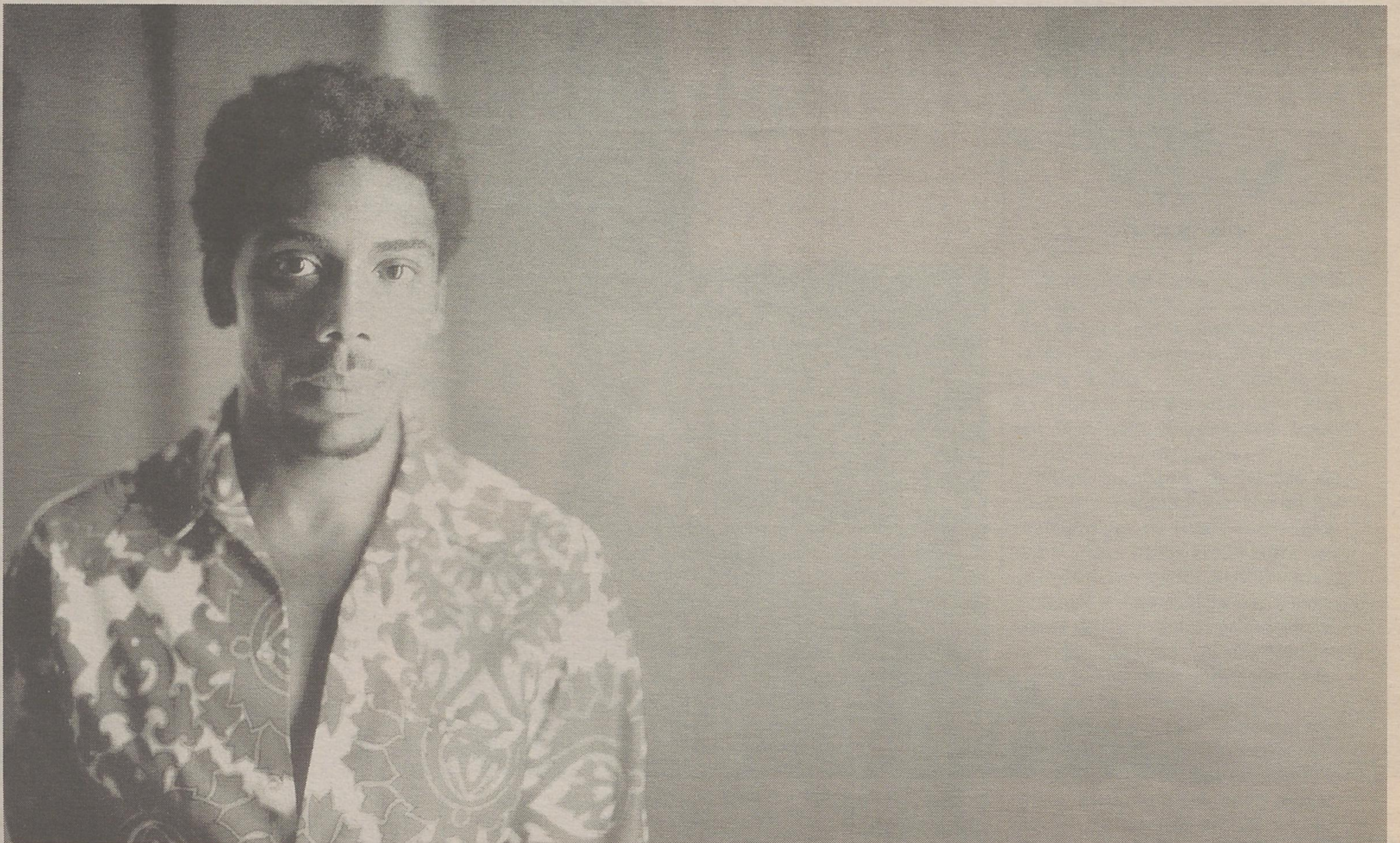
A mudança de grelha da RUC será oficialmente celebrada dia 13, com um concerto onde participarão Carl Hancock Rux e Armando Teixeira. O espectáculo realiza-se no Teatro Académico de Gil Vivente, pelas 21h30

Carla Pinto
Ana Maria Oliveira

Carl Hancock Rux e Armando Teixeira foram os escolhidos para animar a festa, que tem como objectivo apresentar a nova grelha da Rádio Universidade de Coimbra (RUC) para este ano.

Hugo Ferreira, do departamento de programação, confessa que este concerto “tem todos os ingredientes para ser um espectáculo com ‘casa cheia’, como têm sido todos os concertos da RUC, quer em aniversários, quer em apresentações de grelhas. Todas as pessoas que lá estiverem vão sair com um sorriso de ‘orelha a orelha’ e vão poder afirmar, no fim, que assistiram a um dos melhores concertos da vida delas”.

Hugo Ferreira salienta que a escolha de Carl Hancock Rux não é de agora: “Já o temos andado a perseguir há cerca de três anos, quando lançou o último álbum. Acha-mos que era um disco muito bom. Foi, inclusivé, votado para melhor disco do ano em vários países e chegou a ser, na altura, capa da New York Times Magazine”. Carl Hancock Rux acabou por ser uma escolha de persistência, e bastante óbvia por toda a dinâmica que im-



Dotado de uma voz possante, Carl Hancock Rux visita Coimbra para apresentar as suas sonoridades, que têm como base a música negra

prime: o músico é também encenador, actor, argumentista de peças de teatro e escritor (já com dois livros lançados, um deles aclamado como “best new novel” por três editoras americanas).

Dotado de uma voz forte, Carl Hancock Rux cruza quase todos os universos da chamada música negra: jazz, hip-hop, soul, gospel, blues, spoken words, e também rock e pop. O intérprete viveu num dos bairros mais degradados de Nova Iorque e desde miúdo vivenciou toda a experiência da cultura

negra. “Foi aclamado pela comunidade negra mas também pela comunidade mais elitista e eclética de Nova Iorque, fazendo uma ponte que nós achamos interessantíssima, pois consegue fazer uma fusão de muitos géneros”, refere Hugo Ferreira.

A outra escolha recai sobre um “habitué”: “É um cúmplice da RUC, uma pessoa que adora o projecto desta rádio”, comenta Hugo Ferreira. Armando Teixeira fez parte dos Da Weasel quase desde o início, passando também por grupos

como Boris Ex-machina e Bizarra Locomotiva. Desde que cessou a carreira na banda de PacMan tem desenvolvido três projectos: Bullet, Knock-Knock e Balla (um projecto eclético, onde Armando Teixeira vai recuperar tanto a chanson française como o hip-hop e os sons das bandas sonoras típicas da Itália dos anos setenta).

Armando Teixeira mostra-se honrado pelo convite da RUC, dizendo que “é sempre um prazer tocar em Coimbra. Já toquei com os Bullet na Queima das Fitas e gostei

muito. Fui muito bem recebido, e aceitaria em qualquer situação tocar em Coimbra”.

Armando Teixeira salienta que “a RUC é uma rádio que apoia a música, não só a portuguesa, mas a chamada música jovem, fora da monotonia. Isso é sempre agradável. É uma rádio feita pelos ouvintes. Sei que passa a música que eu gosto e que apoia a música nova que se faz”.

O preço dos bilhetes será de 7,5 euros para estudantes e 12,5 euros para não estudantes.

Carl Hancock Rux em conversa: “Comecei por escrever para teatro”

Escritor, actor, coreógrafo, dramaturgo, performer. O novaiorquino Carl Hancock Rux vai estar em Portugal pela primeira vez, no próximo dia 13, para um concerto único. Um verdadeiro homem dos sete instrumentos, em “pura magia negra”.

Do Bronx para a prestigiada Knitting Factory... Como é que podemos imaginar o Carl Hancock Rux enquanto artista e criador? Há alguma área com a qual se sinta mais chegado ou que sirva de ponto de partida?

Antes de tudo sou escritor, é o que me motiva. Cresci num sítio (Bronx) onde sentia que não tinha o direito de falar e, uma vez que não conseguia viver com o meu silêncio, fui à procura de um lugar onde pudesse falar e ser ouvido. Acho que qualquer pessoa que não consiga viver mais com o seu silêncio pode sempre encontrar um espaço onde possa ser ouvido. Estudei e pratiquei imenso a escrita na universidade, mas quando escrevo o meu trabalho é influenciado pela música e pela dança. Comecei por escrever para teatro, há cerca de 13 anos. Foi uma grande oportunidade, porque me apercebi que escrever para teatro acaba por ser uma actividade que implica inúmeras colaborações e cumplicidades com outras pessoas (actores, encenadores, etc). Tudo o que vem para além da escrita no que faço é apenas uma extensão dela mesma. E con-

fesso que me sinto bastante bem em não estar restrito à escrita no seu sentido mais formal.

Para falar sobre o género musical de Carl Hancock Rux, podemos falar em pop, rock, jazz, soul, gospel, hip hop, funk, blues, spoken word...ou podemos realmente falar pura e simplesmente na “grande música negra”, que pura e simplesmente não se cataloga...

Sim, acho que é essa a definição. Estamos num ponto em que acho que não se deve continuar a inserir determinadas músicas nesta ou naquela categoria. Para mim música é um som e uma vibração, temos que estabelecer uma relação com ela, temos que a deixar entrar nas melhores e nas piores sensações que nos provoca... Quando tentamos incessantemente catalogar uma música, metemo-nos em sarilhos. As minhas influências tanto podem vir de um Serge Gainsbourg ou da soul dos anos 60 de Bill Withers, dos Led Zeppelin, dos Pink Floyd ou da batida hip hop dos Wu Tang Clan. E, é claro, há sempre o jazz, música com que cresci. Acredito que há a boa música e a má música. Quando se cataloga está-se a avaliar o som apenas com o intelecto e a música é para se sentir com a alma. Quando faço música quero sobretudo que as pessoas que a ouvem tenham uma experiência que lhes diga algo, que-

ro que sintam o groove. Tem que haver sempre uma ligação emocional com a música, não só de quem a faz mas também de quem a ouve.

No primeiro disco o tema de abertura intitulava-se “Into the (R)Evolution”. A revolução está na rua?

Claro que está! Seja na Palestina, seja em Israel, seja em Bagdad. Ou nos próprios Estados Unidos, onde as pessoas cada vez mais questionam a sua relação com o poder e a legitimidade e representatividade dos próprios partidos políticos. Quando o Gil Scott Heron dizia “The Revolution will not be Televised” acho que o que ele queria dizer é que nós nunca vamos conseguir contabilizar, comercializar ou identificar completamente a revolução tal e qual acontece. É que a revolução é um gesto extremamente individual. As pessoas têm que sentir que realmente partilham as mesmas preocupações e os mesmos interesses e que têm que lutar por isso. Esses elementos são imprescindíveis para se poder chamar revolução a uma revolução e não tenho dúvidas que a vivemos hoje em dia um pouco por todo o lado.

Entrevista concedida por Carl Hancock Rux à Rádio Universidade de Coimbra

SEXTA
informática Multimédia Lda
GERAÇÃO

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: www.6Geracao.web.pt

e-mail: avenida416@hotmail.com

John Mayall traz “blues” ao TAGV

O “bluesman” inglês de quase 70 anos apresenta-se no domingo pela primeira vez em Coimbra

Mário Guerreiro

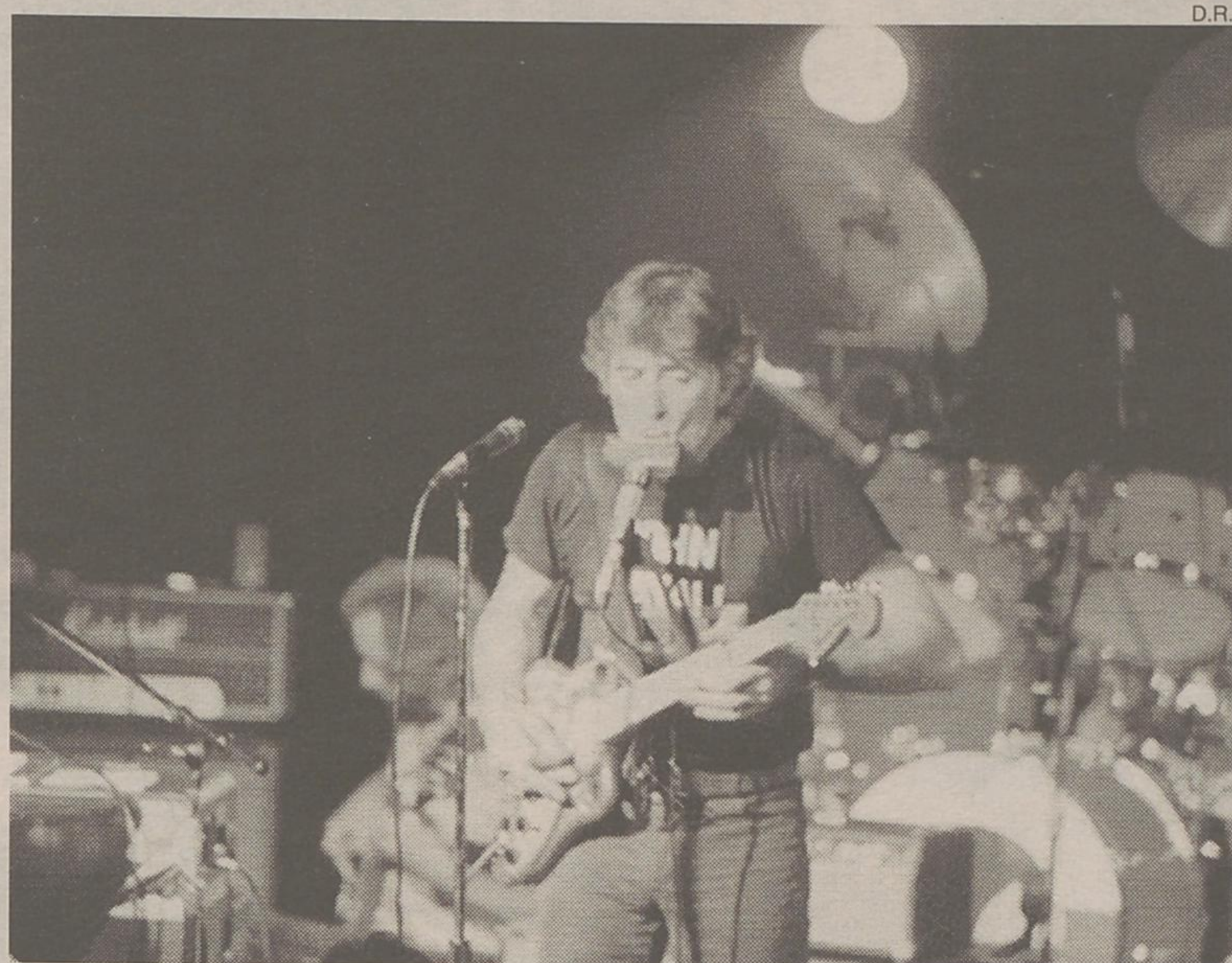
A estreia em palcos conimbricenses insere-se na digressão que o mítico “bluesman” britânico vai realizar em Portugal e é um ponto de paragem entre actuações em Lisboa e no Porto.

O músico completa 70 anos no final do mês e o concerto deve ser de celebração, não se tratasse daquele que é muitas vezes apontado como um dos perenes intérpretes do “blues” electrificado que saiu de Chicago.

Nascido na vila inglesa de Macclesfield, aos 13 anos, John Mayall tornou-se um autodidacta do “blues”, usando para tal o piano de um vizinho, guitarras emprestadas ou até harmónicas em segunda mão, impulsionado pela devoção a nomes inolvidáveis do género como Leadbelly, Pinetop Smith ou Eddie Lang.

Apesar do reconhecimento que hoje lhe é devido, Mayall apenas ce-deu profissionalmente ao “blues” a partir dos 30 anos. Pelo meio passou três anos no exército britânico e dedicou-se a outra faceta da sua vida, o design gráfico.

No final da década de 60, com o chamado “boom” de bandas britânicas a beberem directamente da fonte inesgotável do “blues”, Mayall mudou-se para Londres, onde forma aquele que é o seu colectivo de marca, os Bluesbreakers. Os dois anos seguintes foram algo turbulentos para os John Mayall's Bluesbreakers, com a entrada e saída constante de



John Mayall's Bluesbreakers em digressão por terras lusitanas

músicos.

Em 1965 é editado aquele que é o seu primeiro disco: “John Mayall plays John Mayall”, mas seria o ano de 1966 a empurrar os Bluesbreakers para os tops. O álbum responsável pelo sucesso intitulava-se “Blues Breakers with Eric Clapton” e apresentava um jovem Clapton acabado de sair dos Yardbirds, devido a uma vontade expressa de tocar “blues”. O status de John Mayall e dos seus Bluesbreakers atingia então um patamar mundial, que nem a saída de Clapton para os Cream conseguiu abalar.

Os anos seguintes foram marcados pela contínua gravação de discos pelos John Mayall's Bluesbreakers, e pela passagem pelas suas fileiras de jovens músicos de craveira, que viriam sempre a abandonar a banda por outros projectos: como Mick Taylor (Rolling Stones), Andy Fraser (Free) e Peter Green, John McVie e Mick Fleetwood (Fleetwood

Mac).

As décadas seguintes viram o nome de Mayall afirmar-se cada vez mais, actuando frequentemente e gravando com alguns dos seus heróis, como Otis Rush, John Lee Hooker, T-Bone Walker ou Sippie Wallace, entre dezenas de outros. Na sua carreira profícuca que se expande por quatro décadas, John Mayall criou clássicos como “Room to Move” e viu vários discos serem aclamados pelo público e crítica. O seu último trabalho intitula-se “No Days Off” e foi gravado ao vivo, constituindo-se como um bom prenúncio do “blues” que os Bluesbreakers distilam. Cheio de “boogie” a homenagear os clubes de “blues” de Chicago, ou a lembrar que o rock'n'roll nasceu num qualquer estado do Sul dos EUA, o concerto de John Mayall's Bluesbreakers inicia-se às 21h30 de domingo. Os bilhetes custam 17 e 18 euros (estudante e não estudante, respectivamente).

Danças Ocultas agora em livro

“Alento-Danças Ocultas” é um convite à descoberta do quarteto de Águeda, que reinventa a música tradicional portuguesa e que faz da concertina o argumento da sua criatividade

Margarida Matos

O grupo Danças Ocultas expõe em livro a história da sua existência. O lançamento da biografia do grupo vai ocorrer no dia 14, no Hotel Astoria, em Coimbra, pelas 21h30. Este evento vai contar com presença dos autores Jorge Pires e Duarte Belo e ainda do grupo de concertinistas.

A obra fala do nascimento do grupo, formado em Águeda no início da década de 90, e da energia de uma formação que não tem parado de evoluir numa década de existência. Para Sara Oliveira, da editora Assírio & Alvim, esta iniciativa é o reconhecimento da qualidade musical do grupo, que levou a editora a apostar no projecto.

“Alento-Danças Ocultas” é mais do que uma biografia do quarteto: “O livro aborda o aparecimento da concertina em Portugal, a importância do ar que passa pelos foles, dos botões dos instrumentos para a

diversidade de registos”, explica Sara Oliveira.

Para a concretização do projecto, a sintonia entre o autor, Jorge Pires, e o fotógrafo, Duarte Belo, foi fundamental. “Ambos acompanharam o grupo nos seus ensaios e retrataram a zona paisagística de que são oriundos”, sublinha Sara Oliveira.

A mesma opinião tem Jorge Pires para quem o livro “parte de uma viagem por entre as mais diversas teorias do ar para depois se concentrar já no espaço terrestre, no grupo Danças Ocultas. É a harmoniosa sonoridade dos concertinistas que nos leva a flutuar mais uma vez no infinito”, salienta.

Sara Oliveira conclui ainda que o livro é uma forma de divulgar o trabalho do grupo, que “embora tenha sido várias vezes distinguido e reconhecido a nível internacional por percorrer o circuito da chamada ‘world music’ desde 1997, é pouco conhecido pelo público português”.

O fundador de Danças Ocultas, Artur Fernandes, considera que a obra é importante para a divulgação da música tradicional portuguesa, pois “cada vez mais se vai sentindo uma maior curiosidade pela música de raiz tradicional lusitana”. Por outro lado, o concertinista refere que onde se verifica uma evolução é no facto de haver cada vez mais pessoas interessadas em aprender a tocar instrumentos tradicionais. Assim, “havendo mais pessoas com novas e diversificadas mentalidades, o crescimento da música tradicional portuguesa está garantido”, remata.



SÁB. 1 A SÁB. 15
RETROSPECTIVA DA OBRA DE
ORSON WELLES
Estúdio 2 Cinemas Millenium Avenida
Organização: Cinemateca Portuguesa
- Museu do Cinema e Coimbra 2003

DOM. 2
AO PAREDES CONFESSO -
HOMENAGEM A CARLOS PAREDES
Bernardo Moreira Sexteto
Teatro Académico de Gil Vicente
21.30h

TER. 4 NOV. A QUI. 18 DEZ.
UM PASSEIO ATRAVÉS DO TEMPO
Exposição que conta a história da vida
ao longo dos seus 5 mil milhões de anos
de evolução
Convento de S. Francisco Terça a
Domingo - 10.00h-18.00h

SEX. 7 E SÁB. 8
OPERA DO FALHADO
Academia Contemporânea de
Espectáculos
Teatro Académico de Gil Vicente
21.30h
Música de João Paulo Simões e Sérgio
Costa
Encenação: João Paulo Costa
Co-produção: ACE/Teatro do Bolhão e
Coimbra 2003

SEX. 7 A DOM. 23 SMS:SOS.
A NOVA VISUALIDADE DE
COIMBRA Pavilhão Centro de Portugal
SEX. 7 LANCAMENTO DO LIVRO
SMS:SOS. A NOVA VISUALIDADE
DE COIMBRA 18.30h
Edição: Coimbra 2003 e Edições ASA
SEX. 7 A DOM. 23 EXPOSIÇÃO
SMS:SOS. A NOVA VISUALIDADE
DE COIMBRA Todos os dias - 11.00h-
20.00h

SÁB. 8
ENVELHECER? NÃO OBRIGADO!
Casa Municipal da Cultura de Coimbra
16.00h
Moderador: Jorge Massada, Jornal
Expresso
Organização: ANBIQ e Coimbra 2003

SÁB. 8
JAZZ AO CENTRO - ENCONTROS
INTERNACIONAIS DE JAZZ DE
COIMBRA
Frode Gjerstad Trio
Centro Norton de Matos 21.30h
Organização: Centro Norton de Matos,
Câmara Municipal de Coimbra e Coimbra
2003

SEG. 10 A SÁB. 15
OU ISTO OU AQUELO
Quinta Parede
Museu dos Transportes 15.00h e
21.30h
A partir do livro de poemas de Cecília
Meireles
Dramaturgia e encenação: José Caldas

QUI. 13
CONCERTO DE CARL HANCOCK
RUX
Primeira parte: Balla
Teatro Académico de Gil Vicente
21.30h
Organização: Rádio Universidade de
Coimbra

SEX. 14 NOV. A DOM. 21 DEZ.
ATÍPICO - OBJECTOS
CONTEMPORÂNEOS
Convento de S. Francisco Terça Dom.
- 10.00h-18.00h
Organização: CEARTE, PPART e Coimbra
2003

SÁB. 15 NOV. A DOM. 21 DEZ.
COIMBRA FORA D'HORAS
Autores: José Maria Pimentel, António
Filipe Pimentel e Francesco Marconi

DOM. 16 A 23
ACTUS#5 Encontros de Teatro
Universitário

DOM. 16 CALÍGULA, DE
ALBERT CAMUS TEUC
SEG. 17 O PASSAGEIRO DO
EXPRESSO, DE J. RODRIGUES
MIGUEIS GTL

TER. 18 RUMORES,
ADAPTAÇÃO DE "THE
CRUCIBLE", DE ARTHUR MILLER
CTHUP

QUA. 19 O JOGO, DE
ARMANDO PINA MENDES
CITAC

QUI. 20 A VELOCIDADE DE UM
SUSSURRO, A PARTIR DE
TEXTOS DE ANA VICENTE GTIST

SEX. 21 A FERIDA NO
PESCOÇO, A PARTIR DE
"DESCRIPÇÃO DE UM QUADRO"
DE HEINER MÜLLER, TeatrUBI

SÁB. 22 AS MOSCAS, DE JEAN-
PAUL SARTRE Sin-cera

DOM. 23 A ESPERA DE GODOT,
DE SAMUEL BECKETT Cénico de
Direito
Organização: TEUC e CITAC

SEG. 17
O TEMPO DA PALAVRA - CAOS
Sessão de poesia por João Reis,
com participação de Paulo Varissimo
Convento de S. Francisco 18.30h
Poemas de Jorge Luis Borges, Jorge
de Sousa Braga, Ruy Belo, Carlos
de Oliveira, Luíza Neto Jorge e Gastão
Cruz

SEG. 17 A QUA. 19
JACQUES DERRIDA: COIMBRA.
Colóquio Internacional
A Soberania, Crítica, Desconstrução,
Aporias. Em torno do pensamento
de Jacques Derrida
Auditório da Faculdade de Direito de
Coimbra 9.00h
Organização: Coimbra 2003 e
Projectos de Investigação Língua e
Soberania e Unidade de Investigação
LIF, Faculdade de Letras de Coimbra

QUI. 27 NOV. A SEX. 19 DEZ.
O OLHO DE ALÁ
Camafeio
Convento de S. Francisco 15.00h
e 21.30h

SÁB. 29 NOV. A SÁB. 6 DEZ.
POEZINE: ENCONTRO E
EXPOSIÇÃO DE REVISTAS DE
POESIA (PORTUGAL: 1990-
2003)
Museu dos Transportes

ATÉ SEX. 12 DEZ.
SOS IGREJA
Exposição multimédia e de objectos
patrimoniais restaurados
Igreja de São Tiago
Concepção e organização: Instituto
Superior de Polícia Judiciária e
Ciências Criminais e Instituto
Português de Conservação e
Restauro
Co-organização: Coimbra 2003 e
ADIC - Associação Comercial e
Industrial de Coimbra

ATÉ QUI. 18 DEZ.
ADN, OS GENES E A
ALIMENTAÇÃO
Convento de S. Francisco Terça
Dom. - 10.00h-18.00h
Organização: Coimbra 2003



COIMBRA
2003

Uma cidade viva.

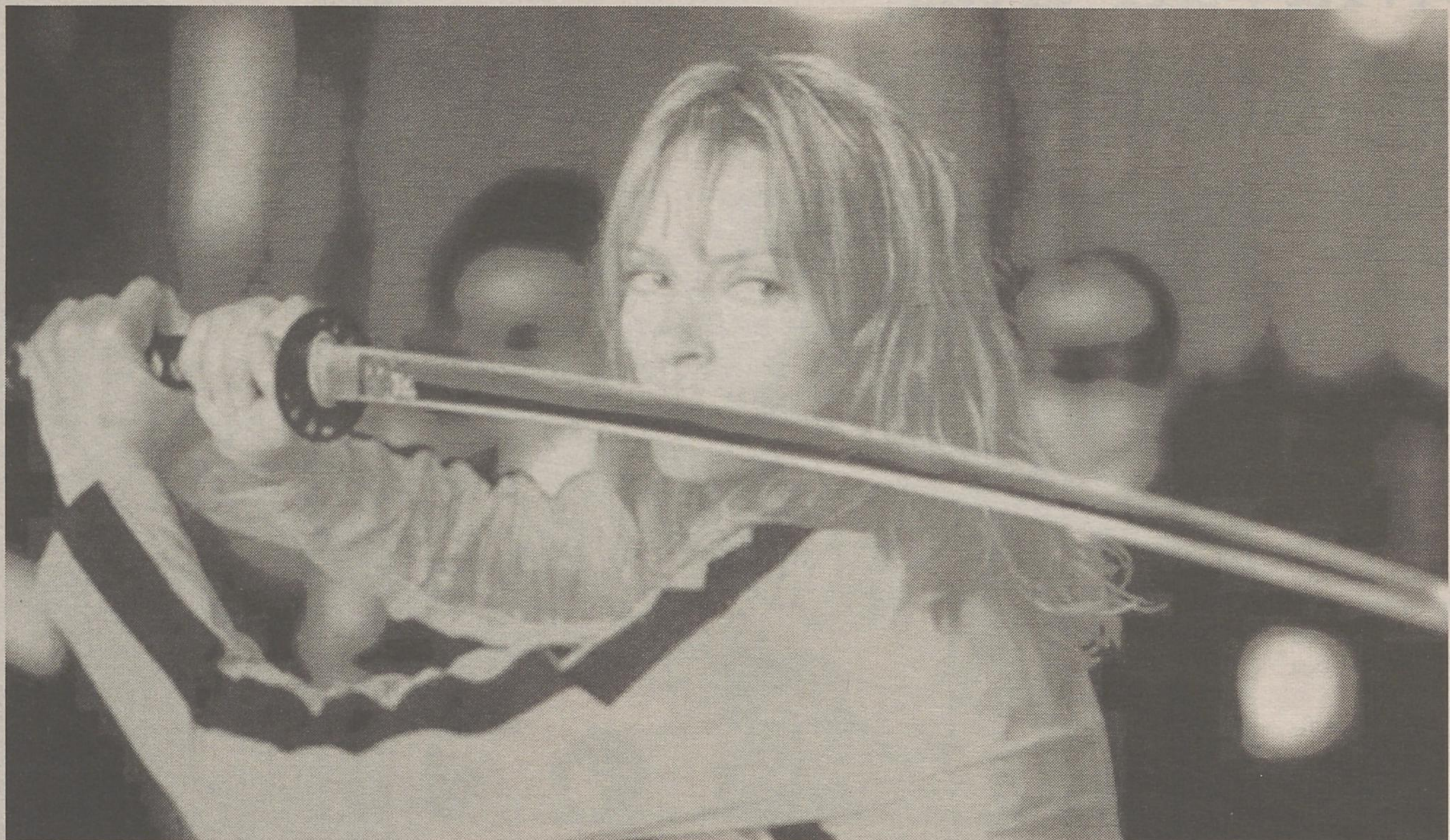
Patrocinador oficial



AMORIM



Vê-se...



Quentin Tarantino

"Kill Bill"

Com Uma Thurman , David Carradine e Lucy Liu. 11 minutos, a cor. M/16, Acção, Comédia/Thriller

10/10

Bill vive!

"Pulp Fiction" é, para a minha geração, ou um marco fundamental para aqueles que se tornaram cinéfilos ou, pelo menos, uma referência cultural incontornável. Os filmes de Quentin Tarantino, o seu ritmo, temáticas e imagética peculiares não só estão presentes no íntimo daqueles que consomem cultura, como continuam a influenciar aqueles que a produzem. Como explicar a proliferação do "rockabilly" sem passar pela "Misrilou" de Dick Dale, ou o ressurgir de ícones da cultura negra dos anos 70 escapando ao penteado "afro" de Samuel L. Jackson e à "soul" de Jackie Brown? Como esquecer que só depois de Tarantino ter ressuscitado Pam Grier (rainha dos "blaxploitation movies") é que estreou um "remake" de "Shaft", interpretado por nada mais, nada menos do que Samuel L. Jackson, e como não ligar um reavivar do "disco sound" ao "comeback" de John Travolta? Por último, não serviram os fatos pretos dos gangsters de "Reservoir Dogs" e de "Pulp Fiction" para definir uma nova "coolness", não foi Tarantino o pai de uma certa maneira de fazer as coisas que levou a que a Miramax se tivesse tornado uma gigante de Hollywood, não foram usadas citações dos seus filmes por inúmeras bandas para fazer vender as suas músicas?

Secamente: Tarantino é um monstro cultural em sintonia com uma premissa básica da nossa pós-modernice - a consideração tanto do erudito como do popular como contributos igualmente válidos. Ele ab-

sorve referências como uma esponja e engrandece-as depois de reflectidamente as reduzir ao essencial. De "Kill Bill" emergem os filmes de artes marciais de Hong Kong (o fato de treino de Uma Thurman imita o de Bruce Lee), o "anime", um certo conceito do feminino nas séries televisivas dos anos 70 (de que não será uma pista falsa a presença de Lucy Liu, a fazer a rima com "Os Anjos de Charlie"), uma grandiosa banda sonora que explicita ainda mais o misturar de géneros (trombetas de mariachis em músicas japonesas, rock'n'roll com influências flamencas). Está lá tudo. E mais ainda: Tarantino usa brilhantemente os silêncios como recurso dramático, fazendo com que o filme passe ileso por uma frágil corda bamba.

Porque tudo é excessivo, porque tudo é megalómano e inverosímil, nada é gratuito. O mesmo homem que afirmou que "dizer que não se gosta de violência no cinema é tão ridículo como dizer que não se gosta de cenas de dança no cinema" criou um "opus" monumental à volta de um tema muito simples. Poderia ser o ódio, a vingança, o amor, a cobiça. Tudo isto está em "Kill Bill". Mas, ainda maior, a saltar-nos à cara como se pela primeira vez a encontrássemos numa expressão visual pura, a violência, em todas as formas possíveis e imaginárias. Um ensaio sobre o uso da violência no cinema, desde o western até às mais recentes adaptações de videojogos: eis o que é "Kill Bill", até agora a obra maior de Quentin Tarantino. **Jorge Vaz Nande**

Em negativo...



Paulo Furtado, músico e membro dos Wray Gunn e The Legendary Tiger Man

Um actor - Johnny Depp

Uma actriz - Uma Thurman

Um filme - "Freaks", de Tod Browning

Uma banda sonora - "Reservoir Dogs"

O filme de um concerto - "Live at Napa State Mental Hospital" pelos The Cramps

Uma citação de um filme - Assim de repente, não me lembro! (risos)

Navega-se...

Letras

Há muitas pessoas que, apesar da falta de voz, gostam de acompanhar as músicas que se vão ouvindo. Mas muitas vezes a ideia que têm da letra é tão fraca como a voz. Felizmente podemos corrigir um destes problemas. Há a internet e não faltam sítios com as letras das músicas. Deixo aqui dois. Um dedicado a grupos e cantores (azlyrics), e outro dedicado a músicas que apareceram em bandas sonoras de filmes (stlyrics). Ambos têm uma organização semelhante, com o alfabeto disposto na parte superior do sítio de modo a ir directamente à primeira letra do músico/banda/filme. Depois de uma parte central com publicidade existe uma zona com as novidades, indicando quais as últimas letras que surgiram no sítio. No lado esquerdo de ambos os sítios há ligações para requisitar letras e para corrigir erros nas letras existentes. Há também a habitual folha com ligações a outros sítios. Quando consultarem estes sítios não se esqueçam de que isto é a propriedade intelectual de alguém e como os próprios sítios indicam estas letras só devem ser utilizadas para fins educativos...

<http://www.stlyrics.com>

<http://www.azlyrics.com>

FAQ, RFC, FYI e STD

Frequently Asked Questions, é este o significado de FAQ. Neste momento os newsgroups são mais conhecidos como sítios de onde se podem "sacar" ficheiros do que como comunidades online, onde pessoas com o mesmo interesse se juntam para discutir. Na altura em que esta última definição fazia mais sentido, era normal os utilizadores novatos (newbies) dos grupos serem convidados a ler primeiro o FAQ relativo ao grupo onde queriam colocar artigos (post). No FAQ estava disposta a informação relativa ao tema fulcral desse grupo e as suas regras de funcionamento.

Desde há muito tempo que existe um newsgroup chamado news.answers que serve de repositório de todos os FAQ. O sítio faqs.org é cons-



Música

"Stlyrics"

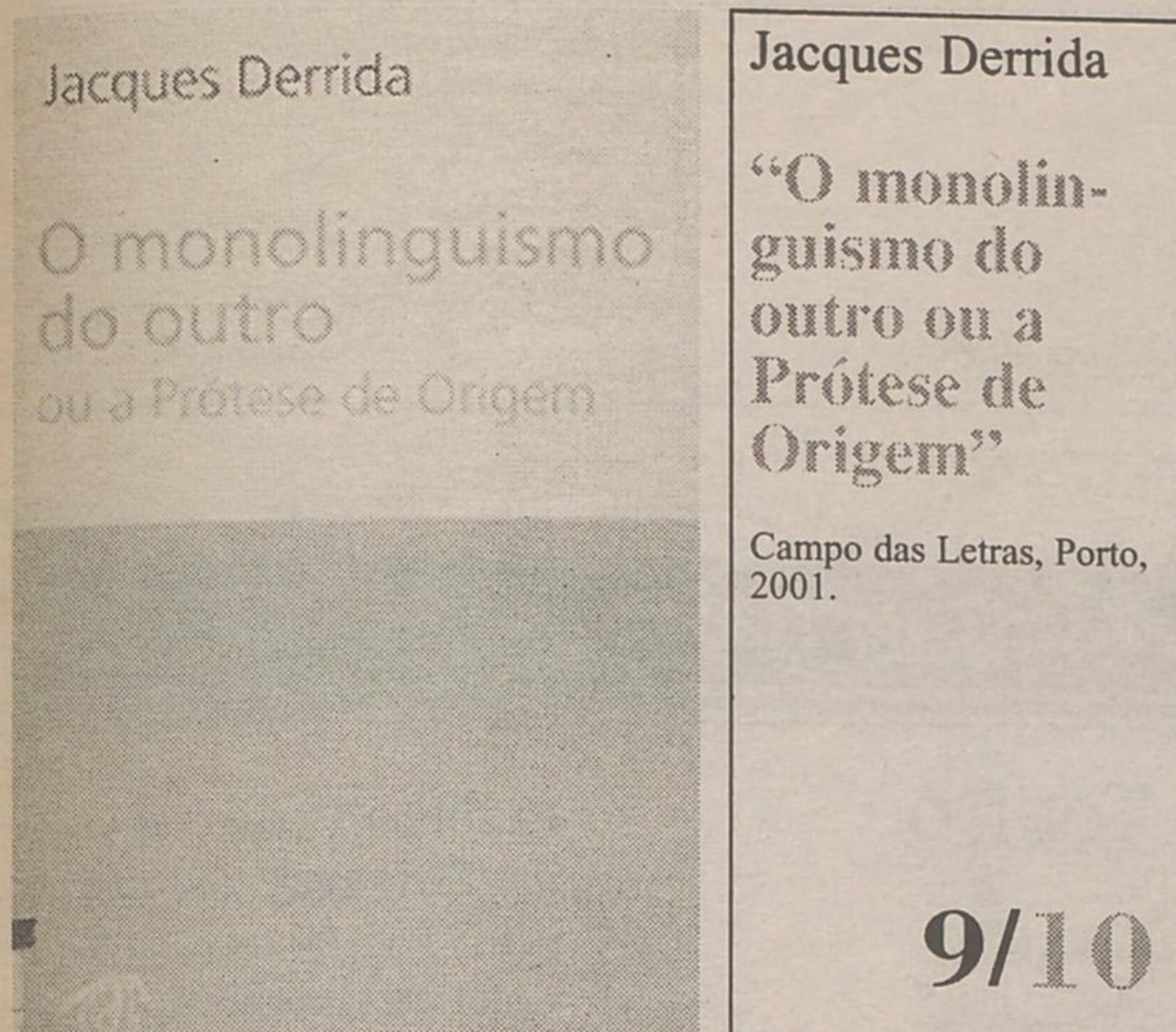
www.stlyrics.com

truído e mantido com base nos artigos que surgem no grupo. Neste momento existem mais de 4000 FAQ arquivados sobre mais de 2150 newsgroups. Claro que o sítio não alberga só este tipo de documentos. Também possui cópias digitais dos artigos que definem muitos dos protocolos usados na internet, conhecidos como RFC (Request For Comment). Só para citar alguns, temos o RFC 2616 que é o que define parte do HTTP/1.1 (Hypertext Transfer Protocol) ou o RFC 1459 que define o IRC (um protocolo que é usado pelo popular programa mIRC). Há também os STD (Internet Standard), onde estão definidos os standards da internet e que podem ser compostos por um ou mais RFC. Os FYI (For Your Information) são documentos menos técnicos que os STD, feitos a pensar no utilizador mais comum. Nestes documentos explicam-se coisas como escolher nomes para computadores ligados em rede, informação sobre a protecção de dados, etc.

<http://www.faqs.org>
news:news.answers

Nuno Curado

Lê-se...



Da reinvenção da língua à descoberta do humano

Eis um dos muitos escritos do filósofo-escritor - ou escritor-filósofo? - Jacques Derrida, o pensador “francês” do movimento da desconstrução, que estará entre nós no próximo dia dezassete de Novembro, na faculdade de letras.

A dificuldade de apresentar um livro e um autor, sobretudo como Derrida, que se escusa a qualquer definição/objectivação, revela-se-me difícil, ainda que assaz necessária e urgente, dada a sua pertinência para o pensamento contemporâneo. Moven-do-se em várias esferas humanas, a temática principal sobre a qual se debruça, porto inquieto em que atacam outros temas, é a questão da linguagem e, a partir daí, a política, a ética, a tecno-ciência, o humano, a arte,...

Neste livro, erigido a partir de um colóquio, Derrida apresenta-se como o estrangeiro na “sua própria” casa: a língua, mais concretamente, a língua francesa, que o acolhe - Derrida “é” um franco-magrebino -, na qual é e será sempre um hóspede. Mas este estatuto de estrangeiro, de hóspede, não é tradução de um desconforto individual, mas uma inquietude que permite pensar a nossa relação com a língua que temos pretensão de possuir. Possuímos a Língua? Somos possuídos por ela?

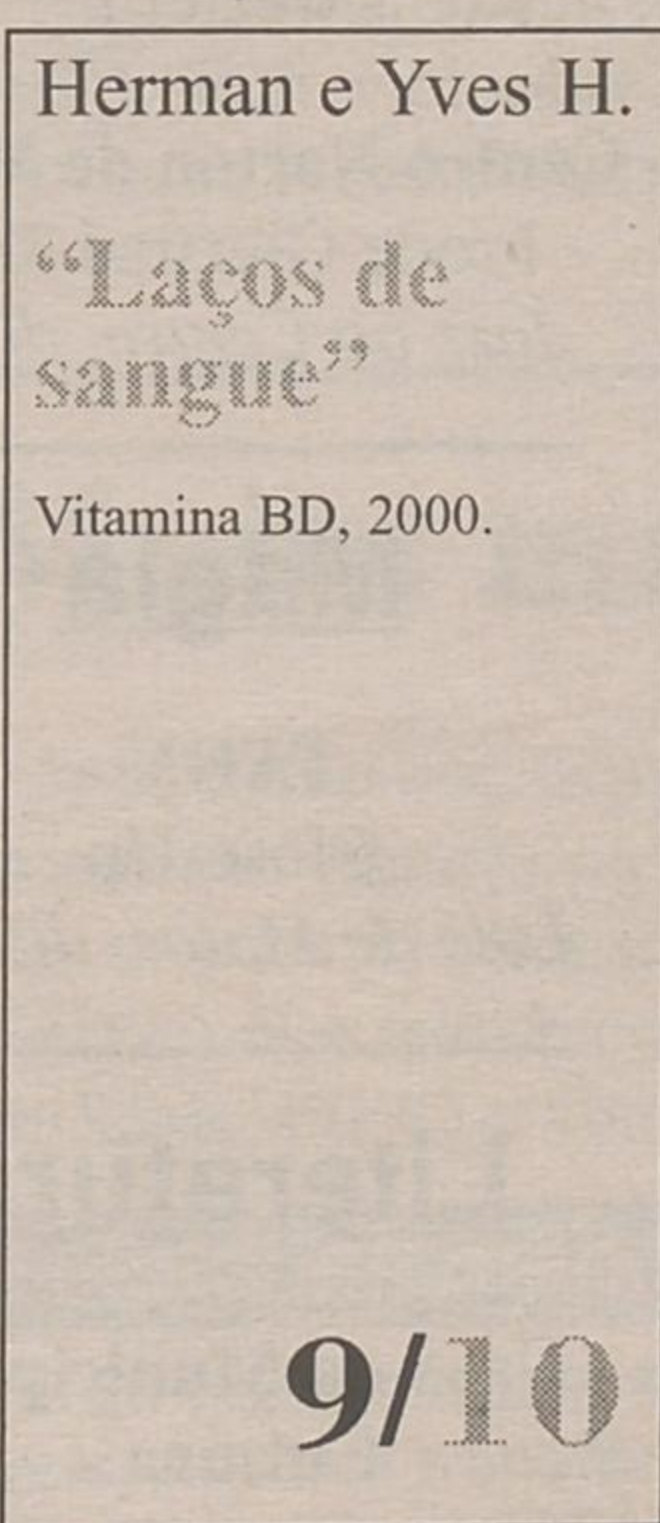
Quanto de nós já não sentimos sensação de impotência quando nos dirigimos a alguém na esperança de lhe dizermos o que somos, de partilharmos o único que somos a outro único também, e não termos outras palavras que não as de todos? É possível a comunicação? Sim, mas o desconforto instala-se, porque ficamos sempre aquém, estamos sempre atrasados - porque a Língua é-nos anterior - e estamos em falta - porque nunca dizemos tudo o que desejamos e, por isso, não conhecemos o outro que diante de nós, não lhe tocamos. Será neste ponto que se entronca o problema da ética: sabendo nós que nunca chegamos ao outro, ele constitui-se sempre como um outro magistral, um outro que se furta a qualquer objectivação, a qualquer conhecimento, a qualquer redução, a qualquer posse.

A Língua é-nos anterior e nós habitamos nela, como hóspedes. Mas, e aqui entra a loucura, é a partir dela que nos constituímos, que nos damos e acolhemos o outro, dando hospedagem na residência em que somos apenas hóspedes. Hóspedes que, bem entendido, não são donos, i.e., que estão à beira da própria Língua: falamos, es-crevemos, pensamos, somos, mas nunca a possuímos.

Pensar a Língua, assim, é pensar também a cidadania, a ética, o estrangeiro, a identidade, o amor, a arte, a política, a própria filosofia...

“O Monolinguismo do Outro” é apenas um começo, um começo que fala o arquí-comoço, que poderá “servir” para uma primeira aproximação a um pensador que, na sua complexidade - porque desconstrói a nossa ideia dominadora de seres racionais - nos ajuda a encontrar o nosso chão. **Andreia Ferreira**

Desenha-se...



Vingança demoníaca

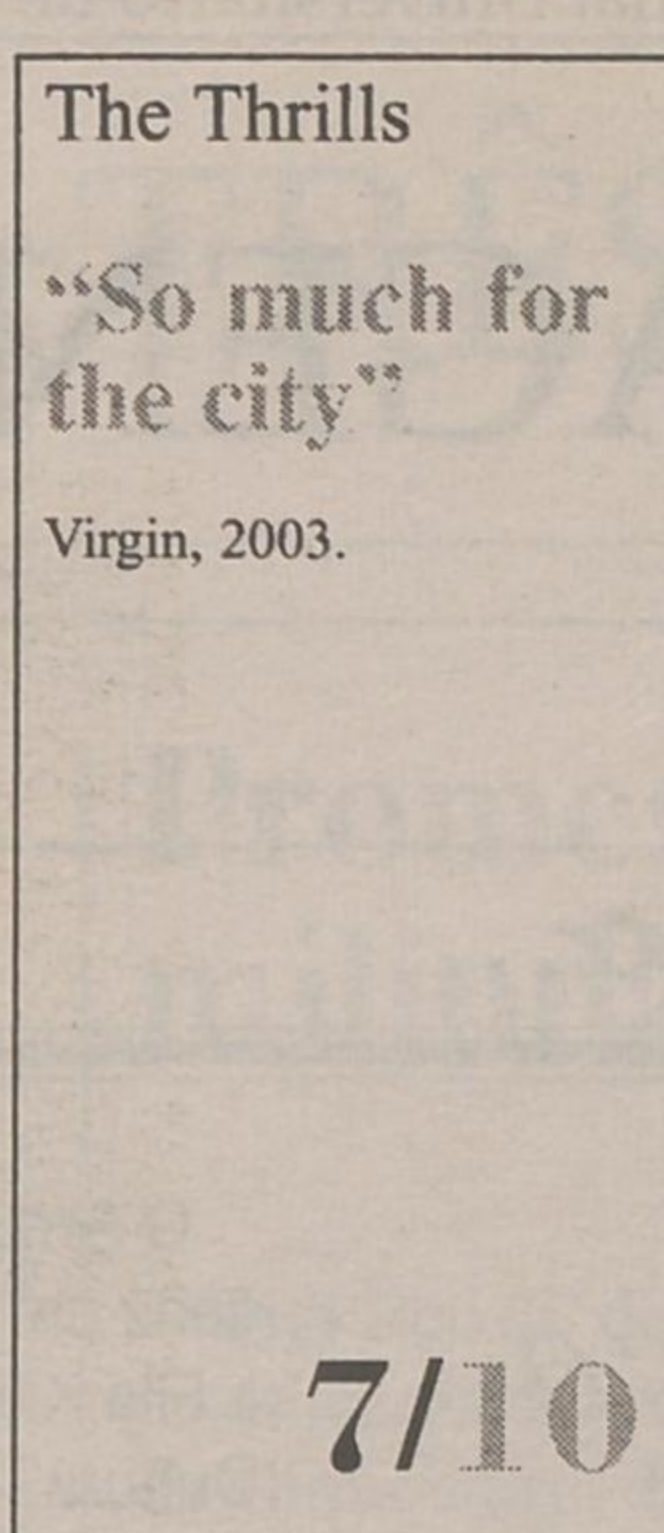
Passado numa cidade americana no início dos anos 50, num ambiente marcado pela corrupção e pelo crime, Laços de Sangue é um thriller intenso tanto visual como psicologicamente, onde o carácter misterioso e o ambiente sórdido presentes habitualmente nos grandes filmes noirs de Hollywood combinam-se com o sobrenatural para nos oferecerem uma história de vingança e intriga onde um dos protagonistas é o próprio diabo.

A história, em género de romance policial, apresenta-nos um polícia novato que, ao investigar uma série de mórbidos crimes, vai descobrindo a suja realidade da grande cidade que habita. Assim, o polícia Sam Leighton vê-se subitamente no meio de toda uma série de acontecimentos que o envolvem não só a ele como também a Joe Beaumont, um homem

poderoso que controla toda a cidade, Gladys, a sua mulher, cantora de bar alcoólica e frustrada, e o misterioso detective Philip Meadows, que usa Sam para perpetrar a sua vingança pessoal contra Beaumont.

A arte fabulosa de Hermann, um dos maiores nomes da banda desenhada europeia, famoso pela série “Jeremiah” e pelo carácter violento e politicamente incorrecto presente na grande maioria dos seus livros, alia-se pela primeira vez e adequa-se perfeitamente ao argumento do seu filho Yves H, argumentista cujas poucas obras publicadas denotam no entanto uma qualidade surpreendente. Cada painel que constitui as 54 páginas do livro pode ser interpretado como uma imagem independente, tal é a qualidade das aquarelas do desenhador belga. **José Miguel Pereira**

Ouve-se...



Os amigos, as violas e o Bungallow junto à praia

Eis que em 1999 um grupo de amigos (que por acaso também tinham uma banda de garagem) decidem passar umas férias de verão nos Estados Unidos. É este o ponto de partida e a inspiração para a composição de um disco que lhes valeu o estatuto de “Best New Band” na cerimónia dos Q Awards.

“Big Sur” é um single quase perfeito, que deve tanto à brit pop como aos standards do outro lado do atlântico dos idos anos 60.

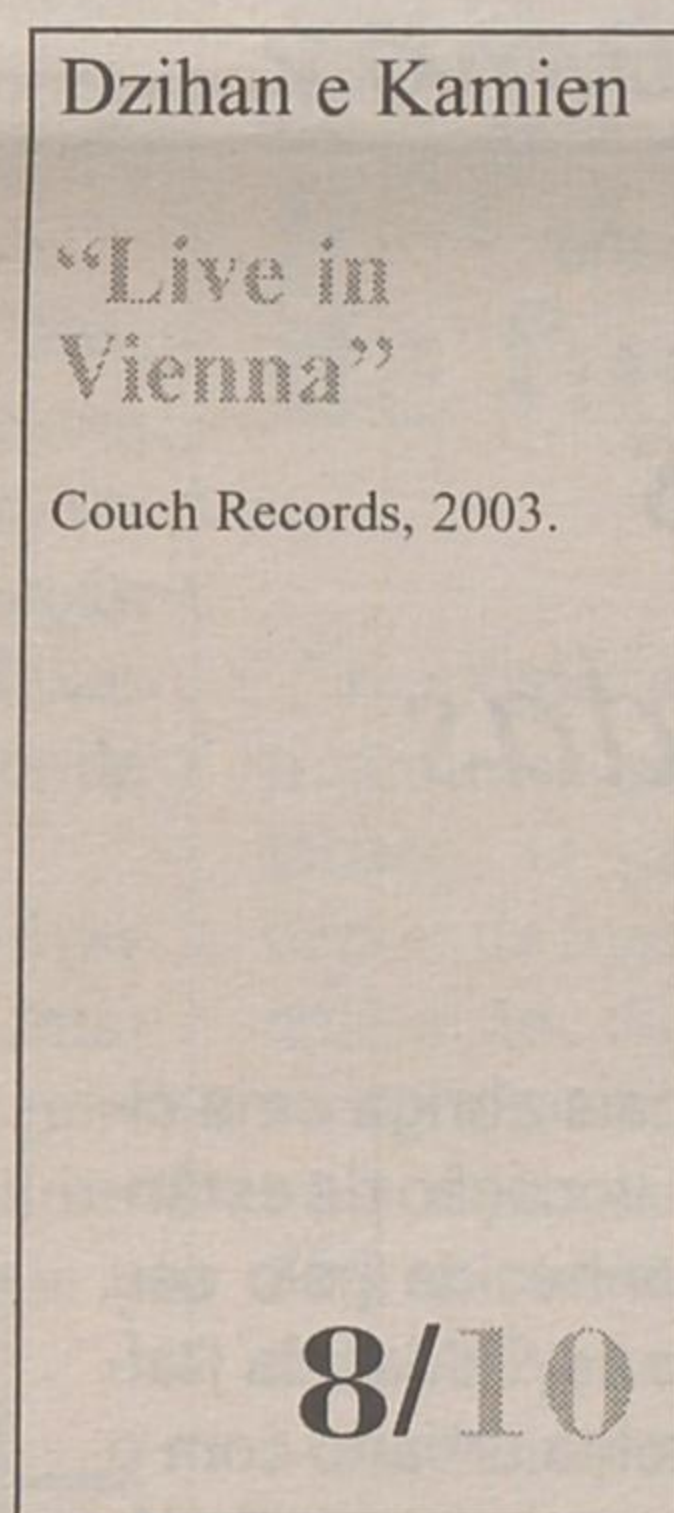
Neil Young, The Byrds e os Beach Boys são influências assumidas num punhado de canções criadas em Dublin com os olhos postos em San Diego.

Gravada a primeira maqueta, amigos da banda enviam-na a Morrissey (esse mesmo dos “The Smiths”) e ele telefona logo a dizer que queria assistir a um concerto deles, mas como não tinham nada marcado convidam-no para um ensaio. Daí a assinarem com Virgin e escolherem Tony Hoffer para produtor (que já havia trabalhado com os Air e com Beck) foi um passo mais curto do que a própria perna.

A melancolia de uns Flaming Lips associa-se a uma slide guitar que parece acompanhar um luar na praia com juras e promessas de uma infância que nos assalta de vez em quando como quem se recorda de uma qualquer primeira vez.

Não sendo um disco brilhante, “So Much For The City” é um daqueles discos para se ouvir de vez em vez, quando nos apetece pura e simplesmente ouvir um grande trabalho pop aparentemente despretencioso e isso, só por si, já lhes confere crédito para se soltarem cada vez mais e continuarem a compor temas de três ou quatro acordes, de três ou quatro minutos, com três ou quatro estrelas.

Brevemente nos escaparates também estará disponível o primeiro trabalho dos galeses “The Keys”, com nome homónimo, e a Brit Pop passa então, felizmente e depois da queda de uns Suede, a respirar um novo fôlego. **Hugo Ferreira**



Dzihan e Kamien ao vivo e rendidos ao poder do jazz

Transpor a fronteira da produção dita electrónica para o registo ao vivo com instrumentos, em tempos de esgotamento criativo, poderá ser considerado um acto prosaico?

Não, se avaliarmos o histórico da dupla vienense Dzihan & Kamien - “Freaks & Icons” de 2000, ou “Gran Riserva” de 2002 (além de remisturas de temas de Billy Holliday ou Serge Gainsbourg) - pois nunca foi segredo a prática de um estilo único, onde o contributo de instrumentos (sobretudo Orientais, Árabes ou dos Balcãs), fazem parte do “modus-operandi” de uma produção, que de forma intrínseca incorpora os mesmos nos ruídos, loops ou samples, criados pelas ferramentas electrónicas em voga.

Um passaporte musical que projectou a dupla como um dos nomes representantes da nova “cena” de Viena, descendentes em simultâneo da prestigiada tradição musical da metrópole. Um palco cosmopolita com um passado recente escrito pelo par Kruder & Dorfmeister, mestres de dub sofisticado, bem como a facção das novas correntes criativas da experimentação de Christian Fennesz (e restante espólio da editora Mego) e Radian, ou ainda pelo techno-experimental de Patrick Pulsinger, sendo estes alguns dos exemplos que evidenciam Viena como um epicentro das novas vibrações da música de dança europeia.

“Live in Viena” surgiu da vontade de assinalar a apresentação, de forma efêmera, do disco “Gran Riserva”, numa celebração que não fosse limitada a simples actos de dj. Para a missão foram reunidos em palco 22 músicos para interpretar um repertório dividido pelos dois discos já editados. Um contingente formado por: uma secção de metais, outra de cordas (emprestada de Istambul), bem como os notáveis préstimos na percussão do mestre turco (radicado em Barcelona) - Ahmet Misirli - e um distinto nome do jazz latino - Sammy Figueroa (que conta com um currículo impressionante de participações, da qual se destaca uma colaboração de nove anos com Miles Davis). As vozes, como habitual, são sublimes, com créditos para Ma-Dita e o cúmplice de longa data, Özden Öksüz.

A sumptuosa festa será repetida excepcionalmente em Novembro, no internacionalmente conhecido clube de jazz, Porgy & Bess. Uma sala que continua a acolher os impulsos de criação onde o jazz sofre as mais diversas metamorfoses, ecletismo que é testemunhado pela sua programação: Elliot Sharpe, Carlos Zingaro, Ken Vandermark, Chicago Underground Duo, Alexkid; ou tributos regulares a nomes como: Herbie Hancock & the Headhunters, Sonny Rollins, Jimi Hendrix, Astor Piazzolla... Um magnífico espectáculo onde a espiritualidade dos instrumentos traduz as reminiscências de jazz sugeridas à dupla, na sua infância, pelo gramofone paterno. **Nuno Paiva**

26 AGENDA

Em palco...

Música
das
imagens“Animatógrafo de
Coimbra”

Filmes mudos portugueses de 1911 a 1930
Acompanhamento musical e teatral por vários artistas
Local: TAGV
De 28 a 31 de Outubro, às 22 horas

O Arquivo Nacional de Imagens em Movimento restaurou, a Fila K e a Capital Nacional da Cultura trouxeram-nos até nós. Durante quatro noites, alguns dos filmes mudos mais importantes do cinema português foram exibidos no ciclo “O Animatógrafo de Coimbra”.

O critério escolhido foi o da progressão histórica. Se de “Os Crimes de Diogo Alves” transpareceu ainda um grande amadorismo teatral, as obras posteriores anunciaram já uma modernidade inaudita, quer os de Reinaldo Ferreira/Repórter X (o misterioso “O Táxi 9297” e “Rita ou Rito?”, burlesca comédia de perseguição), quer “A Dança dos Paroxismos”, de um vanguardismo de fazer roer as unhas a qualquer Edgar Pêra... Finalmente, “Maria do Mar” encerrou, com a sua pungente beleza neo-realista.

O ciclo ficou ainda marcado pelo acompanhamento sonoro dos filmes. De destacar as extraordinárias bandas sonoras que Luís Pedro Madeira escre-



Luís Pedro Madeira e Bernardo Sassetti fecharam “Animatógrafo”

veu de propósito para este ciclo, para “Rita...” e “A Dança...”, tal como a emotiva adaptação para piano que Bernardo Sassetti interpretou da sua peça orquestral de há 3 anos para “Maria...”, que aguarda edição em CD e DVD. A Camaleão ilustrou “Os Crimes...” com um diálogo bem-disposto e também Paulo Furtado não desiluiu ninguém a acompanhar “O

Táxi...” como dj. Apenas a intervenção do guitarrista Paulo Soares sobre “A Fonte dos Prazeres”, uma produção francesa de 1924 que filma para outros franceses um cartão postal de Coimbra já de si bastante fastidioso, terá ficado aquém do desejado, pela má opção por uma repetição limitativa de clássicos da guitarra portuguesa. **Jorge Vaz Nande**

Outros rumos...

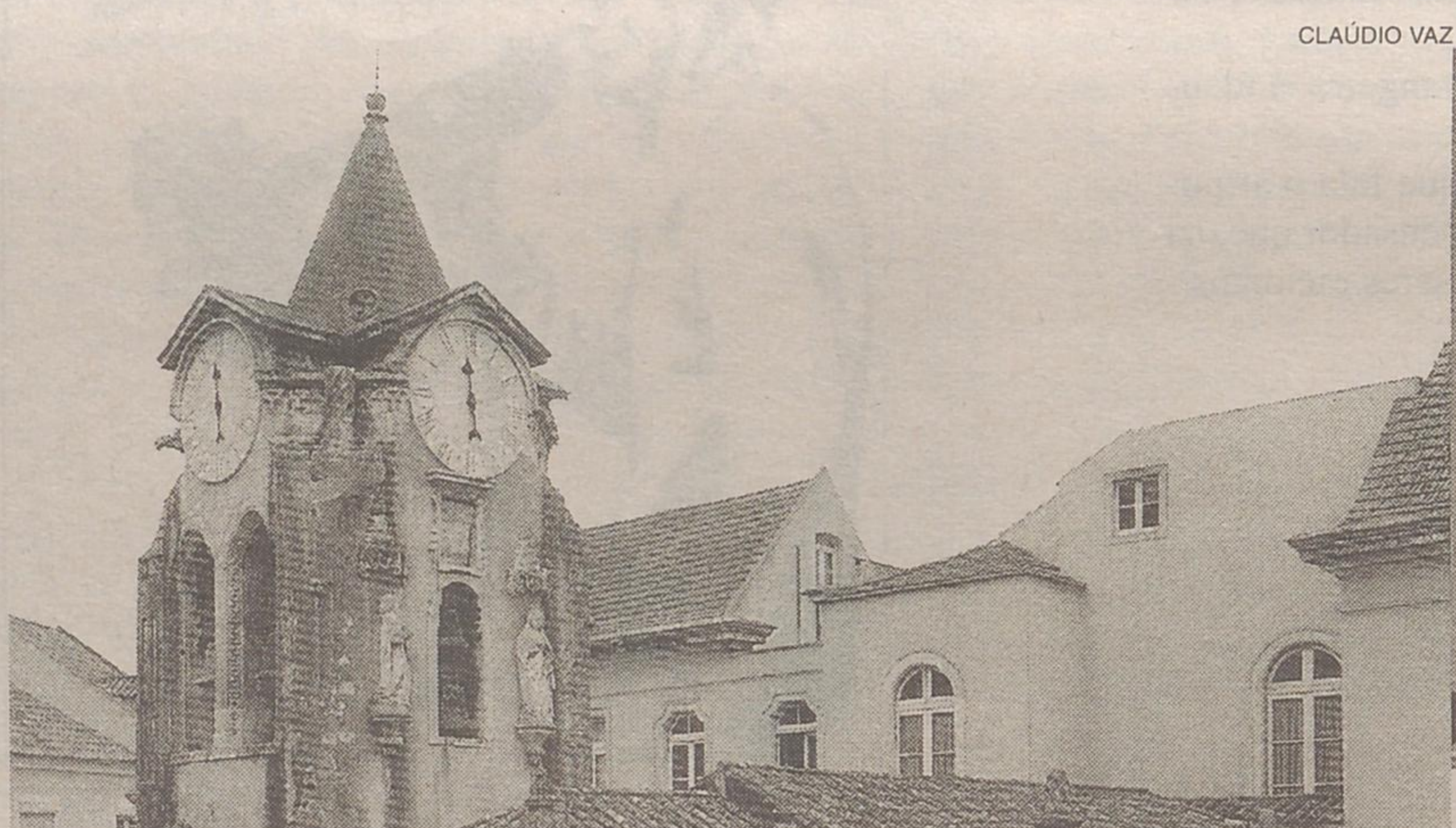
Visita a um refúgio urbano

Retratos
das Caldas

A região oeste do país abriga uma cidade que além da sua vocação de estância termal é muito conhecida pelo seu artesanato. Assim são as Caldas da Rainha, um agradável núcleo urbano com o seu animado mercado e a beleza infindável da Foz do Arelho, a praia da vila.

A imagem das Caldas construiu-se no século XX como refúgio das elites urbanas, conta Manoel Correia, fotógrafo e apreciador da região. Sentado em frente do lago do Parque das Caldas com a sua máquina fotográfica, regista mais um canto do Portugal que, como ele diz, é tão sabido por muitos, mas realmente descoberto por poucos.

Segundo Manoel Correia, o caminho de ferro foi inaugurado em 1887 e foi quando as Caldas passaram a estar ao alcance de muitos viajantes. Nesse século, destacaram-se uma brilhante geração de ceramistas, povoando a sua louça de formas e decorações naturalistas, cobertos por



Igreja de Nossa Senhora do Pópulo

vidrados com tendência para o verde esmeralda e o amarelo mel, que desde então obteve grande êxito em Portugal e no estrangeiro. Nesta época a fachada dos prédios foi quase toda reformulada, recorrendo ao jogo de cantarias, ao ferro forjado e aos azulejos, sofrendo as influências da “arte nova”. Algumas décadas mais tarde, após duas fundações e uma história muito curiosa e conturbada, a vila de Caldas da Rainha finalmente conseguiu o estatuto de cidade.

Numa conversa de bar, após uma cami-

nhada pelo centro e conversas com o povo da cidade, fiquei surpreendido com uma história dos refugiados da Segunda Guerra que invadiram a região em meados de 1940, quando automóveis estrangeiros lotaram as ruas da cidade com judeus de quase todos os cantos da Europa em busca de um lugar seguro.

Caldas da Rainha é uma cidade que ainda conserva como pode o seu património, os seus mercados a céu aberto e que guarda todo o charme e contradição da uberdade moderna. **Cláudio Vaz**

A não perder...

Teatro

- TAGV -
ACTUS#5

Calígula

TEUC, dia 16

O Passageiro do Expresso
Grupo de Teatro de Letras
da Universidade de Lisboa,
dia 17

- Teatro do INATEL -
Flatland

Camaleão, até 15

- Museu dos Transportes -
Ou isto ou aquilo
Quinta Parede, de 10 a 15

Música

- TAGV -

Ópera do Falhado

ACE/Teatro do Bolhão, dias

7 e 8

John Mayall and the Blues-
breakers

Dia 9

“Quase Então”

Lançamento de disco pelo
Jazz ao Centro Club, dia 11

Carl Hancock Rux

1ª parte Balla

Organização: RUC, dia 13
Orquestra Filarmonia das

Beiras

Dia 14

Passos da Noite

Vitorino, Inês Santos e
Quinteto de Coimbra, orga-
nização da Secção de Fado,
dia 15

- Via Latina -
DJ/Rupture

Dia 7

- Centro Norton de Matos -
Frode Gjerstad Trio
Jazz ao Centro, dia 8

Magia

- TAGV -
Close-Up

Luís de Matos, dia 10

Literatura

- Casa da Municipal da
Cultura -

20 Histórias de palmo e
meio

Lançamento do livro de
Isabel Jardim de Campos,
dia 11

- Pavilhão Centro de
Portugal -

SMS: SOS. A nova visuali-
dade de Coimbra
Lançamento de livro sobre
arquitectura de Coimbra,
dia 7

- Hotel Astória -

Alento - Danças Ocultas
Lançamento de livro sobre
o grupo homónimo, dia 14

Cinema

- Cinemas Millenium
Avenida -

Cine-Teatro

Kill Bill - A Vingança

De Quentin Tarantino

Hoje - 14h30, 17h, 19h20,
22h, 00h15

Matrix Revolutions

De Andy e Larry Wachowski
Amanhã e Quinta - 14h,
16h40, 19h15, 21h50,

00h30

Estúdio 1

Crueldade Intolerável

De Joel Coen

Hoje - 13h30, 15h30,
17h30, 19h30, 21h30, 00h

Kill Bill - A Vingança

De Quentin Tarantino

Amanhã e Quinta - 14h30,
17h, 19h20, 22h, 00h15

Estúdio 2

Adeus Lenine

De Wolfgang Becker

Hoje - 14h15, 16h45,
21h45, 00h30

Crueldade Intolerável

De Joel Coen

Amanhã e Quinta - 13h30,
15h30, 17h30, 19h30,
21h30, 00h (só quinta)

Sessão especial

Um Filme Falado

De Manoel de Oliveira

Hoje - 19h15, amanhã -

19h30 e 00h, quinta -

19h30

- Cinemas Girassolum -
Sala 1

Crueldade Intolerável

De Joel Coen

Todos os dias - 14h30,

16h45, 19h, 21h30

Sala 2

Bad Boys II

De Michael Bay

Todos os dias - 14h, 16h30,
19h10, 21h45

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº183245/02 Registo ICS nº116759

Director Emanuel Graça Chefe de Redacção/Director A CABRA.net João Pereira Editor de Fotografia Jonas Batista Editor de Academia e Universidade Tiago Azevedo Editor de Cidade, Nacional e Internacional Mário Guerreiro Editora de Ciência Lurdes Lagarto Editor de Desporto João Cortesão Editor de Cultura João Vasco Editores A CABRA.net Emanuel Graça, Liliana Guimarães, Maria João Lopes, Rita Delille, Vitor Aires, Vitor Rodrigues e Oliveira Secretária de Redacção Liliana Guimarães Secretária de Redacção A CABRA.net: Margarida Matos Paginação Emanuel Graça Redacção Aida Lima, Ana Maria Oliveira, André Jegundo, Bruno Fernandes, Carina Valério, Carina Fonseca, Carla Pinto, Cláudia Rodrigues, Cristina Bastos, Daniela Pereira, Diana Ramos, Edgar Caetano, Gustavo Sampaio, Hugo Ferreira, Inês Saraiva, Joana Fialho, Joana Moreira, João Baía, João Pedro Marques, Jorge Vaz Nande, José Manuel Camacho, Kossaqui, Leila Campos, Luís Miguel Silva, Luís Pedro Gomes, Manuel Eduardo, Marco Pereira, Marília Frias, Marilyne Alves, Marta Poiães, Nuno Curado, Patrícia Lourenço, Paulo Alexandre Teixeira, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Santos, Rui Justiniano, Rui Pestana, Sandra Dias, Sara Cardoso, Sara Martins, Sofia Carvalho, Sónia Nunes, Soraia Letra, Suzana Marto, Tiago Carvalho, Vânia Correia Colaboradores Ana Rita, Andreia Ferreira, António Leitão, Bruno Vicente, Carlos Portela, Celine Canguero, David Jacob, Dinarte Melim Velosa, Filipa Oliveira, Hélder Wasterlain, Joana Ereio, Joana Montenegro, José Miguel Abrantes, José Miguel Pereira, Isidro Fagundes, Liliana Carona, Liliana Gonçalves, Lisette Esteves, Nuno Paiva, Patrícia Martinho, Paulo Azevedo, Rita Gouveia, Rodrigo Paulino, Rogério Ramos, Rosa Ramos, Sofia Nunes, Susana Ventura, Tiago Pimentel Fotografia Ana Laura, Carla Pinto, Cláudio Vaz, Daniela Pereira, Francisca Moreira, Joana Fonseca, Jorge Vaz Nande, Marilyne Alves Publicidade Sofia Carvalho - 239821554; 914941677 Impressão CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone. 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com Tiragem 4000 exemplares Produção Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra Propriedade Associação Académica de Coimbra Agradecimentos Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

Secção de Jornalismo,
Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira,
3000 - Coimbra
Tel. 239821554 Fax. 239821554

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

e-mail: cabra@aac.uc.pt

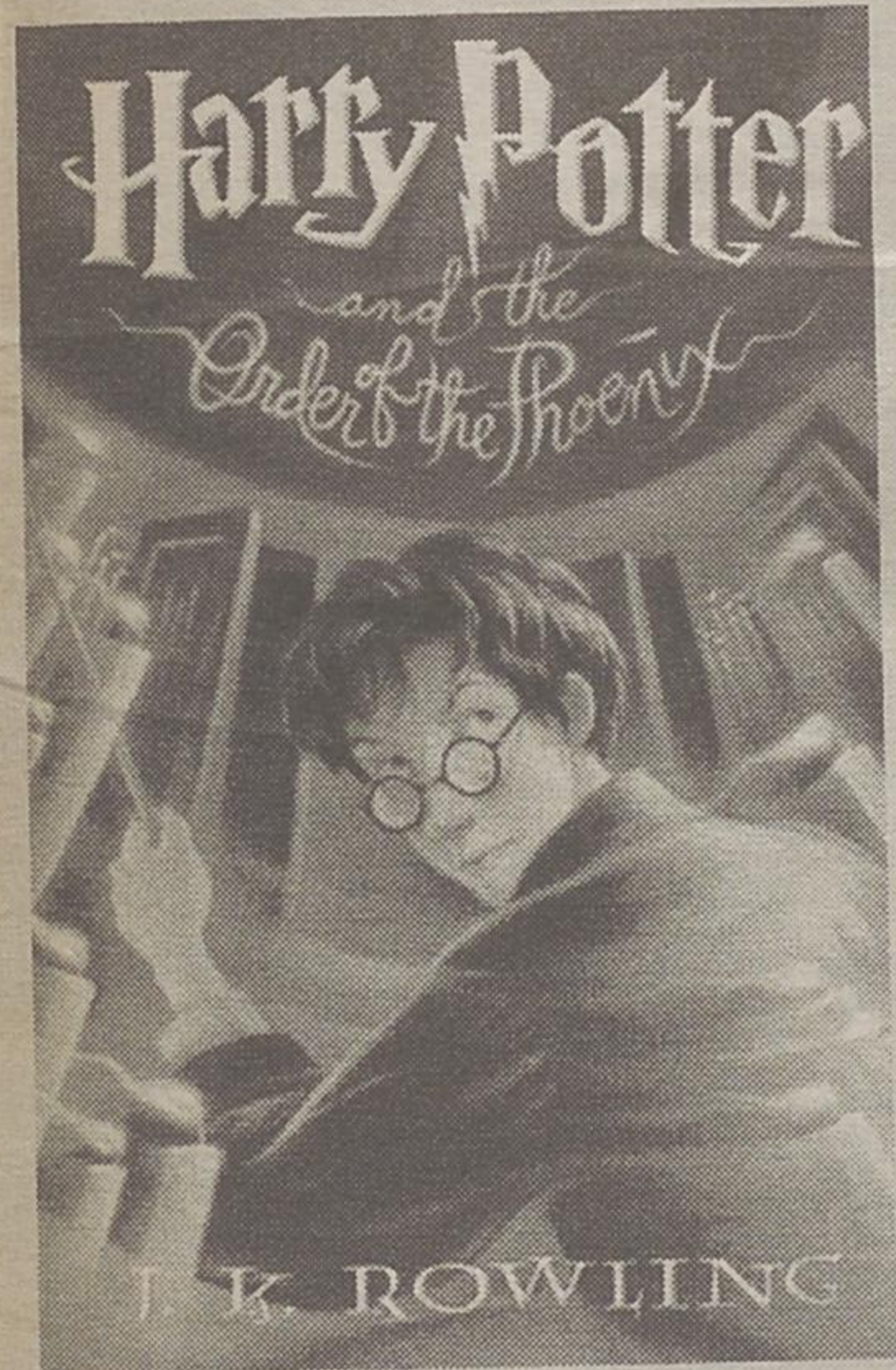
Dor de cabeça mágica

O último feitiço de Harry Potter parece ter efeitos secundários. Howard Bennett, da George Washington University Medical Center, recebeu três pacientes que se queixaram de fortes dores de cabeça. O factor comum era o livro que andavam a ler: "Harry Potter e a Ordem de Fénix".

Os pacientes com idades compreendidas entre os 8 e os 10 anos tiveram fortes dores de cabeça durante três dias devido a stress físico causado pela leitura quase ininterrupta do livro de 870 páginas. Depois de afastadas outras hipóteses, o médico aconselhou os pacientes a descansarem e não lerem por uns dias. Mas o feitiço é demasiado forte e duas das crianças recusaram-se a parar de ler o livro. O médico optou então pelo recurso a medicação.

O mais caricato desta história é o seu final. Os três pacientes ficaram instantaneamente sem dores assim que acabaram de ler o livro e o fecharam.

D.R.



U2 salvam instituição de caridade

A banda irlandesa U2 salvou a instituição de caridade "One In Four" do encerramento, através de uma doação de 40 mil euros.

O governo irlandês já tinha avisado a organização de que esta teria que fechar por não se conseguir manter. Os U2 entrevistaram doando à instituição um montante correspondente às despesas mensais. A banda fez ainda com que fosse assumido um "compromisso de cavalheiros" entre o governo e a organização. Desta forma, o governo irá financiar a "One In Four" no próximo ano e será ainda assinado um contrato de prestação de serviços.

A "One In Four" é uma organização não-governamental que se dedica, desde Julho de 2002, ao apoio de vítimas de abusos e violência sexuais. Entre outro tipo de apoios, disponibiliza terapia individual e de grupo e apoio jurídico.

O final de Matrix



Última filme da trilogia Matrix estreia amanhã

Estreia amanhã em Portugal, em simultâneo com mais de cinco dezenas de outros países aquele que é o terceiro e derradeiro filme da série Matrix.

Este terceiro e final capítulo da trilogia criada pelos irmãos Wachowsky intitula-se "Matrix Revolutions" e vai pôr definitivamente um ponto final nas aventuras de Neo e companhia, que se tinham iniciado em 1999 com o primeiro filme da saga ("The Matrix"). Nesse primeiro capítulo da saga, Neo (Keanu Reeves) acordava para a perturbante realidade que o rodeava: a Terra não passava de uma quinta onde as máquinas controlavam por completo os humanos, usando a sua energia para continuarem essa dominação. Os renegados Morpheus (Laurence Fishburne) e Trinity (Carrie-Anne Moss) secundam Neo na sua luta pela libertação da raça humana. Torna-se então evidente que Neo é o Escolhido, aquele que pode desequilibrar o fiel da balança a favor dos humanos, de acordo com a profecia.

Na segunda prestação da história ("The Matrix Reloaded"), Neo e os seus companheiros veem-se a braços com uma investida maciça das máquinas, que ameaçam

agora o último reduto livre do seu domínio, o subterrâneo mundo de Zion. É com Zion em risco de ser dizimado e a frase "To be concluded" que terminou este segundo filme, estreado em Maio deste ano.

Os misteriosos irmãos Andy e Larry Wachowski (quase nunca são vistos em público e são poucas as fotografias que os identificam) sempre afirmaram que este Matrix só podia ser interpretado quando vistos os seus três capítulos.

Confiantes na popularidade deste filme final, a Warner Brothers não gastou as habituais somas avultadas em promoções. A única verdadeira promoção que existiu foi o anúncio pelos produtores que uma das cenas de acção do filme (com 14 minutos) era uma das mais complexas de sempre e que custou uns exorbitantes 40 milhões de dólares.

Este montante não deve deixar o produtor Joel Silver (Predador, Arma Mortífera, Assalto ao Arranha-Céus) sem sono, já que apenas o primeiro filme angariou perto de 450 milhões de dólares, esperando que as duas sequelas finais passem a barreira dos biliões de dólares.

Muito mais do que telemóvel

Já há muito que as pessoas procuram num telemóvel mais do que um telefone portátil. Agenda ou despertador são utilitários que muitos não dispensam. Mas a vertente lúdica sempre foi um grande atractivo. E longe vão os tempos do "Snake". Nos mais recentes aparelhos, como o N-Gage da Nokia, é possível jogar Sonic, FIFA ou Tomb Rider. Tudo num ecrã a cores e com som estéreo.

Telefones menores, mercados maiores

Há 20 anos, o Nokia Mobira Senator era o topo de gama dos telemóveis. A Nokia transformou-se no maior fabricante de telefones portáteis, com cerca de 40 por cento do mercado. Existem cerca de mil e trezentos milhões de telemóveis em todo o mundo. Na Europa — onde são mais populares — oito em cada dez pessoas tem um. No ano passado, o número de telemóveis ultrapassou o número de telefones fixos.

Nokia N-Gage
Telemóvel e consola de jogos, leitor de MP3, browser com e-mail e rádio FM estéreo

Peso: 125 g

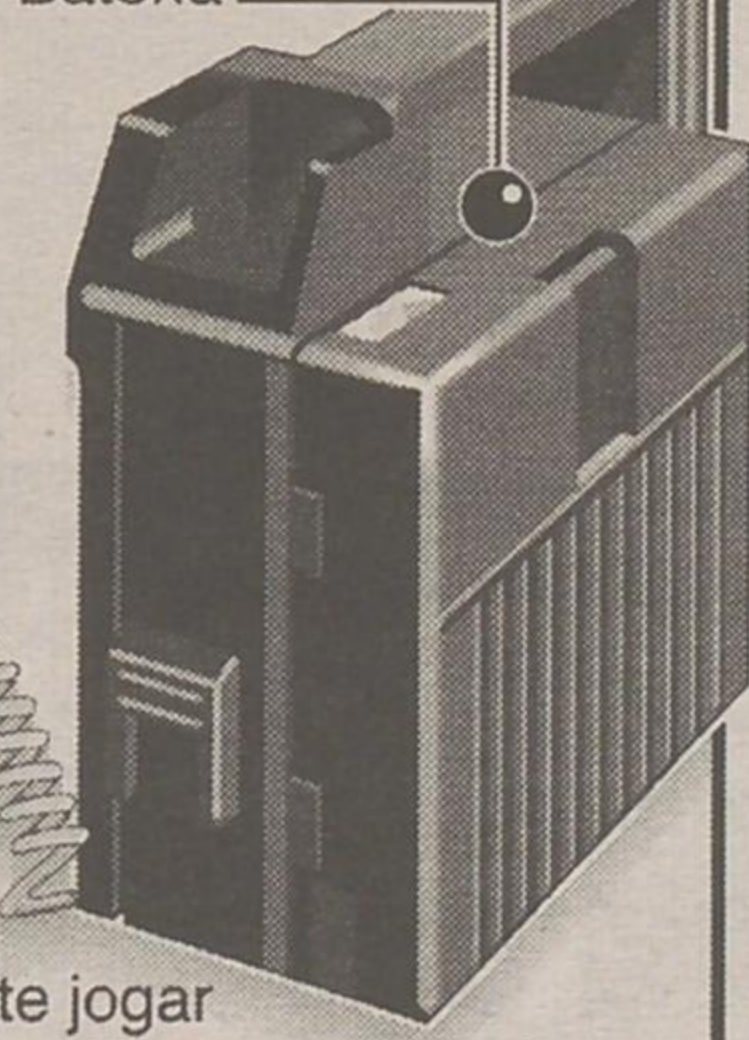


Preço: Cerca de 299 euros, cartões de jogos entre 30 e 40 euros

Fontes: Nokia, Informa Global Subscriber Database, Economist

Mobira Senator
Peso: 9,8 kg

Bateria



O N-Gage permite jogar através do sistema **Bluetooth**, ou à escala mundial, graças ao **GPRS**. Está disponível desde Outubro.

© GRAPHIC NEWS

Mulher no AC Perugia

O presidente do clube de futebol AC Perugia quer uma mulher na equipa principal masculina.

Luciano Gaucci quer contratar uma mulher para jogar na série A italiana, já que a legislação não o proíbe. O dirigente garantiu à imprensa italiana que em Janeiro, quando o mercado reabrir, será conhecido o nome da jogadora que vai integrar a equipa. Gaucci esteve atento ao mundial feminino e tudo indica que a escolhida será Hanna Ljungberg.

Aos 24 anos, Hanna é a única profissional sueca e na última temporada marcou 64 golos pela sua equipa. A jogadora disse ao jornal sueco "Aftonbladet" que tudo isto não passa de uma jogada de marketing.

Luciano Gaucci é conhecido por contratações e dispensas controversas. Lembre-se que é neste clube que joga Saadi Kaddafi, filho do ditador líbio Muamar Kaddafi. Gaucci dispensou Jung-Hwan, o sul-coreano que marcou o golo que afastou a Itália do mundial 2002.

Promessa de milionário

Gigi Becali, dono do clube Steaua de Bucareste, prometeu que por cada eliminatória da Taça UEFA que o seu clube ultrapassasse construiria uma igreja. Os preparativos para a primeira já estão em marcha.

Becali mostrou-se já um verdadeiro cristão ao construir mais de 20 igrejas na Roménia. E após a vitória frente ao Southampton, fez a promessa de construir uma nova igreja por cada eliminatória que o Steaua fosse passando.

As empresas de construção entraram imediatamente em contacto com o multimilionário. E uma chegou mesmo a prometer a construção gratuita de uma casa de férias para o melhor marcador da equipa, Claudiu Raducanu, caso Becali lhe entregue a construção da igreja.

O adversário da segunda eliminatória é o Liverpool e, se o Steaua vencer, prevê-se que surjam mais candidatos à execução das obras da segunda igreja. Resta saber qual vai ser a promessa que as empresas irão fazer para assegurar a construção do próximo templo.

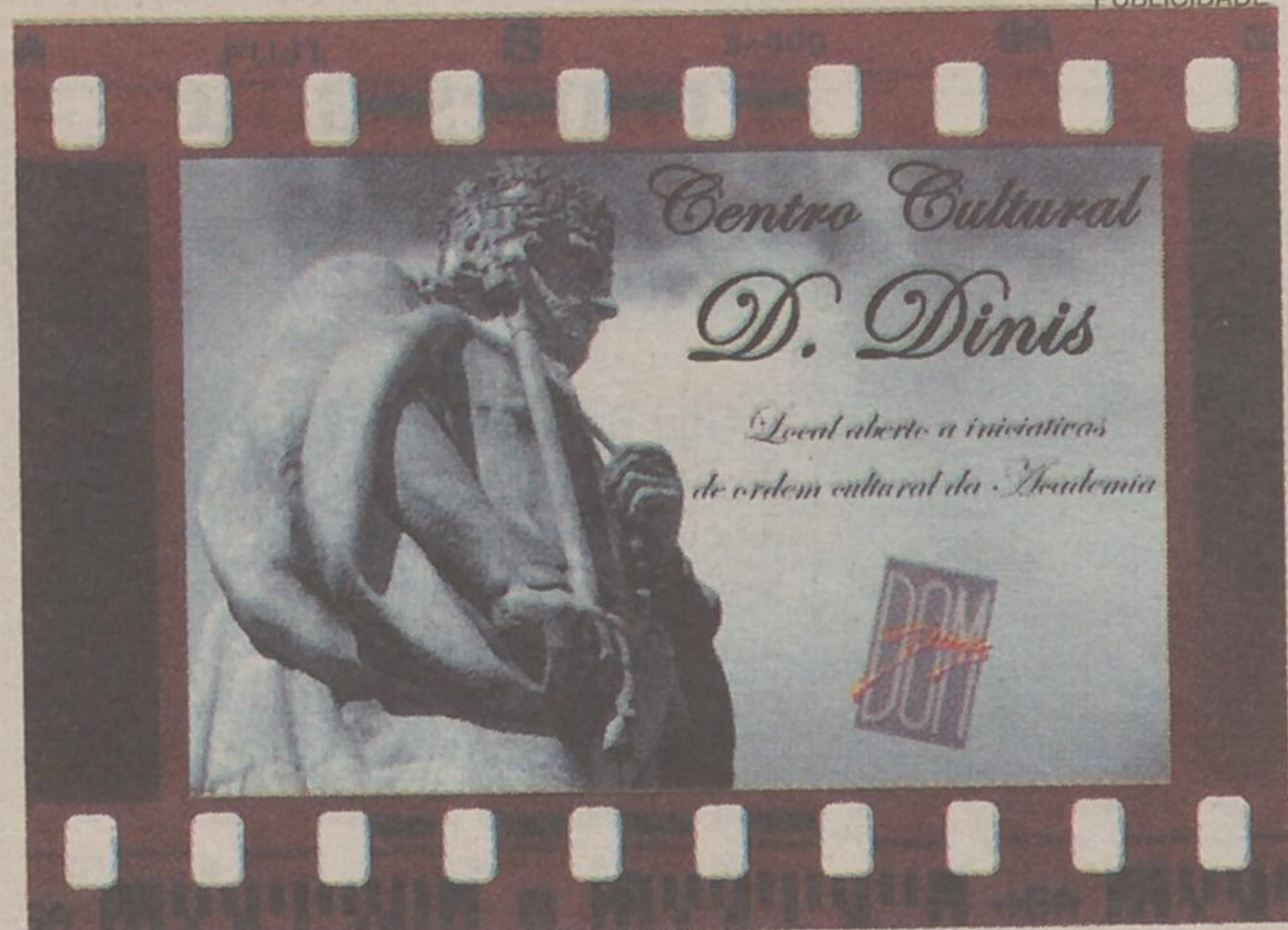
Novas formas para deixar de fumar

Já existe, em Portugal, um novo tratamento para deixar o vício do tabaco. O paciente, que pretenda deixar de fumar, é submetido a uma aplicação de impulsos eléctricos nos pontos sensíveis das orelhas. O tratamento já existe em Itália desde 1986 e só este ano, através do "Antismoking center - Não Fumo Mais", chegou a Portugal.

O centro submete o fumador a um teste, que apura o seu grau de dependência, de forma a saber qual a intensidade com que os impulsos electrónicos, electromagnéticos ou fotónicos deverão ser aplicados.

Estes testes, segundo Frederico Collares Pereira, do "Não Fumo Mais", numa entrevista ao "Diário de Notícias", permitem saber os motivos que levam o fumador a querer abandonar o vício. Isto porque o tratamento não é aplicado a quem se queira submeter de ânimo leve.

O processo de tratamento passa por duas fases. Em primeiro é feita uma auriculoterapia através de estimulação electrónica em pontos que estão ligados ao sistema nervoso. Assim, é provocada uma dissolução da nicotina e do alcatrão concentrados no organismo. Este processo desintoxica, reduz o nível de ansiedade e não provoca sensações de abstinência da nicotina. A segunda fase passa por uma eliminação automática das toxinas, provocada pelo metabolismo. Nos países onde este processo já foi aplicado, a taxa de sucesso ronda os 90 por cento.



IMAGETICA

Por Gustavo Sampaio (texto) e Jonas Batista (fotografia)

Ao princípio não passas de uma imagem deformada pela luz e pela cor, sobre a qual os meus olhos percorrem com relativa indiferença. Até que uma noite a tua mão toca sem querer na minha e ocorre a profunda metamorfose da tua figura perante a minha face surpresa! Então, por entre toda uma imensidão de subterfúgios que procuram cativar a minha atenção, vejo-te a ti e apenas a ti! Consigo distinguir a tua forma no interior de uma multidão de pessoas e de objectos. Representas uma circunferência irregular desenhada numa folha de papel repleta de figuras rectilíneas cuidadosamente traçadas a régua e esquadro. Encontro-te fugazmente enquanto passeias pelo jardim ou à entrada para um filme que começa à meia-noite, sempre profundamente bela e sedutora! Começas a habitar o mundo dos meus

sonhos de vidro. O sabor doce da tua boca, o brilho dos teus olhos, o negro profundo dos teus cabelos inundam o meu imaginário de sensações boas que me fazem sorrir ao correr por longos planaltos de azul-escuro ao fim do dia. Sussurras palavras bonitas ao meu ouvido no escuro do quarto e encostas o teu peito ao meu! Sinto o teu coração a palpitar por debaixo da tua pele quente e macia! Beijo-te os lábios e tu beijas os meus! Adormecemos abraçados sobre o branco puro dos lençóis destapados enquanto lá fora a chuva não pára de cair sobre o chão de pedra... Mas de manhã acordo sempre com frio, decapitado pela tua ausência. Ainda te procuro pela casa mas logo percebo que não te vou encontrar, que nunca ali estiveste. Talvez um dia sintas coragem para te dizer uma coisa.



Orçamento de Estado no Parlamento

José Miguel Abrantes

Esta quinta-feira é votada, na generalidade, a proposta do Governo para o Orçamento de Estado para 2004.

A proposta de orçamento disponibiliza maiores verbas aos projectos relativos à Ciência e Tecnologia (na ordem dos 197,8 e 191 milhões de euros contemplados no PID-DAC), a par com o financiamento nacional do Ministério da Cultura e o combate à fraude e evasão fiscal do Ministério da Economia.

A análise do documento divulgado pelo Ministério das Finanças permite verificar que o mesmo não se irá verificar no que diz respeito ao financiamento do ensino superior. As instituições do sector vão receber 1128,7 milhões de euros, o que corresponde a uma quebra de 1,3 por cento em termos nominais, que poderá alcançar os três por cento se adicionarmos a este valor a inflação prevista para 2004 (entre 1,5 e dois por cento).

A proposta para o Orçamento de 2004 decreta ainda um aumento percentual de 13,2 por cento do investimento na Acção Social Escolar. Esta providência revelou-se algo inevitável após a aprovação da nova lei de financiamento do ensino superior, que fará crescer o valor das propinas entre os 30 e os 140 por cento. A despesa total consolidada para este ministério padecerá de um aumento de 7,2 por cento.

As previsões pouco animadoras foram compreendidas por Maria da Graça Carvalho, ministra da Ciência e Ensino Superior, que anunciou esperar que a partir do próximo ano a tutela esteja pronta para reforçar o orçamento das instituições, não tendo, contudo, feito menção das verbas disponíveis para esse investimento.

Actus#5 traz a Coimbra teatro universitário

Durante uma semana, quinze companhias de teatro universitário vão animar a cidade com espectáculos, performances e workshops

João Pedro Marques
Sandra Dias

Coimbra vai acolher, de 16 a 23 de Novembro, o Actus#5 - Encontros de Teatro Universitário. Cinco anos depois da última edição do encontro, o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) e o Ciclo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC) voltam a unir forças e a organizar um festival de teatro em conjunto.

Em cada uma das oito noites,

um dos grupos de teatro universitário levará uma peça ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV). Haverá lugar ainda para diversas produções alternativas e performances teatrais que decorrerão no Teatro de Bolso do TEUC, no Teatro Estúdio do CITAC e nas ruas da cidade.

A edição deste ano conta com a participação de diversos núcleos teatrais de Lisboa, Porto, Évora, Algarve e Beira Interior, para além do TEUC e do CITAC, organizadores do evento.

O TEUC irá repor uma das suas peças já apresentadas em Coimbra, em Junho do ano passado: "Calígula" de Albert Camus. Quanto ao CITAC, irá apresentar uma nova versão do também já conhecido "O Jogo", de Armando Pina Mendes. A participação do CITAC fica completa com a apresentação de um momento do "Evento sobre Sartre e Beauvoir"

e de "Covil", de Franz Kafka. Estes dois últimos espectáculos integram o conjunto de produções alternativas que têm lugar todas as noites, pelas 24 horas, no Teatro de Bolso e no Teatro de Estúdio, ambos no edifício sede da Associação Académica de Coimbra.

Para quem se começa agora a interessar pelo palco, ou mesmo para quem deseja aperfeiçoar os conhecimentos de teatro, há dois workshops a anotar na agenda: o de pantomima (uma técnica de representação) e um outro de escrita criativa, ambos abertos ao público. A ideia é iniciar os participantes nas técnicas de escrita e performance teatrais, e inclui a apresentação dos trabalhos finais no último dia de evento. Outro workshop juntará elementos dos vários grupos universitários que, no final, produzirão um espectáculo conjunto.

Segundo Filipa Freitas, do

TEUC, os objectivos essenciais da organização "são, por um lado, levar o trabalho dos grupos universitários de teatro até aos estudantes e ao público em geral e, por outro, promover o intercâmbio entre as várias companhias". Filipa diz que a iniciativa "pretende também recuperar a regularidade destes encontros em Coimbra e se possível, em futuras edições, alargar a participação a grupos de teatro estrangeiros". O certame, agora reformulado, tem assim por objectivo relançar Coimbra como centro incontornável do teatro universitário.

Quinze euros é quanto custa um bilhete geral que dá acesso a todos os espectáculos que têm lugar no TAGV (25 para não estudantes). Quanto aos bilhetes pontuais, o preço é de três e cinco euros, para estudantes e não estudantes, respectivamente. Todos os outros eventos são de entrada livre.



A RÁDIO UNIVERSIDADE DE COIMBRA APRESENTA

carl hancock rux

13 NOVEMBRO 03

21:30 TAGV

1ª PARTE **BALLA**



SENADO FIXA PROPINA MÍNIMA PARA ESTE ANO E MÁXIMA PARA PRÓXIMO

Estudantes acusam Seabra Santos de “traição” e “engenharia processual”

Enquanto a academia de Coimbra rumava para a manifestação em Lisboa, tinha início mais uma reunião do Senado da Universidade

de Coimbra. O objectivo dos estudantes era impedir a fixação da propina, recorrendo em último caso à invasão. No entanto, enquanto a

estratégia era delineada à porta do senado, aprovou-se em poucos minutos o novo valor da propina para a Universidade de Coimbra:

neste ano lectivo os estudantes vão pagar 463 euros existindo um aumento, no próximo ano, para os 852 euros.

JONAS BATISTA



MARILYNE ALVES

QUINZE MIL ESTUDANTES EM LISBOA

Coimbra levou cerca de um milhar de estudantes



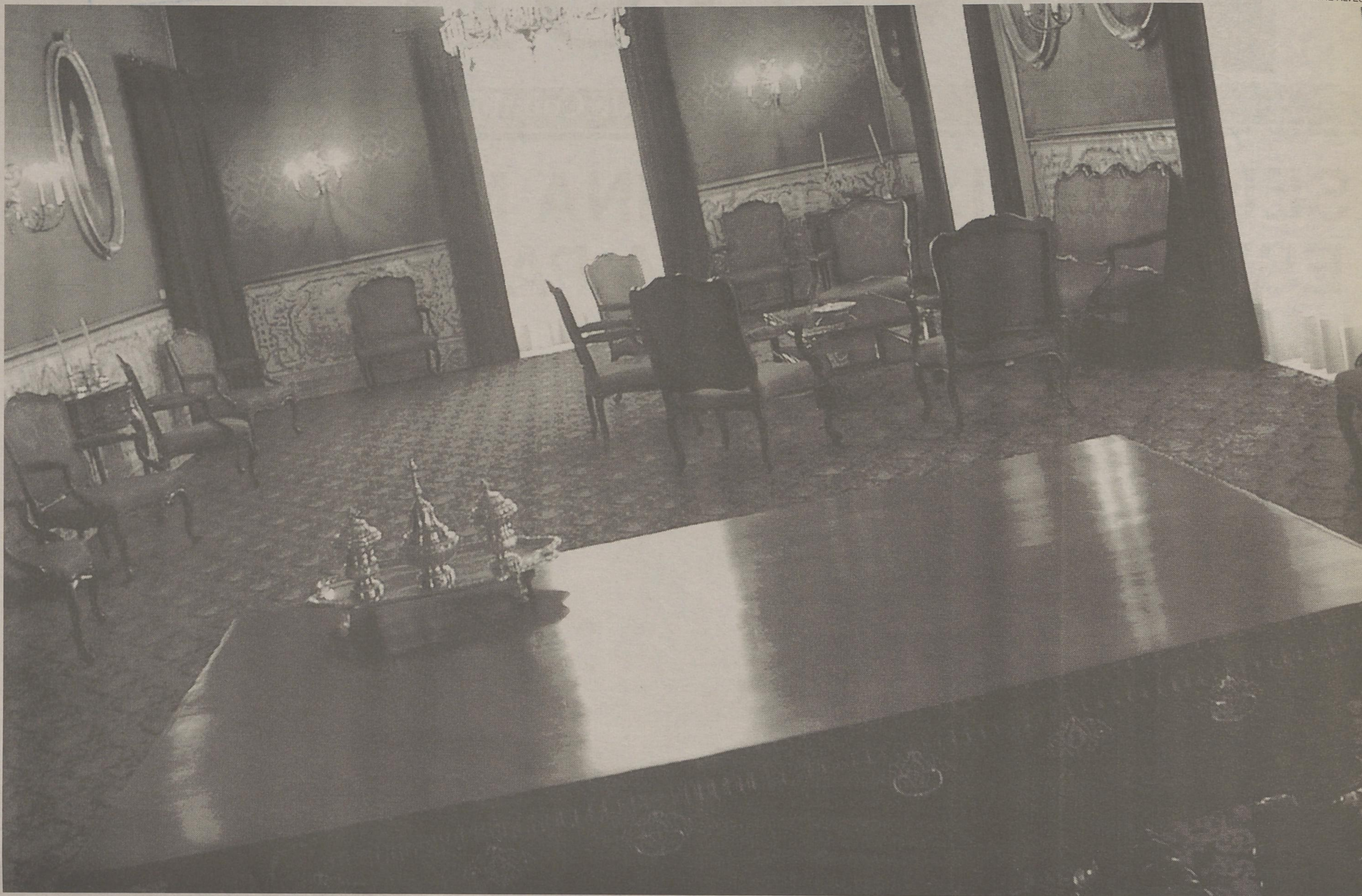
Cerca de quinze mil estudantes do ensino superior preencheram ontem as ruas de Lisboa. Os dirigentes associativos ficaram surpreendidos pela positiva com a enorme adesão dos estudantes àquela que foi, segundo muitos, a maior manifestação de estudantes depois do 25 de Abril.

PUBLICIDADE

Actualizações permanentes em

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra





Sala do Senado palco de um alegado "golpe palaciano" para aprovação das propinas

“Operação relâmpago” aprovou propina

Sem estudantes e em cinco minutos o senado fixou o valor da propina

Apesar de os senadores estudantes não terem faltado à reunião de ontem no senado, o valor das propinas foi aprovado na sua ausência. “Engenharia processual”, defendem os estudantes. O reitor garante que tudo correu de forma democrática

**André Jegundo
Maria João Lopes**

Na reunião do Senado da Universidade de Coimbra, marcada para ontem, os estudantes não conseguiram levar a cabo a resolução aprovada na última Assembleia Magna. Com o objectivo da não fixação do valor da propina na Universidade de Coimbra, os estudantes deliberaram por esta ordem: discutir até à exaustão, esvaziamento do quórum e, em último caso, invasão. Acontece que o valor da

propina foi mesmo aprovado e na ausência dos estudantes senadores.

Às 15 horas, enquanto os autocarros da academia se aproximavam de Lisboa, os estudantes senadores estavam em Coimbra para reunir no senado. Depois do reitor Seabra Santos ter rejeitado o adiamento da reunião, aos estudantes senadores não restou alternativa: ficar e evitar a fixação do valor da propina, mesmo quando esta permanência punha em causa a possibilidade de “exercer o direito constitucional de se manifestarem contra as políticas da tutela no âmbito do ensino superior”.

No início da reunião não estavam presentes docentes nem funcionários suficientes para haver quórum. Por isso, os estudantes pensaram que talvez fosse possível tentar a segunda estratégia deliberada em magna: quebrar o quórum. Acontece que, nas palavras dos senadores estudantes, “foram chegando senadores a conta gotas de uma forma nada habitual”. Segundo os estudantes, enquanto não existia quórum legal para dar início à reunião, o reitor levou a cabo uma sessão informal de troca de

informações que durou mais de uma hora e meia. Por esta altura, e de acordo com a versão dos estudantes senadores, “chega-se ao ponto em que existem finalmente 37 membros”, precisamente na altura em que Miguel Duarte, o único presente no interior da sala, pretendia informar o senado que os estudantes não aceitavam a validade de uma reunião que esperou por quórum durante mais de uma hora e meia. De acordo com a senadora estudante Maria João Ogando, o reitor teve quórum na sala durante cerca de vinte minutos. Para este quórum era decisiva a presença do estudante Miguel Duarte. Segundo Maria João, o reitor não quis começar a reunião por saber que se iniciasse a discussão, o estudante abandonaria a sessão, deixando de haver quórum.

Com a chegada de mais um senador, a possibilidade de quebrar o quórum deixou de estar ao alcance dos estudantes. A estratégia necessita então de ser redefinida, a invasão seria o próximo passo. O estudante senador sai da sala e reúne com os colegas. Nos “cinco a dez minutos” que os estudantes demo-

ram a discutir a estratégia, a reunião do senado começa, aprova-se uma alteração à ordem de trabalhos, antecipando o ponto relativo à proposta do reitor para a fixação do valor das propinas. Procede-se à votação, proposta aprovada: o valor das propinas foi decidido sem a presença de qualquer estudante na sala.

Na versão do reitor, às 15h30 “tínhamos qualquer coisa como trinta pessoas”, número que foi aumentando “até que alguns minutos depois o órgão atingiu quórum, a reunião começou então”. Durante esse período, realizou-se aquilo a que o reitor denomina de “troca informal de posições sobre as últimas alterações ao pacote legistativo”.

Em comunicado oficial, os estudantes consideram que a alteração à ordem de trabalhos foi efectuada “de forma muito pouco ortodoxa”, já que se interrompeu “a reunião a meio de um ponto, quando o senhor reitor estava prestes a ler o próximo documento inserido nos doutoramentos honoris causa” e passar “de imediato ao ponto sete [o das propinas]”. Mais “grave”

consideram ter sido a ausência da leitura prévia da proposta do reitor: “colocou-se rapidamente à votação(...) o ponto sete”. “Tudo isto em cinco minutos...”, sublinham.

Na parte final do comunicado oficial, os estudantes explicam que pediram “um ponto de ordem à mesa que não foi aceite”. Alegadamente por estarem “a meio de um ponto cujo conteúdo não se coadunava com o esclarecimento pedido”. O comunicado conclui que “os estudantes abandonam o órgão que não demonstrou dignidade e no qual não foram tratados como pares”.

Mais tarde, em declarações ao programa “1ª frequência” da Rádio Universidade de Coimbra, Seabra Santos afirmou que “o Senado da Universidade de Coimbra funcionou como um órgão democrático, onde prevaleceu a opinião da maioria”. Contudo, o reitor admite compreender a “desolação dos estudantes que não viram concretizadas as suas aspirações”. No entanto, o docente apela: “somos todos democratas e temos que admitir que nem sempre as nossas posições vingam”.

Porta Férrea fechada contra reitor

Estudantes fecharam a reitoria a cadeado como protesto contra a fixação da propina. Seabra Santos é o principal visado das críticas estudantis

Emanuel Graça

Foi numa Reunião Geral de Alunos (RGA) extraordinária que decorreu esta noite que os estudantes da Universidade de Coimbra (UC) decidiram fechar a reitoria. Este protesto surge como resposta à decisão de ontem do senado de fixar as propinas à revelia dos estudantes. Para a próxima semana, esperam-se já novas formas de manifestação, com uma Assembleia Magna (AM) marcada para segunda-feira.

A RGA, convocada de emergência, teve início pouco passava da meia-noite. Como único ponto, pretendia-se discutir a aprovação, ontem à tarde, da propina na UC para os próximos dois anos lectivos (a propina mínima de 463 euros para o corrente ano lectivo e 852 euros para 2004/2005, a propina máxima prevista por lei). A razão deste horário prendeu-se com a chegada dos estudantes da academia de Coimbra que se tinham manifestado em Lisboa, integrados no protesto nacional do ensino superior que ontem teve lugar (ver página seguinte). Deste modo, só após a chegada dos autocarros oriundos da capital é que a reunião começou.

Inicialmente prevista para os jardins da Associação Académica de Coimbra, frente à faculdade de Letras, a RGA acabou, no entanto, por tomar lugar no Pátio das Químicas, local coberto. Entre os cerca de 300 a 350 presentes, a maioria estudantes providos da manifestação em Lisboa, era quase unânime o incómodo causado pela situação ambígua: apesar do sentimento de vitória alcançado com a acção de protesto em Lisboa, a fixação das propinas na UC, à revelia dos estudantes, surgia como um pesado fardo. Como sintetizaria um aluno mais à frente: "Ganhámos fora, perdemos em casa".

O presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Victor Hugo Salgado, abriu as hostilidades. Congratulando a academia de Coimbra pela "participação massiva" na manifestação em Lisboa, o estudante de Direito preferiu não adiantar muito sobre a situação que se tinha passado no senado, optando por passar a palavra aos estudantes directamente envolvidos. Ficou assim a cargo de Bruno Julião, senador da Faculdade de Letras da UC, e de Miguel Duarte, outro dos senadores presentes na polémica reunião de senado (e último estudante a



Os estudantes prometem manter a reitoria fechada a cadeado até à próxima segunda-feira

abandonar a sala), explicar todo o polémico processo.

Passou-se então à discussão e análise do sucedido, com a maioria das intervenções a criticarem o papel de Seabra Santos, acusando-o de "ter água no bico" e de utilizar o senado como "um fantoche". Apesar de quase todos os discursos visarem a actuação reitoral, houve ainda espaço para um estudante se demonstrar desagrado com o desempenho dos senadores em todo este imbróglio, classificando-os mesmo de "incompetentes". Numa posição intermédia, uma outra estudante apontou o dedo à deliberação de AM que havia decidido para ontem uma dupla acção dos estudantes da UC: impedimento da fixação do valor da propina em senado, em Coimbra, e participação na manifestação nacional, em Lisboa. "Devíamos ter ido todos para Lisboa", sentenciou a aluna.

De resto, a toada quente das afirmações contra a pessoa de Seabra Santos marcou as intervenções estudantis. "Traição", "má-fé" e "pouca ética" foram algumas das palavras utilizadas para classificar a actuação do reitor no processo que culminou com a fixa-

ção das propinas por parte do senado.

Entretanto, no final das intervenções, Victor Hugo Salgado voltou a dirigir-se aos estudantes. Agora num tom mais efusivo, o presidente da DG/AAC afirmou que a atitude de Seabra Santos e do senado não poderia "passar em branco". Neste sentido, foi peremptório ao propor o "encerramento a cadeado da reitoria" até à próxima segunda-feira, proposta essa que foi aprovada por larga maioria. De resto, segundo as palavras do estudante de Direito, vai ser a própria DG/AAC a assumir a responsabilidade da proposta desta acção perante a maioria dos colegas, já na próxima AM, que ficou marcada para a noite de segunda-feira.

Terminada a reunião, os estudantes foram directamente encerrar as portas da reitoria a cadeado. O relógio da torre da universidade marcava então 1h55m quando o primeiro cadeado foi colocado na Porta Férrea, fechando o acesso aos paços da reitoria durante os próximos cinco dias e abrindo uma das maiores crises institucionais da UC após a demissão do anterior reitor, Fernando Rebelo.

Seabra apanhado de surpresa

Contactado pelo Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA, o reitor da Universidade de Coimbra demonstrou-se surpreendido com a atitude dos estudantes. "Lamento imenso que as portas tenham sido fechadas a cadeado. Essa é uma forma de não encarar os problemas e de procurar uma fuga em frente", considera Seabra Santos.

Para já, o reitor não quis adiantar o que irá fazer em relação ao fecho da reitoria: "É lamentável a atitude... Vou reflectir sobre ela e vou tomar as minhas decisões em função disso", explica.

Sobre a questão se poderia ter tido uma acção diferente no caso da fixação das propinas, Seabra Santos considera que não. "Não vejo como é que o presidente da mesa do senado possa evitar o decurso normal da reunião e possa evitar a concretização das discussões e das votações que se têm que concretizar", refere o docente.

Evasão e invasão para evitar propina

Duas reuniões de Senado da Universidade de Coimbra foram já realizadas, na tentativa de fixar o valor da propina, segundo a lei do Ministério da Ciência e do Ensino Superior

Ana Maria Oliveira

A primeira reunião do senado universitário realizou-se dia 1 de Outubro, quarta-feira, pelas 20:15. O reitor da Universidade de Coimbra, Seabra Santos, tinha proposto a adopção da propina mínima para este ano, sendo no próximo ano de 852 euros, ou seja, o valor máximo. Não foi obtido qualquer resultado no que diz respeito à fixação das propinas, já que, optando por não votar o ponto referente a estas, os representantes dos estudantes abandonaram a reunião como forma de protesto. Com esta parte ausente não houve quórum para a votação da proposta sobre as propinas feita pelo reitor Seabra Santos. Como acontece nestes casos, onde o valor da propina não é atribuído, a lei manda que se pratique o valor mínimo de 463 euros. O reitor da Universidade de Coimbra marcou prontamente uma nova reunião de senado, que se viria a realizar dia 7 de Outubro.

Nova reunião foi realizada na tarde de 7 de Outubro, terça-feira. Esta reunião de senado, tal como a anterior, não obteve quaisquer resultados no que diz respeito à fixação das propinas. Um grupo de estudantes mobilizado pelos estudantes senadores antes de decorrer a votação da proposta de fixação do valor das propinas, invadiu de forma pacífica, com um adesivo simbólico na boca, a sala do senado. Face a isso, o reitor Seabra Santos considerou que pela presença de alunos não senadores não existiam condições de assegurar a continuidade da reunião. Assim, a fixação do valor das propinas ficou, mais uma vez, adiada para uma reunião ordinária que viria a decorrer dia 5 de Novembro. Ainda houve tentativas de adiamento desta reunião, pois dia 5 foi também o dia da manifestação nacional, realizada em Lisboa.

É de referir que o Senado da Universidade de Coimbra é constituído pelo reitor, por um vice-reitor, pelos presidentes dos Conselhos Directivo e Científico de cada faculdade, um doutor e um docente não doutorado de cada faculdade, um investigador, um funcionário de cada faculdade, um dos serviços e estabelecimentos na dependência directa do reitor e um dos Serviços da Acção Social da UC. Ao todo contamos com 72 representantes.

Para a existência de reunião de senado e funções que lhe são atribuídas, é necessária a existência de um quórum. Este é constituído por metade dos representantes mais um, ou seja, 37 representantes. Sem este número é impossível a validade do senado, assim como suas respectivas funções.

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº183245/02 Registo ICS nº116759

Director Emanuel Graça **Chefe de Redacção/Director A CABRA.net** João Pereira **Editor de Fotografia** Jonas Batista **Editor de Academia e Universidade** Tiago Azevedo **Editor de Cidade, Nacional e Internacional** Mário Guerreiro **Editora de Ciência** Lurdes Lagarto **Editor de Desporto** João Cortesão **Editor de Cultura** João Vasco **Editores A CABRA.net** Emanuel Graça, Liliana Guimarães, Maria João Lopes, Rita Delille, Vítor Aires, Vítor Rodrigues e Oliveira **Secretária de Redacção** Liliana Guimarães **Secretária de Redacção A CABRA.net:** Margarida Matos **Paginação** Emanuel Graça **Redacção** Aida Lima, Ana Maria Oliveira, André Jegundo, Bruno Fernandes, Carina Valério, Carina Fonseca, Carla Pinto, Cláudia Rodrigues, Cristina Bastos, Daniela Pereira, Diana Ramos, Edgar Caetano, Gustavo Sampaio, Hugo Ferreira, Inês Saraiva, Joana Fialho, Joana Moreira, João Baía, João Pedro Marques, Jorge Vaz Nande, José Manuel Camacho, Kossaki, Leila Campos, Luís Miguel Silva, Luís Pedro Gomes, Manuel Eduardo, Marco Pereira, Marília Frias, Marilyne Alves, Marta Poaires, Nuno Curado, Patrícia Lourenço, Paulo Alexandre Teixeira, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Santos, Rui Justiniano, Rui Pestana, Sandra Dias, Sara Cardoso, Sara Martins, Sofia Carvalho, Sónia Nunes, Soraia Letra, Suzana Marto, Tiago Carvalho, Vânia Correia **Colaboradores** Ana Rita, Andreia Ferreira, António Leitão, Bruno Vicente, Carlos Portela, Celine Cangeiro, David Jacob, Dinarte Melim Velosa, Filipa Oliveira, Hélder Wasterlain, Joana Ereio, Joana Montenegro, José Miguel Abrantes, José Miguel Pereira, Isidro Fagundes, Liliana Carona, Liliana Gonçalves, Lisette Esteves, Nuno Paiva, Patrícia Martinho, Paulo Azevedo, Rita Gouveia, Rodrigo Paulino, Rogério Ramos, Rosa Ramos, Sofia Nunes, Susana Ventura, Tiago Pimentel **Fotografia** Ana Laura, Carla Pinto, Cláudio Vaz, Daniela Pereira, Francisca Moreira, Joana Fonseca, Jorge Vaz Nande, Marilyne Alves **Publicidade** Sofia Carvalho - 239821554; 914941677 **Impressão** CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone. 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com **Tiragem** 4000 exemplares **Produção** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade** Associação Académica de Coimbra **Agradecimentos** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

EDITORIAL

Confiança: um bem sustentável?

Sem falsos juízos, o que ontem se passou no Senado da Universidade de Coimbra (UC) pode ser equiparado à traição de Brutus ao imperador romano Júlio César. Aguardar pela inexistência de estudantes na reunião para fazer aprovar uma moção de alteração aos pontos de ordem e votar a fixação de propinas é uma atitude incompreensível. Na verdade, não é concebível que professores e funcionários tenham uma atitude, senão infantil, pelo menos imatura. E, sendo esta a proposta de um dos professores, a verdade é que não existiu a coerência moral para rejeitar um argumento que em nada favorece a posição dos docentes. Isto após um atraso inexplicável, com a realização de um processo de "informações não oficiais", que mais não foi senão um subterfúgio para a angariação de quórum.

Até que ponto pode tudo isto abalar o desenvolvimento da universidade baseado naquele que devia ser o seu pilar mais consistente: o esforço conjunto entre docentes e discentes? Estará finalmente em causa a Pax Universitária?

Aos olhos dos docentes, a luta estudantil pode estar a ficar "parca" em argumentos, mas, de certeza, a forma de actuação não foi a melhor. Se a função destes órgãos é tutelar a instituição e defender os seus estudantes, a realidade é que a postura ontem demonstrada em nada favorece os frequentadores desta instituição. Aderindo à lógica mercantilista, por arrasto das restantes instituições do país, não faz mais sentido falar em estudantes na UC mas, a partir de agora, utilizando palavras do reitor Seabra Santos, frequentadores de "instituições que brincam aos mercados".

De qualquer modo, a fixação das propinas na UC não deixa de ser um processo envolto em muita polémica. Após abandonos, invasões e discussões, o valor da propina foi estipulado sem a presença dos alunos senadores. O problema é que nem estes conseguem perceber como decorreu o processo, nem os restantes senadores que o votaram "abrem o jogo". Incoerências quanto ao início da sessão, à existência de quórum e ao decurso do processo continuam assim no "segredo dos deuses". Considerando a dimensão e a importância que a decisão de ontem tem para o futuro desta instituição, este é um mistério que, para já, fica por resolver.

No entanto existem outros factores que também devem ser considerados nesta balança. Certamente a fixação do valor máximo da propina, quer para este ano ou para o próximo, era uma realidade que apenas poderia ser adiada. Mais tarde ou mais cedo, esta instituição atingiria a propina máxima. Caso contrário, corria o risco de, num mercado que contraria a lógica normal do sistema, e dado o crescimento da oferta para uma menor procura, ficar várias milhas atrás dos restantes "estabelecimentos comerciais". E os estudantes, cientes desta questão, direccionaram a batalha para o mais importante, o campo da revogação da Lei de Financiamento para o Ensino Superior. Um mote que devem continuar a defender, uma vez que não estavam presentes na deliberação da propina.

Tudo isto acontece numa altura em que, sintomaticamente, se discute o peso dos estudantes nos órgãos colegiais das instituições. Como podem então os alunos, pese embora algumas excepções, depositar a sua confiança em quem não compreende as suas reivindicações? O Governo pretende retirar peso aos estudantes nos órgãos de gestão. A verdade é que, pelos mais recentes acontecimentos, já temos noção de como irão funcionar estes órgãos se esta medida for levada avante.

Apesar do descrédito demonstrado pelos docentes, a verdade é que os estudantes, tanto da UC como das restantes instituições, estão de parabéns quanto à mobilização para a manifestação de ontem em Lisboa. Há muito tempo que a capital não era invadida por um "mar de gente" que contesta abertamente a política do actual Governo, demonstrando o cepticismo quanto às reformas em curso. Se estas medidas conduzem à rua milhares de estudantes, como pode ser compreensível que se considere que esta é a melhor forma para o funcionamento das universidades?

Até que ponto pode tudo isto abalar o desenvolvimento da universidade baseado naquele que devia ser o seu pilar mais consistente: o esforço conjunto entre docentes e discentes? Estará finalmente em causa a Pax Universitária? **Tiago Azevedo**

Quinze mil estudantes manifestam-se em Lisboa



Grande mobilização estudantil surpreendeu dirigentes pela positiva

Alunos do ensino superior congestionaram as ruas da capital até à Assembleia da República (AR), naquela que foi considerada a maior manifestação dos últimos anos

João Cortesão
Mário Guerreiro

As estimativas iniciais apontavam para cerca de 7 mil alunos, mas os números finais situam-se entre os 10 e os 15 mil, repartidos pelas várias academias e associações de estudantes do país.

A Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) disponibilizou três dezenas de autocarros para levar todos aqueles que pretendessem manifestar-se em Lisboa. O ponto de encontro era o Largo D. Dinis, às 10h00, mas à hora marcada o cenário acolhia apenas meia centena de pessoas, tendo sido então encetado um périplo pelas várias faculdades com o intuito de cativar mais estudantes para a manifestação. A partida acabou por suceder às 13h00, com cerca de 20 dos 30 autocarros a transportarem mil alunos.

A chegada à capital deu-se às 16h30, esperando já no local estudantes da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Aguardava-se então pelo restante da manifestação que se encontrava na Cidade Universitária.

Nesse período de espera, a AAC desfraldou uma faixa gigante onde se podia ler: "Coimbra está em Lisboa", "Revogação Já", "Onde está a Acção Social?", "Para onde vão as propinas?", "Cortes até quando?", "O Ensino Superior merece mais". Por esta altura as autoridades policiais apontavam para cerca de sete mil estudantes, repartidos entre o Marquês de Pombal e a Cidade Universitária.

Perto das 17h30 juntaram-se por fim as duas metades do protesto. Uma carrinha do Instituto Superior Técnico de Lisboa (IST) adornada com uma réplica do Titanic a afundar-se e uma faixa da Federação Académica do Porto onde se podia ler a inscrição: "Pelo Povo Português" encabeçavam a manifestação vinda da Cidade Universitária. As duas metades da "manif" tornaram-se então uma só, com o gigante

manto negro da AAC na frente, atrás do Titanic do IST. Entretanto, eram cada vez mais audíveis os rumores que davam como certa a aprovação da aplicação da propina mínima na UC (463 euros), decidida na reunião de senado (ver texto da página 2).

Revogação foi o termo mais ouvido

Do Marquês de Pombal à AR aliam-se de forma ruidosa os sons dos apitos distribuídos pela Associação Académica de Lisboa (AAL) às palavras de ordem. "Acção Social não existe em Portugal", "Prescrição só para o Durão" foram apenas algumas das frases de contestação gritadas. As palavras de ordem mais ouvidas foram mesmo aquelas que reclamavam a revogação das propostas do executivo: "Revogação Já" ou "Nem mínima, nem máxima, revogação já" foram apenas algumas das combinações possíveis ouvidas.

A chegada ao Largo de São Bento e à AR deu-se por volta das 18h00, tendo sido o corpo do protesto engrossado por cada vez mais estudantes até ao destino final. Por esta altura as autoridades policiais já falavam em mais de 10 mil pessoas, enquanto Miguel Teixeira, da AAL considerava a manifestação a maior do sector desde o 25 de Abril, com a presença de 15 mil manifestantes. Enquanto o início da manifestação se instalava em frente à AR, o final da mesma ainda não tinha passado o Largo do Rato.

A manifestação permaneceu em frente à AR durante mais duas horas, esperando a presença da ministra da Ciência e Ensino Superior, o que não se veio a verificar. Vários deputados da oposição parlamentar ainda desceram a escadaria do Parlamento para ouvir as críticas dos estudantes, mas nada da ministra Maria Graça Carvalho.

O protesto na AR foi marcado visualmente pelo matagal de faixas e cartazes contestatários, mas também pelo "apitão" por vezes de proporções ensurdecedoras. O atear de um cartaz onde se podia ler a palavra "Educação" e o seguinte envolver pelo fumo de uma estrutura vertical em metal com a inscrição "Quem brinca com o fogo queima-se" foi também uma das imagens de marca do protesto, que terminou com o esperado plenário informal entre as várias academias. Após o final deste, os representantes máximos das estruturas estudantis reafirmaram a vontade de continuar as acções de protesto até ser conseguida a revogação da lei.

Reacções dos dirigentes estudantis

Victor Hugo Salgado
(presidente da Associação Académica de Coimbra)

"Esta iniciativa superou as expectativas. Coimbra esteve em Lisboa com mais de 1000 estudantes"

"A academia de Coimbra, tal como as outras academias do país, estão de parabéns por terem conseguido reunir quinze mil estudantes naquela que foi considerada a maior manifestação desde 74"

"Esta é a prova de uma mobilização crescente em torno de uma luta comum e um ponto de partida para novas acções de protesto"

Miguel Teixeira
(presidente da Associação Académica de Lisboa)

"Os portugueses estão definitivamente em rota de colisão para com uma política que é pouco justa, pouco paritária, pouco social e, sobretudo, oportunista ao serviço de elites."

Esta foi a maior manifestação do pós-25 de Abril no sector da educação. Nunca, como hoje, foi tão necessário contestar um governo que é autista, autoritário e que não quer governar para os portugueses. Quer governar para si mesmo."

Miguel Coelho
(presidente da Federação Nacional das Associações de Estudantes do Ensino Superior Politécnico)

"Neste momento, quando a sociedade portuguesa está morta, os estudantes deram provas de que estão dispostos a exercer a sua cidadania, correctamente, como aconteceu hoje. Esta manifestação faz todo o sentido nesta altura tal como farão as próximas acções de protesto."

Nuno Mendes
(presidente da Federação Académica do Porto)

"Posso dizer que a luta começa hoje. Aquilo que aconteceu no último mês, em diversas academias do país foi apenas um ensaio para o dia de hoje."

"Esta não é uma luta apenas dos dirigentes, é sobretudo uma luta dos estudantes em geral. Daqui para a frente o Governo não tem grandes opções."

"A manifestação de hoje não vai fazer cair a ministra nem a vai fazer mudar de ideias mas vai ser um instrumento de desgaste de tal modo incisivo que nada será como dantes, depois do dia de hoje."